

**ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: A
ENFERMAGEM NA CONSTRUÇÃO DE UM
PROCESSO EDUCATIVO FUNDAMENTADO
EM PAULO FREIRE**



FLORIANÓPOLIS

2000

DENISE DUARTE GRAFULHA DA COSTA

**ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: A
ENFERMAGEM NA CONSTRUÇÃO DE UM
PROCESSO EDUCATIVO FUNDAMENTADO EM
PAULO FREIRE**

CONSULTA LOCAL

**Florianópolis
Outubro de 2000**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE MESTRADO EM ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL -
FAPERGS/UFSC/UFPEL/FURG/URCAMP

ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: A
ENFERMAGEM NA CONSTRUÇÃO DE UM
PROCESSO EDUCATIVO FUNDAMENTADO EM
PAULO FREIRE

DENISE DUARTE GRAFULHA DA COSTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Mestre em Enfermagem, área de concentração- Assistência de Enfermagem.

ORIENTADORA: Dr^a. VALÉRIA LERCH LUNARDI

Florianópolis

Outubro de 2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE MESTRADO EM ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL –
FAPERGS/UFSC/UFPEL/FURG/URCAMP


**ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: A ENFERMAGEM NA
CONSTRUÇÃO DE UM PROCESSO EDUCATIVO
FUNDAMENTADO EM PAULO FREIRE**

DENISE DUARTE GRAFULHA DA COSTA

Esta dissertação foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para a obtenção do título de:


**MESTRE EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO - ASSISTÊNCIA EM
ENFERMAGEM**

- e aprovada na sua versão final em 31 de outubro de 2000, atendendo às normas da legislação vigente da Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem.



Dr.^a Denise Elvira Pires de Pires
Coordenadora do Curso

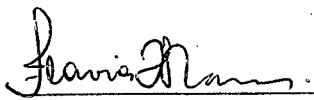
BANCA EXAMINADORA:



Dr.^a Valéria Lerch Lunardi
Presidente



Dr.^a Rosane Gonçalves Nitschke
Membro



Dr.^a Flávia Ramos
Membro

Dedico esta dissertação ao grupo de adolescentes que fizeram parte desse trabalho, porque sem eles nada teria valor; com eles, pude compartilhar minhas ansiedades, incertezas e satisfações. Nesta agradável convivência, foi possível a elaboração desse trabalho, através do acompanhamento de suas atitudes, reações e comportamentos.

Acredito não ter passado nenhuma lição ou ensinado algo novo, mas, sim, ter facilitado a sua descoberta do quanto são capazes de transformar a realidade.

A minha filha Flávia, hoje, com dezesseis anos, que nasceu no início da minha adolescência, que, no dia a dia, se fez presente e por isso participou e acelerou o meu processo de amadurecimento. Foi responsável por desencadear minha reflexão e que, cada vez mais, ensina-me a acreditar no potencial desta fase, transitória, mas de importância fundamental para o desenvolvimento da cidadania e caráter do ser humano.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

*A **Deus**, por ter me direcionado a vida, sempre iluminando o meu caminho.*

*À **Valéria**, pela dedicação, pela incomparável sabedoria e competência. Obrigada pela compreensão, pela amizade, pelo carinho e por estar sempre presente. Hoje, entendo o quanto foi necessário "refazer", e o quanto tiveste paciência. Contigo, aprendi muitas coisas e entre elas, a gostar do computador. e, também, que construir uma dissertação não é tarefa fácil e que não se constrói com pressa; muitas vezes, tive dificuldade em entender esse processo, mas agora sinto-me satisfeita e gratificada. És responsável pelo meu amadurecimento, a tua presença foi fundamental, Obrigada por me Orientar!*

*E ao teu esposo **Wilson** e aos teus filhos, agradeço a receptividade e a gentileza com que sempre me receberam nos diversos horários.*

*Aos **adolescentes** que participaram desse trabalho, porque sem eles não teria sido possível. Pelo carinho, disponibilidade, interesse e seriedade.*

AGRADECIMENTOS À FAMÍLIA

A minha família, por ser a base de tudo, onde aprendi a amar, respeitar e valorizar o ser humano por mais "diferente" que ele seja.

Ao Flávio, por esses dezenove anos de convivência, e por tentar entender as minhas ausências; contigo aprendi a encarar a vida, à Flávia, por acreditar sempre que sou capaz, pela amizade, força, respeito, pelos conselhos e principalmente pelo amor e confiança.

Aos meus pais, Ana e João. À minha mãe, pela força, coragem para encarar a vida, pelo amor e dedicação ao trabalho, e incentivo de sempre, por não ter permitido que eu abandonasse os bancos escolares, com dezesseis anos, quando deixei de ser somente adolescente e passei a ser mãe. Ao meu pai que, mesmo de maneira atrapalhada, me fez seguir em frente e esteve sempre torcendo pelo meu sucesso. A vocês, sou muito grata e tenho a maior admiração.

A minha madrinha Noeli, por acreditar, pelo carinho e compreensão. Vejo, em ti, um exemplo de mãe e dedicação. Ao meu primo Marcelo, pela inocência e pelo sorriso sempre presente.

Aos meus irmãos, João André, Ana Cristina e Jaqueline, pela torcida mesmo a distância.

Ao meu sobrinho Jonas que, mesmo com a pouca idade e inocência, me deu uma "lição de vida", fazendo com que eu amasse muito mais a vida e as pessoas.

A Zilla, Solange, por acreditar no meu esforço, e a Carmelita, que embora não esteja mais no nosso convívio, sempre acreditou.

A Dulce, pela amizade, torcida; e por cuidar do Flávio e da Flávia todo o tempo, e por organizar e administrar a nossa casa.

AGRADECIMENTOS ...

À amiga **Vera Lúcia Teixeira Arejano** que, desde o início dessa trajetória, me deu estímulo, amizade e acreditou. É maravilhoso poder contar contigo. Obrigada!

Às colegas de mestrado: **Gisa, Ivete, Graça, Mariângela, Jacque, Kênia, Giovana, Susi, Gladis, Benildes, Luca, Jaqueline, Lisiane, Francisca, Emília, Rosaní, Silvia, Marilú, Janice, Débora, Simone, Alice e Solange**. O nosso convívio foi ótimo, aprendi muito com vocês.

E com carinho a turma do **GOLF**. Transporte em que a Ivete nos conduzia a mim, e a Gisa nos nossos muitos "ires e vires" a Pelotas. O nosso convívio permitiu uma maior aproximação; certamente ficará marcado em nossa "trajetória rumo ao tema". No **GOLF**, tudo era permitido: desabafos, confidências, críticas, comentários mas a regra principal era o "sigilo", após sair do **GOLF**, nada poderia ser comentado. Parceiras, esse momento foi muito importante, adoro vocês.

À **Graça** pela parceria, amizade, que conquistamos. Foi ótimo conviver contigo.

À coordenadora do mestrado, **Luciane**, pelo seu bom senso, profissionalismo e carinho.

Aos **professores e diretores da escola** onde realizei esse trabalho, pela disponibilidade e aceitação.

À **Universidade Federal de Santa Catarina, à Fundação Universidade Federal do Rio Grande, à Universidade Federal de Pelotas e ao corpo docente e funcionários, pela dedicação. À FAPERGS, pelo apoio e incentivo a pesquisa.**

À direção do Colégio Técnico Industrial Prof. Mário Alquati da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, (CTI), **Alexandre e Edda**, pela receptividade e respeito que sempre demonstraram ao meu trabalho. À colega de

trabalho **Marise Xavier Gonçalves**, e aos nossos **alunos do Curso Técnico de Enfermagem**, pela ajuda e compreensão.

À professora do departamento de Educação e Ciências do Comportamento, da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, **Guiomar Freitas Soares**, pelo apoio e incentivo.

À banca examinadora, pela disponibilidade e contribuições.

A todos os amigos que através de palavras, gestos e atitudes contribuíram para realização deste trabalho. Muito Obrigada!

RESUMO

COSTA, Denise Duarte Grafulha da. **Adolescência e sexualidade: a enfermagem na construção de um processo educativo fundamentado em Paulo Freire.** Florianópolis, 2000. Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Assistência de Enfermagem da UFSC, Mestrado Interinstitucional - FAPERGS/UFSC/UFPEL/FURG/URCAMP, para obtenção do título de Mestre. Orientadora: Dr^a. Valéria Lerch Lunardi.

A partir de um número crescente de adolescentes grávidas e, na maioria das vezes, gravidezes que não pareciam ter sido resultantes de um planejamento prévio, foi possível observar seus medos, angústias e desconhecimentos assim como a necessidade de informação, de conhecimento sobre o seu corpo e o que acontece com elas. Optei, então, por construir um processo educativo com adolescentes, de uma escola pública, baseado em alguns conceitos de Freire, focalizando a sexualidade e os temas nela envolvidos, tendo a intenção de favorecer uma maior instrumentalização dos adolescentes no atendimento de sua sexualidade, tendo em vista o seu processo de cidadania. Uma proposta em que os sujeitos participantes fossem ativos numa concepção pautada pela liberdade e autonomia dialógica, crítica e criticadora. Embora a temática central deste estudo seja a Sexualidade na Adolescência, surgiram vários temas os quais ficaram sistematizados: O Processo de Adolescer: O Exercício da Sexualidade e da Cidadania, Drogas e Adolescência e O diálogo como instrumento para a construção da Cidadania. A partir do momento em que problematizamos e refletimos uma situação vivida, analisando o cotidiano de maneira crítica, passamos a nos reconhecer como sujeitos históricos, portanto, capazes de atuar para transformar a realidade.

ABSTRACT

COSTA, Denise Duarte Grafulha da. ***Adolescence and Sexuality*** – Nursing in the construction of an educational process based on Paulo Freire. Florianópolis, 2000. Science and Health Center of the Federal University of Santa Catarina. Dissertation introduced to the post-graduate course in nursing assistance of the UFSC, A Master Degree - FAPERGS/UFSC/UFPEL/FURG/URCAMP, to achieve A Master Degree.

Guidance: Docteres Valéria Lerch Lunardi.

Taking into consideration the great percentage of pregnant adolescents: And most of the time, these pregnancies didn't seem to have been the result of a previous planning. It was possible to observe their fear, anguish and ignorance as well as a need of reliable information, a knowledge of their bodies and what happens to them. I opted for the building of an educational process with adolescents of a public school based on Freire's concepts focussing on the sexual aspect and themes involving this specific area. It was my intention to provide a better assistance to the adolescents concerning to their sexuality viewingg to their citizenship process. A proposal in that the participants would be more active based on a conception towards freedom and autonomy to talk, were they could accept criticism and also to discuss things, to criticise and to be able to question. Although the main thematic of this study is the sexuality during the adolescence, several themes appeared which were systematized: the process of becoming an adolescent: to experience or express sexual feelings, and the right to develop the citizenship, drugs and adolescence and the dialogue as a means to achieve the ideal citizenship. Starting from the moment in which we can express our doubts and to reflect a lived situation, analyzing the daily events in a critical way, therefore, being able to act and to transform the reallity.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO II – UM OLHAR PARA A SEXUALIDADE, DESENVOLVIMENTO DO SER HUMANO E ADOLESCÊNCIA	13
2.1 – SEXUALIDADE, DESENVOLVIMENTO DO SER HUMANO E ADOLESCÊNCIA.....	16
2.2 – GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA.....	22
CAPÍTULO III – A OPÇÃO POR FREIRE	25
3.1 – MÉTODO PAULO FREIRE.....	28
CAPÍTULO IV – A CONSTRUÇÃO DO MARCO CONCEITUAL.....	32
CAPÍTULO V – O CAMINHO METODOLÓGICO.....	39
5.1 – O LOCAL E OS SUJEITOS	40
5.2 – O PROCESSO EDUCATIVO.....	43
5.3 – ANÁLISE DOS DADOS	53
CAPÍTULO VI – ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: A ENFERMAGEM NA CONSTRUÇÃO DE UM PROCESSO EDUCATIVO FUNDAMENTADO EM PAULO FREIRE	55
6.1 - O PROCESSO DE ADOLESCER: O EXERCÍCIO DA SEXUALIDADE E DA CIDADANIA	56
6.1.1 – O Processo Adolescer.....	57
6.1.2 – O Adolescer e o Exercício da Sexualidade	59
6.1.3 – O Adolescer, a Sexualidade e as Relações de Gênero.....	66
6.1.4 – O Exercício da Sexualidade e da Cidadania.....	71

6.2 – DROGAS E ADOLESCÊNCIA	74
6.3 – O DIÁLOGO COMO INSTRUMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA	83
CAPÍTULO VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
BIBLIOGRAFIA	105
ANEXOS	117

APRESENTAÇÃO

Diante da constatação de um número crescente de adolescentes grávidas e, na maioria das vezes, gravidezes não resultantes de um planejamento prévio com múltiplos sentimentos envolvidos, assim como do desconhecimento do adolescente sobre o seu próprio corpo, optei por construir um processo educativo com adolescentes, de uma escola pública baseado em alguns conceitos de Freire, focalizando a sexualidade e os temas nela envolvidos, tendo em vista o seu processo de cidadania.

Este trabalho compõe-se de sete capítulos.

No capítulo I, **Introdução**, relato alguns momentos que considero mais relevantes na minha trajetória profissional, apresentando também os meus questionamentos e inquietações em relação à sexualidade do adolescente, outros trabalhos sobre o tema, assim como o meu comprometimento na busca de uma maior instrumentalização do adolescente no atendimento de sua sexualidade e do seu processo de cidadania, explicitando, também, os objetivos deste trabalho.

No capítulo II, **Um olhar para a sexualidade, desenvolvimento do ser humano e adolescência**, apresento uma revisão da literatura, focalizando o desenvolvimento do ser humano, a Adolescência e a Gravidez na Adolescência.

No capítulo III, apresento **A opção por Freire e sua proposta teórico-metodológica**, já que este autor constitui-se na principal referência do processo educativo construído.

No capítulo IV, apresento a construção do marco conceitual. São descritos os pressupostos e conceitos que nortearam a prática assistencial.

No capítulo V, descrevo o caminho metodológico. Após caracterizar o local em que este trabalho foi desenvolvido, apresento o processo educativo implementado, em que os sujeitos participantes fossem ativos, numa proposta dialogal, crítica e criticadora.

No capítulo VI, denominado **Adolescência e Sexualidade: Construção de um Processo Educativo Fundamentado em Paulo Freire**, são apresentados e discutidos os três grandes temas desenvolvidos neste processo educativo. Embora a temática central deste estudo tenha sido a Sexualidade na Adolescência, é necessário destacar que os três grandes temas foram abordados de modo bastante articulado, pois encontram-se fortemente intrincados.

No capítulo VII, trago as **considerações finais**.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Quando se viaja em direção a um objetivo é muito importante prestar atenção no caminho. O caminho é que sempre nos ensina a melhor maneira de chegar, e nós enriquece, enquanto o estamos cruzando.

Paulo Coelho

Durante a minha trajetória profissional, tive a oportunidade de trabalhar como professora da disciplina Enfermagem Ginecológica e Obstétrica no Curso de Graduação em Enfermagem, na Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG, realizando o acompanhamento de alunos nas aulas práticas e estágios no Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Jr., mais especificamente, na Maternidade e Centro Obstétrico. Neste período, foi me despertando uma grande curiosidade e, ao mesmo tempo, interesse em abordar, mais de perto, o assunto “Planejamento Familiar”, devido à constatação de um número cada vez maior de adolescentes grávidas e, na maioria das vezes, gravidezes que não pareciam ter sido resultantes de um planejamento prévio.

Foi possível observar o desconhecimento, medos, angústias, falta de informação que essas clientes transmitem ao profissional que lhes presta assistência. Ao mesmo tempo, entretanto, expressam, aparentemente, uma grande necessidade de informação, de conhecimento sobre o seu corpo, sobre o que acontece com elas. Diante desta situação, algumas questões foram emergindo: Por que vem aumentando o número de gravidezes na adolescência? Têm feito uso de anticoncepcionais? Como? Qual o compromisso da profissional enfermeira diante dessas clientes? Que tipo de compromisso temos com essas adolescentes? É possível participar na modificação deste quadro? Como se discute sexualidade com os nossos adolescentes? Existe espaço para o diálogo e a discussão? A informação, o esclarecimento é feito? Será que está sendo feito como deveria?

Aparentemente, a linguagem que usamos, a maneira como nos expressamos, ou seja, o que se entende por diálogo pode não estar sendo suficiente, ou assim compreendido, já que o que vemos, hoje, é um número cada vez maior de adolescentes grávidas, de meninos e meninas desinformados em relação às mudanças que acontecem com a anatomia e fisiologia do seu corpo, com o uso da sua sexualidade de um modo consciente e responsável. Tenho me perguntado, de que maneira estão sendo trabalhadas tais informações com os

adolescentes atualmente? Como o adolescente vem compreendendo as informações e estímulos que lhe chegam através dos meios de comunicação?

Na tentativa de buscar algumas respostas a tais questões e aplacar minha ansiedade em relação ao tema, desenvolvi, já no ano de 1997, um projeto que pretendia ampliar o conhecimento acerca da sexualidade e do planejamento familiar, de adolescentes de uma escola pública, das 7^a e 8^a séries do primeiro grau ao 1^o ano de magistério. Nesta proposta, realizava palestras aos alunos e, também, encontros individuais, num entendimento do meu compromisso com a sociedade, na tentativa de, como profissional da área da saúde, aumentar o conhecimento do adolescente sobre a anatomia e fisiologia de seu corpo, tendo em vista a prevenção da gravidez precoce.

Por outro lado, reconheço, hoje, que esta proposta partia do que, como mulher e enfermeira, entendia como necessário ser transmitido, acerca da sexualidade, aos estudantes, podendo ser caracterizada, a partir de Freire (1983), como um modelo de educação bancária. Bancária, pois, no papel de docente, e aparentemente não preocupada em conhecer a realidade e a necessidade de aprendizagem desses alunos, decidia, de modo independente e vertical, o conteúdo a lhes ser transmitido.

Atuando novamente numa Unidade de Internação Obstétrica de um Hospital Geral, como enfermeira assistencial, além de perceber o aumento da incidência de abortos e gravidezes não planejadas em adolescentes, tenho assistido a meninas parturientes participantes do projeto que havia desenvolvido na escola. Inicialmente, tal constatação representou, para mim, um aparente insucesso do trabalho realizado. No entanto, observava que muitas destas clientes pareciam ter optado pela sua gravidez, não manifestando insatisfações ou arrependimento, frente a situação vivida.

Diante desta aparente contradição (a não manifestação de qualquer arrependimento ou insatisfação frente a sua situação de adolescente grávida), tenho me perguntado, se as pessoas não têm o direito de optar pelo exercício da sua sexualidade do modo como entendem ser o melhor para elas, o que não

necessariamente precisa coincidir com o meu modo de encarar e analisar tal situação. Neste sentido, fez-se necessário, também, entender a felicidade e satisfação de uma mãe paupérrima, frente ao nascimento de seu sétimo filho, o que, inicialmente, para mim, significava algo inaceitável, tendo em vista meus valores, crenças e modo de viver.

Neves; Socal (1999), ao realizarem o trabalho: Gravidez na adolescência: um perfil das puérperas adolescentes da rede Pública de Santa Maria - RS, procuraram identificar os conhecimentos sobre sexualidade e sentimentos revelados pelas adolescentes em relação ao bebê e à maternidade, constatando que os sentimentos mais referidos foram de felicidade e satisfação. Foi evidenciada a necessidade de repensar a gravidez adolescente não só como uma problemática da área da saúde, mas também de âmbito social e cultural.

A possibilidade de ter tido acesso à Teoria do Cuidado Transcultural da Diversidade e Universalidade de Leininger (1991) parece trazer respostas, também, a alguns dos meus questionamentos, ou seja, para compreender as crenças, os valores, o modo de viver das pessoas, é necessário considerar o **seu contexto cultural**. Não parece ser possível entender uma ação como de cuidado ao outro, partindo, apenas, dos meus valores, hábitos, crenças e modos de viver, sem buscar conhecer, respeitar e considerar os valores, as crenças e hábitos daqueles seres que pretendemos cuidar. Parece-me que a sexualidade, e os demais temas nela envolvidos, como as práticas sexuais, a gravidez, o planejamento familiar, dentre outros, estão muito relacionados à cultura, o que pode se aplicar aos adolescentes.

Assim cultura pode ser entendida como "o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros homens" (Freire, 1980, p. 38).

O interesse por desenvolver uma Prática Assistencial com um grupo de adolescentes focalizando a sexualidade, deu-se, também, pela necessidade de resgatar e reconstruir, internamente, uma parte da minha história, pois por mais idade que tenhamos, resta sempre muito da adolescência em todos nós. Tudo o

que nos facultar uma compreensão melhor do nosso passado, pode nos dar uma compreensão melhor do Ser Humano que somos no presente. Na realidade, qualquer esforço para a compreensão da natureza do Ser Humano será mais gratificante se for combinado com uma tentativa de nos compreendermos. O trabalho com adolescentes me permitiu ter uma visão mais profunda dos problemas enfrentados em minha adolescência e fazer uma reavaliação de mim mesma e dos conflitos interiores nesse processo vivido. Hoje, com trinta e três anos, mãe de uma adolescente de dezesseis anos, como ser humano e enfermeira, sinto-me comprometida na busca de uma maior instrumentalização dos adolescentes no atendimento de sua sexualidade.

O número de trabalhos publicados acerca da sexualidade na adolescência e os demais temas nela envolvidos, tem sido crescente nestes últimos anos. Dentre estes, destaco alguns estudos, tais como os de Cadete (1995), Mendes (1995), Araújo (1996), Santos (1996), Guimarães (1999), Bogaski *et al* (1999), Souza e Costenaro (1999), Curty *et al* (1999), Camargo *et al* (1999), Cano *et al* (1999), os quais apresento, sucintamente, a seguir.

O estudo realizado por Cadete (1995) foi baseado no que chamou momento da temporalidade existencial: O adolescer. A análise fenomenológica compreensiva dos discursos de 15 adolescentes revelou que a compreensão do ser no mundo adolescendo, engendrada de "dentro para fora", num ver intencional, mostra uma existência que se faz compartilhada, num universo de possibilidades. Nessa perspectiva, Cadete encontrou novos horizontes no pensar e no assistir o ser adolescendo.

Já Mendes (1996) realizou um trabalho com adolescentes, de um bairro em Salvador-Bahia, quanto à possibilidade de gravidez no exercício de sua sexualidade. Colheu seus dados através de entrevista focalizada e da observação – participante. Os resultados foram apresentados na forma de esquema conceitual como um processo, denominado "Percebendo o relacionamento sexual", constituído por quatro categorias inter-relacionadas e interdependentes:

Descobrir a sexualidade, aprofundando o namoro, iniciando o relacionamento sexual e percebendo a possibilidade de gravidez.

Araújo (1996) realizou um estudo que teve por objetivo pesquisar o conhecimento dos adolescentes sobre a sexualidade humana, nos seus aspectos biopsicossociais e, diante disso, elaborar um plano de intervenção de enfermagem. Para tanto, realizou uma pesquisa exploratória descritiva com 216 alunos da 3ª à 8ª séries dos horários diurno e noturno, de uma escola pública, utilizando um questionário estruturado e enfocando os aspectos biopsicossociais da sexualidade humana. O diagnóstico de enfermagem identificado foi de Déficit de conhecimento sobre sexualidade, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS). A autora sugere uma tomada de decisões em viabilizar a participação do Enfermeiro de Saúde Pública no provimento de orientação sobre os temas relacionados com a sexualidade humana, em escolas, com o objetivo de promover o bem-estar no exercício da sexualidade dos adolescentes, com base nos direitos humanos e nos relacionamentos de igualdade e de respeito mútuo.

Santos (1996) focaliza a sexualidade em torno de representações sociais no cotidiano, com o objetivo de analisar a visão e vivências de adolescentes e respectiva influência familiar. Tornou-se visível a construção da sexualidade com valores renovados de vivenciar a livre escolha, conservação da virgindade, ruptura de estereótipos, retraimento da corporalidade em formação, proteção frente a risco da AIDS e gravidez indesejada.

No estudo Métodos Anticoncepcionais e adolescência: Uma realidade em escolas públicas de Aracaju, Guimarães (1999) identificou em adolescentes, escolares do ensino médio, suas informações sobre métodos anticoncepcionais, concluindo que 57,7% não obtém informações sobre métodos anticoncepcionais e 75,6% não conversam sobre anticoncepcionais com os pais, 59,0% admitiram ter vida sexual ativa e 62,1% afirmam fazer uso de métodos anticoncepcionais, verificando-se a predominância do condon masculino (67,2%), seguido da pílula anticoncepcional (15,3%); 30,2% de ambos os sexos informaram adquirir a pílula

na farmácia, sem receita médica. Constatou, ainda, que das adolescentes que já haviam tido relação sexual, 49,7% tinham engravidado pelo menos uma vez. Detectou que 90,2% dos adolescentes possuíam dúvidas sobre métodos anticoncepcionais e manifestaram interesse em conhecer melhor o assunto.

Já Bogaski *et al* (1999), ao realizarem trabalho sobre o exercício da sexualidade na adolescência, com estudantes do 1º e 2º graus de uma escola pública e uma privada, da cidade de Joinville–SC, concluíram que a grande maioria residia com os pais, eram solteiros/as e referiram ter recebido orientação sexual dos pais ou pessoas da família, porém o diálogo sobre sexo deu-se, com maior frequência, entre amigos/as. A primeira relação sexual ocorreu, para a maioria, entre 13 e 17 anos de idade, sendo mais freqüente entre alunos da escola pública. A quase totalidade manifestou possuir conhecimento sobre os meios de prevenção da gravidez e AIDS, porém muitos não os praticavam, sendo maior este índice entre adolescentes do sexo masculino da escola pública (62,0%). A “confiança no/a parceiro/a”, foi o principal motivo alegado para não realizar prevenção, seguindo pelo “uso de outro método anticoncepcivo” e “não correr risco de engravidar”. A reflexão sobre a AIDS mostrou muito medo, relacionado à doença e morte, além da discriminação social existente.

Souza e Costenaro (1999), no trabalho: *Pensando a Sexualidade na Adolescência*, junto a alunos de 7ª e 8ª séries de uma escola estadual de 1º grau do município de Santa Maria–RS, tiveram como objetivo principal, possibilitar aos adolescentes o repensar de uma vida saudável e responsável de sua sexualidade. Eram realizados encontros semanais com os alunos, em que os temas eram discutidos de forma prazerosa e lúdica, através de material educativo. Os autores acreditam que desenvolver um trabalho de orientação sexual é primordial para garantir a construção de uma sociedade democrática, e que necessitamos, constantemente, rever nossos valores e romper preconceitos. Acreditam que refletir estas questões e não se limitar apenas ao aspecto biológico é essencial na abordagem da sexualidade humana.

Curty *et al* (1999), com o objetivo de conhecer como as adolescentes estão se comportando em suas atividades sexuais, atentando para uma possível contaminação ou para a possível gravidez constataram que grande parte das adolescentes que utiliza contraceptivo oral, o faz devido a problemas fisiológicos. Logo, evitam uma gestação, porém sem o uso de preservativos, tendo grande possibilidades de contraírem alguma DST, em especial, o vírus HIV.

Camargo *et al* (1999), no estudo: Produção Científica de Enfermagem acerca da Gravidez na Adolescência, analisaram os livros-resumos dos Congressos Brasileiros de Enfermagem, dos últimos anos, constatando que, apesar desta temática estar despertando a atenção dos profissionais de enfermagem, de 5.079 trabalhos publicados, apenas 0,73% eram relacionados ao tema.

Cano *et al* (1999) com a intenção de conhecer e analisar os aspectos do corpo mais valorizados e importantes para o adolescente, constataram que os núcleos temáticos identificados mostraram a preocupação dos adolescentes com as questões da sexualidade representadas pelo namoro, a transa e os estereótipos de beleza veiculados pela mídia. Os autores destacam que os profissionais da área da saúde e educação precisam conhecer a preocupação dos adolescentes com relação ao corpo e a sexualidade aflorada, para ajudá-los a vivenciar as experiências, com mais esclarecimentos, de modo a formarem uma auto- imagem aceitável.

A partir, então, das leituras, reflexões e do amadurecimento que venho me permitindo para a compreensão e busca de uma prática de enfermagem que contemple as pessoas e sua bagagem histórico- culturais, optei por desenvolver um processo educativo a partir de Freire, junto a um grupo de adolescentes de uma escola pública do Rio Grande, focalizando o tema da sexualidade. Neste sentido, tive a intenção de favorecer uma maior instrumentalização dos adolescentes no atendimento de sua sexualidade, tendo em vista o seu processo de cidadania.

Considerando que, na verdade, a prática que implementei constitui-se um serviço que pretendi oferecer à comunidade, antes de construir o seu projeto, fui a uma escola pública, e verifiquei, junto a professores de adolescentes, suas expectativas e contribuições frente à proposta. Constatei seus interesses nos seguintes temas: Orientação quanto a métodos anticonceptivos, responsabilidade do “ficar” (envolvendo conhecimento da sexualidade, de forma física e psicológica) e a relação entre instinto e sentimento. Os professores foram unânimes em demonstrar total interesse pela proposta, já que a maioria dos seus alunos está em plena fase da adolescência, portanto, repleta de dúvidas, questionamentos e interesses próprios do período que vivencia. O interesse dos professores justificou-se, também, pelo seu relato de não se sentirem preparados para responder as questões dos alunos, manifestando interesse, inclusive, que fosse realizado um trabalho, com eles, focalizando a temática sexualidade. Subsidiada, então, com as informações colhidas dos professores, acredito ter planejado e construído uma proposta com maiores possibilidades de atingir os objetivos pretendidos.

Estabeleci como **objetivo geral** deste trabalho:

- Construir um processo educativo, com um grupo de alunos adolescentes de uma escola pública, baseado em alguns conceitos de Freire, focalizando a sexualidade, tendo em vista o seu processo de cidadania.

Como **objetivos específicos**:

- Compreender algumas dificuldades que os adolescentes vêm enfrentando em relação a sua sexualidade;
- Compreender alguns caminhos que os adolescentes vêm percorrendo para enfrentar as suas dificuldades em relação a sexualidade.

A seguir, apresento o capítulo - Um olhar para a sexualidade, através dos tempos e Gravidez na Adolescência, em que focalizo, inicialmente, alguns elementos da construção histórica da sexualidade e, na seqüência, o

desenvolvimento do ser humano, em especial, a adolescência, finalizando com a gravidez na adolescência.

CAPÍTULO II

UM OLHAR PARA A SEXUALIDADE: DESENVOLVIMENTO DO SER HUMANO E ADOLESCÊNCIA

Somos responsáveis por tudo que acontece neste mundo. Somos os guerreiros da Luz. Com a força de nosso amor, de nossa vontade, podemos mudar o nosso destino, e o destino de muita gente.

Paulo Coelho

A construção histórica da sexualidade humana sofreu transformações através dos tempos. Durante três períodos históricos, Antiguidade, Idade Média e Idade Moderna, processaram-se mudanças de ordem religiosa, biológica, morais e espirituais, assim como em relação à sexualidade. Na Antiguidade, Aristóteles defendia a tese de que a função sexual era meramente procriativa (Catonné,1994).

Na Idade Média, com o advento do cristianismo, a sexualidade torna-se, então, o lugar de eleição do pecado, o estigma do delito e o símbolo da desonra. Santo Agostinho viveu nos séculos IV e V e afirmava que o pecado se transmitia de geração em geração através da relação sexual, sendo o sexo considerado não só um pecado, como uma doença. O cristianismo, então, seria o seu remédio. A concepção agostiniana teria o efeito de, por um lado, diabolizar o sexo, tão ligado à decadência, à origem do pecado e, por outro, forjar um ódio à mulher, vista como o símbolo de toda a tentação, responsável pelo destino decadente da humanidade (Catonné,1994). Nesta relação, verifica-se o exercício de uma relação de poder, na sociedade, dos homens sobre as mulheres, relação essa que, devido às suas raízes históricas, se reflete até os dias de hoje, quando é cobrado um comportamento moral diferenciado entre os homens e as mulheres.

Na Idade Moderna, com a evolução do Freudismo, o sexo passa a ter outra concepção (Freud nasceu em 1856 e morreu em 1939): Nos anos 50, seu pensamento passa a impor-se no meio médico e afirma-se nos anos 70. O pensamento freudiano denuncia uma moral persecutória das relações sexuais, que associa o pecado ao sexo. O sexo deixa de ser voltado somente para procriação, enfatizando-se o prazer, deixando de ser o objeto de eleição para o pecado e a desonra (Catonné,1994).

A sexualidade analisada, em diferentes épocas, nos diz que o ser humano buscou explicações para justificar seus relacionamentos afetivos e sexuais, baseando-se na natureza, na vontade de Deus e, também, na vontade dos homens, mas, na verdade, parecia defender, fundamentalmente, seus próprios interesses.

O casamento monogâmico aparece em todos os períodos históricos, mas predominantemente no sentido legal, não significando a exclusividade de um cônjuge para com o outro. As mulheres eram monogâmicas, mas, para o homem, as regras mostraram-se mais flexíveis, pois, além da esposa, outras uniões clandestinas poderiam ou não existir (Capra, 1996).

Durante muito tempo, as mulheres tiveram uma imagem desvalorizada, sendo consideradas fracas, submissas e dependentes dos homens, enquanto que eles eram valorizados socialmente diante de seus traços de agressividade, de domínio, de força física e virilidade, tidos como "masculinos" (Werebe, 1998). Já que os homens ocupavam essa posição na sociedade, então, grande parte das pessoas tinha preferência que seus filhos fossem do sexo masculino. No passado, as mulheres destacavam-se na sociedade como "mulheres do lar," contentando-se em se dedicar exclusivamente às prendas domésticas: o "chefe da família", o esposo, encarregava-se do seu sustento. A partir da Segunda Guerra Mundial, constatam-se, de modo mais evidente, mudanças nos costumes, já que mais mulheres passaram a trabalhar fora de casa e a receber seus salários.

O mundo doméstico já vinha sendo rompido, gradativamente, por algumas mulheres das classes trabalhadoras e camponesas que exerciam atividades em diferentes espaços/ambientes, trabalhando nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Com o passar do tempo, essas mulheres passam a ocupar, também, escolas, hospitais, lojas e escritórios. O seu trabalho, geralmente, era rigidamente controlado e dirigido por homens e as atividades que exerciam, consideradas secundárias ou de apoio, muitas vezes, eram ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação (Louro, 1998).

De acordo com Vitiello (1993), nas estatísticas mundiais, pode se constatar que essa evidência passou a ocupar lugar relevante a partir da década de 60, concomitante com o movimento denominado "revolução sexual". A partir do movimento *hippie* dos anos 60, ocorreram grandes modificações, como uma maior valorização da juventude, dando lugar aos jovens para tomarem decisões.

Muitos dos costumes, de gerações anteriores, passaram a ser considerados "caretas"¹. Houve modificações na linguagem, na música, no comportamento, com importantes alterações sociais e, dentre essas, procedeu-se, também, à inovação sexual. A virgindade, que até então era valorizada, passou a ser vista como um "tabu", determinando, de certa forma, um comportamento totalmente oposto, sendo considerado "anormal" uma jovem casar-se sem ter tido experiência sexual prévia.

As mulheres, através dos tempos, vêm lutando por sua liberdade sexual e emancipação social. Com a experimentação da pílula, no final dos anos 50, e disponibilidade no mercado americano em 1960, elas, então, passam a conquistar parte de sua liberdade, tendo direito ao prazer e ao controle de seu corpo (Catonné, 1994). A pílula permite que a mulher possa planejar o seu futuro, o período e o número de filhos que pretende ter, aliviando o medo de ocorrer uma gravidez involuntária, possibilitando colocar-se em igualdade de projetos existenciais com o homem.

A mídia passou a explorar a sexualidade para ampliar a venda de seus produtos, desde cigarros até automóveis, numa tentativa de transmitir a idéia de uma "juventude liberada". Atualmente, a sociedade passa por um processo de transformação, no qual se verificam alterações e mudanças nos valores e concepções de virgindade, casamento, maternidade, amor, papéis sexuais na relação conjugal, que tem um impacto significativo na vida dos jovens.

2.1 SEXUALIDADE, DESENVOLVIMENTO DO SER HUMANO E ADOLESCÊNCIA

Antes de focalizar a adolescência, especificamente, pretendo discutir alguns aspectos do crescimento e desenvolvimento do Ser Humano, em

¹ Termo usado pelos jovens para definir as pessoas de gerações anteriores que não aceitam, ou não entendem as modificações e comportamentos dos jovens.

diferentes fases da vida. A sexualidade não pode ser vista de maneira isolada e fragmentada. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores, que dizem respeito a determinados interesses de épocas e grupos diferentes. A sexualidade faz parte de todos nós. Desde que nascemos, somos seres sexuados. Antes de chegarmos à adolescência, passamos pela infância e não podemos considerar as crianças como assexuadas, ignorando as atitudes e interesses que lhes dizem respeito.

É na infância que se evidenciam as manifestações iniciais da sexualidade, quando a criança se depara com os primeiros contatos com a realidade, através do carinho que recebe dos pais, os primeiros contatos físicos, a alimentação, as brincadeiras do dia a dia, iniciando, então, a reconhecer as primeiras sensações de prazer e desprazer. Surgem as suas primeiras descobertas sobre sexo, despertando dúvidas que, se não forem esclarecidas, podem gerar conflitos posteriores na adolescência e, ainda, na idade adulta.

De acordo com Werebe (1998), os questionamentos das crianças começam entre os 2 e 4 anos de idade, quando perguntam onde se encontravam antes de nascer, querem saber como saíram do ventre da mãe e, em uma etapa seguinte, indagam sobre o papel da relação entre os pais. Na sua concepção, Werebe considera importante que as crianças compreendam o lugar que ocupam as relações sexuais e afetivas entre seus pais, o que as prepara para compreenderem, mais tarde, a relação entre o ato sexual, a procriação, a afetividade e o prazer sexual.

A fase que Freud denominou "Complexo de Édipo", se dá por volta dos três anos de idade, quando a criança estabelece uma relação objetal: a mãe para o menino e o pai para a menina, os quais representam objeto de seu amor. Com o complexo de Édipo, culmina e termina a fase infantil da vida sexual; a maneira como é vivida e resolvida essa fase representa um papel decisivo para a evolução da personalidade, segundo a psicanálise (Werebe, 1998).

De acordo com muitos historiadores, no passado, falava-se exclusivamente de crianças e adultos. Ainda não está claro quando foi introduzido o conceito de adolescência; o que se sabe é que é um conceito novo, relacionado com a modernização, a industrialização e a urbanização. Vários autores consideram que é um conceito próprio das sociedades ocidentais modernas (Mueller, Yunes, 1993).

Os seres humanos, diferentemente dos outros mamíferos, têm uma infância de extrema dependência de seus pais. É na infância que ocorre o crescimento rápido nas áreas física, emocional, da linguagem e cognição. Segundo Pikunas (1979), existem tarefas de desenvolvimento na primeira infância as quais incluem aprender novas modalidades de locomoção, ingestão de alimentos sólidos, estabelecimento do controle da higiene, o comunicar-se através de palavras e gestos, bem como a aprendizagem do relacionamento emocional com os pais, irmãos e demais pessoas que convivem no lar. O autor chama de fase intermediária da primeira infância, em geral, entre o 13º e 15º mês de vida, quando a criança começa a entender as necessidades biológicas, inicia a dar os primeiros passos, usando palavras para se comunicar.

A Segunda infância, ou meninice, tem três níveis de maturação: início, fase intermediária e final da Segunda infância ou pré-adolescência. O período inicial da Segunda infância começa, aproximadamente, aos dois anos de idade, quando a criança adquire uma percepção geral de si mesma como pessoa do sexo masculino ou feminino, faz progressos no controle esfíncteriano e começa a reconhecer os perigos mais comuns, indo tal fase até os seis ou sete anos de idade. A fase intermediária (ou de latência ou meninice) estende-se dos seis ou sete anos até os nove ou dez anos de idade. O final da Segunda infância ou pré-adolescência começa, aproximadamente, a partir dos dez anos de idade (Pikunas, 1979).

Como definir adolescência? Quando pensamos na sua definição, temos que considerar que existem diferenças culturais e, também, sociais, havendo diferentes etapas da passagem da infância à idade adulta. Atualmente, algumas

sociedades, ainda, aceitam os casamentos precoces para as meninas, as quais antecipam responsabilidades e papéis próprios da vida adulta. Nas zonas rurais, em famílias muito pobres, os filhos menores começam a desempenhar precocemente as atividades profissionais para ajudar no sustento da família, passando a ter responsabilidades adultas.

O adolescente vivência um período de transição entre a infância e a idade adulta. A sociedade passa a exigir atitudes do adolescente que, até então, não lhe eram cobradas. Um exemplo seria a escola; no primeiro grau, raramente é dada oportunidade à criança para discutir a profissão que gostaria de exercer quando "crescesse"; já, antes de iniciar o ensino médio, o adolescente necessita pensar e decidir, dentre as várias opções que lhe são oferecidas, como fazer ou não um curso profissionalizante, dentre outras.

Cronologicamente, a adolescência é determinada entre os 10 e os 22 anos, mas essa variação de idades vai depender de vários fatores, como o meio ambiente no qual está inserido, suas relações com o meio social, o tipo de cultura, a religião, relacionamento com a família e a sociedade. As definições de adolescência variam segundo diferentes autores.

A palavra adolescência é derivada do latim *adolescere*, significando crescer ou crescer até a maioridade. Existem fatores biológicos que dão condições básicas para o desenvolvimento da sexualidade na adolescência. A maturação das gônadas constitui uma condição biológica fundamental para a prática de certas atividades sexuais. Acontecem mudanças anatômicas e fisiológicas na puberdade; no caso do menino, há o aumento do tamanho do pênis e o poder da ereção, agora acompanhado de ejaculação. No caso da menina, ocorre a menarca; o sistema nervoso é extremamente sensível às secreções hormonais e, nessa fase, despertam outros interesses.

Usam-se vários termos para descrever os eventos que ocorrem durante o processo da maturação sexual. Um desses termos, apresentado anteriormente, é puberdade, derivado de *púbis* que, num dos seus significados, diz respeito à cabelo. Puberdade refere-se:

ao aparecimento de cabelo na área genital, não é empregado para denotar simplesmente o começo do processo da maturação sexual e sim para fazer referência ao todo do processo completo. A menarca, ou primeira menstruação, é um importante acontecimento na vida da menina, mas a sua ocorrência não significa que ela esteja sexualmente madura, no sentido de estar apta a produzir óvulos férteis. Nos rapazes, não há nenhum acontecimento único e claramente definido, a condição básica é o aparecimento da capacidade de produzir espermatozóides, móveis e férteis (Jusild *apud* Yersil, 1997, p. 104).

Puberdade é considerada um estágio de transição entre a Segunda infância e a adolescência; é quando se estabelece o processo de crescimento intensificado e o de maturação sexual; também ocorrem desenvolvimentos emocionais, sociais, cognitivos e de personalidade (Pikunas, 1979).

Para Luz, Castro (1995, p. 380), "a adolescência é uma fase evolutiva de grandes transformações que implica uma experiência de crescimento biológico, sócio-cultural, psicológico e cognitivo." É uma etapa de nossas vidas, marcada por transformações, no qual o Ser Humano modifica a anatomia e fisiologia de seu corpo e essas mudanças ocorrem num período muito curto. Sendo assim, na maioria das vezes, o adolescente tem dificuldades em lidar com o desconhecido; sofre, junto com essas mudanças anatômicas e fisiológicas, modificações, também, na sua forma de pensar, sentir e agir:

o período de adolescência tem sido considerado de várias maneiras como uma ocasião de tormenta e stress, uma idade de frustração e sofrimento, uma amplitude de intensificação de conflitos e crises de ajustamento, uma fase de sonhos e devaneios, de romance e amor, uma era de alheamento da sociedade e culturas adultas. De outro ponto de vista, o adolescente pode ser caracterizado como em um estágio de busca do seu eu, assinalado por afiliação íntima de pares e formação de "panelinhas", pelo descobrimento de altos valores e ideais, pelo desenvolvimento da personalidade e formação de identidade e pela consecução de status adulto com suas tarefas e responsabilidades desafiadoras (Pikunas, 1979, p. 274).

Sendo a adolescência um período repleto de acontecimentos, muitas vezes, o jovem não se encontra preparado para enfrentá-los; idealiza situações e espera que assim aconteçam, mas nem sempre vivencia tal realidade; passa, então, a sofrer stress, frustrações, conflitos e sofrimentos. Sente-se manipulado pelos adultos, relacionando-se melhor com jovens da sua idade. Sofre por um

amor não correspondido, por se sentir incompreendido pelos adultos e reclama diante das responsabilidades e tarefas que lhes são atribuídas. Konopka *apud* Pikunas, (1979, p. 274) vê a adolescência como:

um segmento importante da continuação do desenvolvimento humano. Distingue a primeira adolescência (dos doze aos quinze anos), a adolescência intermediária (dos quinze aos dezoito) e a adolescência final (dos dezenove aos vinte e dois anos). Considera, ainda, aquela amplitude de vida de uma jovem pessoa entre o advento óbvio da puberdade e o término do crescimento ósseo.

Esta definição pode ser completada por uma referência a "uma situação marginal em que têm de ser feitos novos ajustamentos, quais sejam, os que distinguem o comportamento do adulto em uma dada sociedade" (Muuss *apud* Pikunas, 1979, p. 274).

Para Salzman *apud* Pikunas (1979, p. 274), "adolescência é uma época de desenvolvimento, fascinante em suas possibilidades variadas de crescimento para cada indivíduo. É um período que transporta cargas marcadas e pesadas e pesados encargos e, por isso, é caracterizada por grande aflição e angústia mental". Na construção de sua nova identidade, o adolescente procura, nas outras pessoas, nos adultos, um modelo a seguir. Geralmente, é nessa fase em que costumam colecionar fotos de artistas e modelos famosos; observam os adultos que estão à sua volta, captando os aspectos positivos e negativos para a formação dessa nova identidade.

A participação da família é de grande importância para a transformação de sua identidade. Frequentemente, sentem-se contrariados pela família, sendo fundamental, neste momento, a confiança que depositam em seus pais. Estes, por sua vez, devem estabelecer limites aos seus filhos, já que se vive em sociedade e, portanto, existem regras a serem seguidas. Como característica deste período, os adolescentes procuram aproximar-se e agregar-se a outros, que julgam estar vivenciando situações semelhantes às suas, numa tentativa de alcançar uma compreensão e, até, uma aceitação que podem não perceber em suas próprias famílias.

Para Desser (1993, p. 17), numa concepção moderna:

ser adolescente deve significar viver um período transitório e legítimo, de menor responsabilidade (com referência à responsabilidade adulta frente ao trabalho, à família), combinada com uma maior liberdade (referida, em parte, à menor independência da criança e, em parte, decorrente da menor responsabilidade) e certos direitos (à experimentação, à descoberta, o que deve incluir os âmbitos da efetividade e da sexualidade).

De acordo com o Ministério da Saúde (Brasil,1993), adolescência é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano, não podendo ser considerada meramente uma etapa da transição entre a infância e a idade adulta, pois é nela que culmina todo o processo de maturação biopsicossocial do indivíduo.

Já a Organização Mundial de Saúde (OMS,1995) define adolescência como o período de vida em que o indivíduo passa do aparecimento das características sexuais secundárias à maturidade sexual. Os padrões psicológicos e a identificação do indivíduo evoluem para a fase adulta, ocorrendo a transição do estado de total dependência sócio-econômica para o de relativa independência. Este período, de acordo com a OMS, situa-se entre 10 e 19 anos de idade, subdivididos em duas etapas: 10 a 14 anos e 15 a 19 anos de idade.

É uma fase do desenvolvimento humano caracterizada pela vivência de importantes transformações biopsicológicas, pelo intenso dinamismo que processa a integração da identidade do ego e por ter no grupo de pares sua grande referência" (Erikson *apud* Silva, 1998, p. 63).

2.2 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

A gravidez na adolescência não é um fenômeno recente na história da humanidade. Na Antigüidade, os contratos de casamento eram lavrados, quando a menina se encontrava entre os 13 e 14 anos de idade (Motta, Silva *apud* Bocardi,1998). Isso significa que nem sempre o fator idade foi considerado como problema para a gravidez na adolescência. Em nossas famílias, se analisarmos as mulheres mais idosas (avós e bisavós), vamos encontrar casos de casamentos

quando estas ainda tinham apenas 15 e 16 anos de idade, tendo seus filhos imediatamente após o casamento. A virgindade, antes do casamento, era valorizada por ambos os sexos. As mulheres engravidavam após o casamento; ser menor de idade não era considerado um problema moral, sendo aprovado pela sociedade e culturalmente aceito conforme os valores e costumes da época.

Embora os médicos daquela época não considerassem a gravidez na adolescência como um problema, devido às gestações serem voluntárias, os riscos, durante a gestação e o parto, existiam e em maior número. O índice de mortalidade materno-infantil era considerado elevado em gerações passadas devido aos limitados recursos de atendimento às complicações clínicas e obstétricas e, também, ao atendimento dos recém nascidos; os problemas, no entanto, eram vistos como orgânicos e não de fundo psicossocial (Vitiello, 1993).

Nos dias atuais, os problemas relacionados à gravidez na adolescência são considerados os mesmos que os observados nas outras mulheres em geral, sendo mais de fundo psicossocial. Vitiello (1993) tem constatado ótimos resultados perinatais, sempre que a gestação na adolescência for voluntária e ocorrer em situações socialmente favoráveis, sendo as complicações clínicas e obstétricas atribuídas à falta de atendimento pré-natal. Geralmente, o que afasta as mães adolescentes de um atendimento pré-natal adequado é o medo de assumir publicamente a gestação; na maioria das vezes, escondem a gravidez do próprio parceiro e também da família, causando um problema emocional bastante sério, pois ficam sem ter com quem dividir seus medos, angústias e dúvidas.

Segundo Vitiello (1993), existem algumas patologias que encontramos entre as gestantes adolescentes e que devemos dar atenção especial como: níveis elevados de pressão arterial, durante a gestação, levando conseqüentemente à "toxemia gravídica"; anemia, devido às más condições higiênico-dietéticas, à troca de parceiros, aos baixos padrões de higiene, ao descaso e, até mesmo, ao desconhecimento das conseqüências do não tratamento dos sintomas. Existem, também, outras doenças que se fazem presentes, na gestante adolescente, em

situações de estresse e de desnutrição, como a tuberculose e as infecções urinárias.

Em relação ao trabalho de parto e ao parto da gestante adolescente, Vitiello (1993) acredita que existem alguns cuidados que, se forem tomados, podem evitar complicações; um exemplo seria o parto prematuro, que pode estar associado a gestação não ser voluntária e a gestante, então, não procurar atendimento, ficando sem receber apoio adequado e sem fazer seu pré-natal. Durante o parto, é comum que as parturientes adolescentes necessitem de intervenções obstétricas, como o fórceps de alívio e a cesariana; durante o trabalho de parto normal, podem acontecer lesões do trajeto como roturas musculares perineais, mas os riscos são os mesmos que os de qualquer gestante adulta. Estudos recentes comprovam que as roturas musculares perineais ocasionadas pelo parto em adolescentes têm a mesma frequência, senão, até, menor do que as observadas em mulheres adultas.

Como já foi comentado anteriormente, a gravidez da mulher jovem não é um problema de nossos dias. O que atualmente se torna preocupante é o número cada vez maior de gravidezes involuntárias entre adolescentes, que têm, freqüentemente, uma vida sexual ativa, mas nem sempre estão preparadas para assumir, com responsabilidade, sua vida sexual.

Dando continuidade, trago o capítulo – A opção por Freire. Além de trazer alguns dados biográficos de Paulo Freire, autor em que predominantemente se fundamentou, teórico-metodologicamente este estudo, explico o método por ele proposto. Assim, ter optado por Freire significou a opção por uma concepção educativa pautada pela liberdade e pela autonomia.

A proposta de construir um processo educativo com adolescentes enfocando a sexualidade e os temas nela envolvidos, tendo em vista o seu processo de cidadania, requer uma concepção educativa, pautada pela liberdade e autonomia. Neste sentido, optar por Freire e suas idéias para a construção de um processo educativo significa reconhecer e valorizar os adolescentes como sujeitos únicos, com um modo singular de pensar, de viver, de se expressar e se relacionar nos ambientes, capazes de identificar a sua situação no mundo, problematizando-a e instrumentalizando-se para exercer sua cidadania como um ser social, responsável e consciente dos seus direitos e deveres.

Apresento, então, inicialmente, alguns dados biográficos de Freire.

Paulo Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, em Recife, filho de pais humildes. Seu pai era espiritista e sua mãe católica, tendo optado pela religião de sua mãe. Em seu livro *Conscientização* (1980), refere ter se distanciado da igreja devido às contradições que não podia compreender entre a realidade vivida pelas pessoas e o discurso dos padres nos sermões de domingo, apesar de nunca ter se afastado de Deus. Iniciou sua carreira muito jovem. Aos 20 anos, começou a introduzir-se em estudos de Filosofia e Psicologia da Linguagem, enquanto tornava-se professor de Português do curso ginásial, iniciando, também, leituras de obras básicas da literatura brasileira e algumas estrangeiras. Foi licenciado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco, mas abandonou o curso após a primeira causa, dedicando-se mais à Educação, Filosofia e Sociologia da Educação. Trabalhou, logo em seguida, num departamento do Serviço Social, no SESI, mantendo o seu diálogo com o povo. Nesta instituição, fez as primeiras experiências que, mais tarde, o conduziram ao método de alfabetização, iniciado em 1961 (Freire, 1980).

Paulo Freire acreditava que a alfabetização e a conscientização jamais se separam e que a prática educativa só é efetiva e eficaz quando os educandos têm a participação livre e crítica. Devido a isso, desenvolveu um método de ensino de acordo com uma visão pedagógica, baseada em uma prática educacional para

CAPÍTULO III

A OPÇÃO POR PAULO FREIRE

Não é o desafio que define quem somos nem o que somos capazes de ser, mas como enfrentamos esse desafio: podemos incendiar as ruínas ou construir, através delas e passo a passo, um caminho que nos leve à liberdade.

Richard Bach

todos, em um país em que os analfabetos constituíam a metade da população e a maioria alienados em um sistema social repleto de desigualdade e de opressão.

Sendo a educação, segundo Freire (1983), indefinida e inacabada, a prática educativa encontra-se em constante reformulação e desenvolvimento. Os analfabetos nunca eram chamados por ele de analfabetos e sim de alfabetizandos, mesmo antes da organização dos círculos de cultura.

Nos círculos de cultura, o educando tem a liberdade de fazer críticas; não é só um grupo de trabalho, e sim um grupo de debates onde todos participam. O processo de alfabetização, proposto por Freire, foi o maior esforço de democratização da cultura já realizado no Brasil; sendo plenamente vitorioso com dezenas de milhares de trabalhadores alfabetizados em alguns poucos meses e a preparação de alguns milhares de jovens e estudantes para as tarefas de coordenação (Freire, 1980).

Nesta crescente mobilização pela educação, o ideal de Paulo Freire exerceu um papel fundamental, desde a participação popular, através do voto, até o Movimento de Cultura Popular, organizado pela União Nacional dos Estudantes. Através destes mecanismos de ordem social, políticos, com o objetivo de conscientização popular, levou a uma ampliação significativa dos sindicatos tanto rurais quanto urbanos, com o chamamento dos trabalhadores em defesa de seus direitos e interesses, culminando com os primeiros movimentos grevistas (Freire, 1980).

O Golpe de Estado de 1964 deteve o esforço feito no campo da educação de adultos e da cultura popular e o levou à prisão, refugiando-se na Embaixada da Bolívia em setembro de 1964. Foi considerado um "subversivo internacional", um traidor de Cristo e do povo brasileiro; seu método foi comparado, pelos golpistas, ao de Stalin, Hitler, Perón e Mussolini (Freire, 1980). Paulo Freire exilou-se no Chile, logo depois do Golpe de Estado em 1964, demonstrando a influência que a experiência histórica do governo populista exerceu em seu pensamento e em seus conceitos teóricos.

Retornou ao Brasil em junho de 1980, atuando na Unicamp em Campinas até 1990. Faleceu em outubro de 1995.

3.1 MÉTODO PAULO FREIRE

Paulo Freire preocupou-se com um método de educação concebido a partir da realidade do educador e do educando, no qual houvesse uma troca, através do diálogo, construindo juntos. Segundo Brandão (1983), um dos pressupostos desse método é que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação deve ser baseada na coletividade, na solidariedade e no amor, não devendo ser imposta. Sendo assim, a partir do momento em que, como professores, levamos algo pronto, não damos chance ao aluno para pensar, criar, participar, e estamos importando educação.

O referencial teórico e metodológico de Freire tem sido, crescentemente, adotado em trabalhos de graduação e pós-graduação nas mais diferentes áreas. Na Enfermagem, em especial, é possível destacar, dentre outros: Gonzaga (1994), Wosny (1994), Heidmann (1994), Alonso (1994) e Siqueira (1998):

A proposta de Paulo Freire prevê o respeito ao homem como integrante do mundo, com direito a uma educação dinamizadora que resulta num processo de mudança, por meio de sua atividade, do diálogo constante e participativo, que amplia a compreensão e o domínio cultural. Para Paulo Freire, a Educação pode ser vista sob duas concepções: Bancária e Problematizadora. A Educação Bancária é aquela em que existe um narrador de conteúdos e os educandos fazem o papel de ouvintes pacientes do que está sendo narrado. Fala-se da realidade como se ela fosse sempre a mesma e estática, distante das experiências vividas pelos educandos, ou seja, fora da realidade vivida, longe das experiências do cotidiano dos educandos.

A Educação Bancária tem como característica a "sonoridade" das palavras, e não a sua ação transformadora, ou seja, quantas vezes mais os educandos

memorizarem e repetirem as palavras, mais têm valor. A ação transformadora oportunizada através da discussão, da reflexão dessas palavras, não acontece. Nesse tipo de educação, o "Educador" faz "depósitos" de conteúdos, tendo os educandos que guardá-los e arquivá-los. Não ocorre uma troca de saberes, somente o educador detém o saber, somente ele pensa, pensa por ele e pelos educandos; existe uma educação vertical. Não acontece o diálogo como a essência da educação (Freire, 1983).

Já a Educação Libertadora, Problematicadora, considera, fundamentalmente, a criatividade do educando, permitindo uma ação crítica baseada numa reflexão verdadeira sobre a situação real. O homem, como um ser inacabado, sujeito a transformações, tem, nesta educação crítica, a sua complementação, através da práxis, ação-reflexão-ação, que se identifica com a sua própria natureza.

A Educação Problematicadora corresponde à essência do ser Humano, deixando, de lado, o ato de transmissão de conhecimentos, para atingir o objetivo da consciência, proporcionando, através do diálogo e de atos cognoscentes, a possibilidade da superação da discussão e da contradição. A educação deixa de ser um ato dirigido, para tornar-se uma troca de experiências entre educador e educando, na qual as duas partes ampliam seus conhecimentos.

O método proposto por Freire utiliza-se do "círculo de cultura" como a "unidade de ensino que substitui a escola tradicional e reúne um coordenador com algumas dezenas de homens do povo, num trabalho comum de conquista da linguagem. O coordenador não exerce as funções de professor, a condição essencial da tarefa é o diálogo: coordenar , jamais impor sua influência" (Freire, 1980, p. 50).

"Círculo" porque o grupo de trabalho adota a forma de círculo para se trabalhar, no qual não se tem um professor e sim um companheiro e o objetivo é propor um diálogo em que todos participem, para que aconteça uma troca de "saberes", na qual todos ensinam e aprendem juntos (Brandão, 1983).

"De cultura", porque muito mais do que um aprendizado individual, o grupo produz seus próprios modos, novos, solidários, coletivos de pensar, no qual todos juntos aprendem, criando e recriando, fazendo reflexões acerca dos diálogos no grupo, percebendo que o que constroem é uma outra maneira de fazer cultura, o que os faz, por sua vez, homens, sujeitos, seres da história (Brandão, 1983).

Os Temas Geradores, para Freire, constituem a possibilidade de concretização de uma reflexão crítica, à qual o homem chega através de sua própria experiência existencial. A partir da apresentação de um tema ou situação, surge o diálogo sobre as relações entre os homens, o que pressupõe o seu processo de transformação (Freire, 1980).

Uma vez apresentada a análise da situação existencial, verifica-se a **codificação** que é a visualização do concreto. Diante deste reconhecimento, dá-se o processo de abstração, fruto de uma reflexão; o sujeito procede à percepção crítica da situação codificada. Esta análise crítica representa a **descodificação**, que vislumbra a realidade concreta e as suas relações com a situação existencial (Freire, 1983).

A tendência do homem é refletir sobre a sua própria situacionalidade. À medida que são desafiados por ela, passam a refletir e a pensar criticamente sobre a sua forma de "estar no mundo". Atuam, então, de maneira crítica sobre a situação em que estão, pensando e refletindo a sua própria condição de existir.

Somente no momento em que o homem fica angustiado, achando que não teria soluções para o problema vivido, vendo-se em um "beco sem saída", é que capta tal situação como objetivo-problemática, passando a existir o engajamento, dando-se o **desvelamento crítico**: "da imersão em que se acham, emergem, capacitando-se para inserir-se na realidade que se vai desvelando" (Freire, 1994, p.119).

A inserção na realidade é um estado maior que a emersão, resultando na conscientização frente à situação; sendo, desta forma, a própria consciência histórica. A conscientização é o aprofundamento da tomada de consciência,

característica da emersão. Numa visão libertadora e dialógica, o conteúdo jamais é "depositado", como acontece na prática "bancária" e antidialógica.

Na prática libertadora, o conteúdo programático parte da investigação e do pensar dos educandos em diálogo com os educadores. A educação e a investigação temática, junto com a conscientização da realidade e a autoconscientização, formam um processo único, sendo o ponto de partida do Processo Educativo (Freire, 1994).

Para Schmitt (1997, p. 45):

o desvelamento crítico, último passo do método, é a tomada de consciência. É o resultado, porém não terminado, do trabalho coletivo, resultante da prática refletida, do conhecimento gerado e conseqüentemente da nova compreensão de mundo, a qual possibilita uma ação na busca de sua superação e não mais de adaptação. O homem consciente é um homem comprometido, capaz de intervir na realidade para mudá-la.

A seguir, apresento o marco conceitual deste trabalho, explicitando os pressupostos e conceitos que nortearam esta prática assistencial implementada.

CAPÍTULO IV

A CONSTRUÇÃO DO MARCO CONCEITUAL

Cada pessoa em sua existência, pode ter duas atitudes: Construir ou Plantar. Os construtores podem demorar anos em suas tarefas, mas um dia terminam aquilo que estavam fazendo.

Então param, e ficam limitados por suas próprias paredes. A vida perde sentido quando a construção acaba. Os que plantam sofrem com as tempestades, as estações e raramente descansam. Mas ao contrário de um edifício, o jardim jamais pára de crescer. E, ao mesmo tempo que exige a atenção do jardineiro, também permite que, para ele, a vida seja uma grande aventura.

Paulo Coelho

Esta prática foi sustentada por um marco conceitual que pode ser compreendido como:

uma construção mental logicamente organizada, que serve para dirigir o processo da investigação. Essa construção mental poderá ser feita a partir de teoria (marco teórico), a partir da construção do conhecimento existente documentado pela revisão da literatura (referencial teórico) (Batey *apud* Neves e Gonçalves, 1984, p. 213).

Assim entendido, o marco conceitual proposto alicerça-se, fundamentalmente, nas idéias e na proposta educativa de Freire, como também é embasado em minhas leituras, reflexões, crenças, valores e pressupostos.

Por pressuposição, pode se compreender a exposição da configuração referencial, ou seja, são as crenças e valores enunciados explicitamente que definem a posição do autor (Leopardi, 1997).

Então, explico os meus **pressupostos**, a partir da minha experiência, de leituras, reflexões e com embasamento no referencial teórico:

* o exercício da cidadania requer que os sujeitos tenham conhecimento sobre seu corpo, de modo a poderem cuidar-se, respeitando a si e também ao outro;

* a enfermeira, como um sujeito histórico, tem o compromisso de contribuir no processo de mudança social, socializando seu saber, estimulando os indivíduos a uma reflexão para o resgate de sua cidadania;

* a adolescência é um período do ciclo vital, na qual os sujeitos vivenciam muitas transformações biológicas e emocionais, requerendo espaços para dialogar e expor suas dificuldades e necessidades relacionadas ao processo vivido;

* a profissional enfermeira, para cuidar do ser humano, precisa considerar a construção cultural dos seres envolvidos, pois as pessoas têm valores, crenças, tradições e modo de viver diferentes, relacionados com a sua construção social;

* o processo educativo, na enfermagem, prevê que a enfermeira e o cliente sejam concomitantemente educadores e educandos, através do qual estes sujeitos possam trocar saberes e instrumentalizar-se para o exercício da sua cidadania.

Como já referido, esta prática fundamentou-se em conceitos que são abstrações ou imagens mentais de fenômenos tal como são percebidos pelos sujeitos que os observam ou sentem. Na estrutura de uma teoria, os conceitos "são palavras que descrevem objetos, propriedades ou acontecimentos e constituem os componentes básicos da teoria" (George, 1993, p.14).

Trentini (1987, p.136) considera que os conceitos podem ter significados diferentes, conforme a percepção de cada um. Define conceito como:

abstrações ou imagens mentais de objetos, propriedades ou eventos que simbolizam a realidade...Um conceito pode ser percebido por duas ou mais pessoas e cada pessoa pode ter uma percepção diferente do mesmo conceito. Isto quer dizer que um conceito pode ter diferentes significados.

A partir, então, de Freire, apresento alguns **conceitos** que nortearam esta Prática assistencial, os quais entendo como necessário explicitar.

Para Freire (1983, p.17), não há ser humano sem mundo, nem mundo sem ser humano; não pode haver reflexão e ação fora da relação do ser- realidade.

Cada **ser humano** tem uma bagagem de experiências acumuladas no decorrer de sua trajetória de vida. O ser humano sofre influências de uma cultura, mas, ao mesmo tempo, ele é um sujeito histórico e, sendo assim, constrói a sua historicidade. Este ser humano constitui-se a enfermeira, os adolescentes e os integrantes de suas famílias, os professores que trabalham na escola pública, dentre outros. Nesse trabalho, então, este ser humano pode referir-se ao grupo de adolescentes com o qual desenvolvi uma assistência de cunho educativo, tentando verificar as dificuldades que vêm enfrentando e o caminho que vêm percorrendo para atender suas necessidades em relação à sexualidade, tendo em vista o seu processo de cidadania.

Cidadania é a plena capacidade do ser humano de exercer seus direitos e deveres civis e políticos no contexto social em que vive. Sendo assim, acredito que os adolescentes exercem a sua cidadania quando se conhecem, conhecem a sua sexualidade, seus direitos, expõem suas dúvidas e questionamentos, a respeito das modificações que acontecem consigo.

Os saberes que esses seres humanos, os **Adolescentes**, trazem e que fazem parte de sua historicidade, devem, também, ser valorizados e discutidos.

“A palavra adolescência tem uma dupla origem etimológica e caracteriza muito bem as peculiaridades desta etapa da vida. Ela vem do latim ad (a, para) e olescer (crescer), significando a condição ou processo de crescimento, em resumo, o indivíduo apto a crescer. Adolescência também deriva de adolescer, origem da palavra adoecer. Temos assim, nesta dupla origem etimológica, um elemento para pensar esta etapa da vida: aptidão para crescer (não apenas no sentido físico, mas também psíquico) e para adoecer (em termos de sofrimento emocional, com as transformações biológicas e mentais que operam nesta faixa da vida)” (Outeiral, 1994, p. 6).

A ocorrência da gravidez, para muitas meninas, não é reconhecida como uma possibilidade; é como se a sua maturação para a procriação, assim como o risco de gravidez, fossem afastadas, sendo aceito e desejado apenas o relacionamento sexual. Já, os meninos, culturalmente, sentem-se mais reconhecidos e valorizados quanto mais precocemente se der sua iniciação sexual.

Já a **Enfermagem** pode ser conceituada como:

uma profissão de instrução humanística e científica, disciplina que focaliza no Ser Humano o cuidado como fenômeno e atividades, com o fim de assistir e dar suporte, facilitar ou habilitar indivíduos e grupos para manter ou recuperar sua melhor condição de vida (ou existência) culturalmente e significativa e meio vantajoso para ajudar as pessoas diante da incapacidade física ou da morte (Leininger, 1991, p. 47).

Enfermagem, para mim, é uma profissão que deve ser baseada no cuidado. A educação dos seres humanos, como uma relação de troca, está

presente na assistência que pode lhe ser prestada desde o nascimento até a sua morte. Concordo, também, com Leininger de que a enfermagem é humanística e científica.

A enfermeira, como um ser histórico, carrega consigo um saber científico, o qual lhe foi transmitido na academia e no exercício profissional. Entretanto, junto a esse saber científico tem, consigo, toda uma bagagem histórica, saberes que foram adquiridos, com o tempo, no convívio com outros seres humanos, com outras histórias, com a sociedade.

Sendo assim, a enfermagem é uma profissão que também possui conhecimentos e habilidades para desenvolver um processo de cunho educativo, estimulando os adolescentes a fazerem uma reflexão acerca do seu processo de cidadania.

O **processo educativo**, que desenvolvi, baseou-se na concepção pedagógica de Freire, entendendo a educação com um caráter permanente, em que estamos sempre nos educando, compartilhando e trocando saberes. O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa (Freire, 1980, p. 78). Para Freire, não é possível existir reflexão e ação fora da relação homem e realidade; somente o diálogo gera um pensar crítico que é capaz, também, de gerá-lo.

A enfermeira, profissionalmente, é vista como um ser humano, cuidador, atuando como educadora. Como todos os seres humanos está em constante processo de aprendizagem, tem sua própria cultura, ou seja, ela vem e faz parte de um grupo cultural prévio à sua formação profissional. Ao desenvolver o processo educativo junto a adolescentes, é necessário que a enfermeira tenha consciência de que estes são seres humanos em relação com o mundo e que têm uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo.

Neste processo educativo, como facilitadora, a enfermeira estimulará o diálogo, uma troca de saberes no qual o adolescente receba a informação acerca de sua sexualidade, mas, ao mesmo tempo, possa interferir, dialogando,

perguntando e tendo liberdade para questionar o tema que está sendo abordado, assim como os saberes que são apresentados: "Não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro" (Freire, 1980, p. 97).

Através da educação, os seres humanos tornam-se mais capazes. Segundo Freire (1985, p. 30), "o homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo, não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo". Cada adolescente tem sua própria história, cada um ocupa um espaço físico e social diferente na sociedade; faz parte de uma cultura, tem seus valores, crenças, normas e práticas de vida que foram aprendidas em uma estrutura familiar ou não e que podem ser partilhadas e transmitidas entre si, na sociedade.

A enfermeira necessita ser facilitadora para que ocorra diálogo, uma troca de saberes na qual o adolescente receba as informações, mas ao mesmo tempo, possa interferir, perguntando e tendo liberdade para questionar o tema que está sendo abordado. A enfermeira deve procurar, em todos os temas trabalhados, levar o grupo a uma reflexão a respeito de sua cidadania, das suas responsabilidades, e do seu relacionamento na família e na escola.

O **ambiente** é o contexto interno e externo, é tudo o que cerca o ser humano, seja de maneira direta ou indireta, no qual o ser humano vive, interage, cresce e se desenvolve.

O adolescente convive em vários ambientes: faz parte de um grupo familiar, em que é educado, aprende hábitos, costumes, normas e regras, tem como seu ambiente social a Escola, na qual passa grande parte de sua vida e aprende que existem normas que o conduzem a respeitar os direitos e deveres dos cidadãos; normas, também, que podem ser transmitidas pela **família** e pelo meio onde o adolescente está inserido. O homem, desde o seu nascimento e durante toda a sua trajetória de vida, vive como membro de uma sociedade e está sempre interagindo com o meio. Sarti (1997, p. 40) acredita que:

na **família**, dão-se os fatos básicos da vida: o nascimento, a união entre os sexos, a morte. É a esfera da vida mais naturalizada pelo senso-comum, onde parece que tudo se dá de acordo com a natureza, porque a família regula atividades de base biológica, como o sexo e a

reprodução humana. A família constitui, então, um terreno privilegiado para estudar a relação entre a natureza e a cultura.

O ambiente escolar, também, contribui com a formação do adolescente, sendo o ambiente no qual eles passam grande parte de suas vidas e convivem com outras pessoas, professores, funcionários da escola, direção, grupo de colegas e amigos com quem trocam idéias, experiências e conselhos, dentre outros.

Prosseguindo, explico e descrevo o caminho metodológico adotado no desenvolvimento deste trabalho.

CAPÍTULO V

O CAMINHO METODOLÓGICO

Uma coisa é você achar que está no caminho certo, outra é achar que o seu caminho é o único.

Nunca podemos julgar a vida dos outros, porque cada um sabe da sua própria dor e renúncia.

Paulo Coelho

5.1 O LOCAL E OS SUJEITOS

A Prática Assistencial de enfermagem, abordada neste estudo, foi desenvolvida em uma Escola Pública, Instituto de Educação Juvenil. A instituição foi fundada em 1913, na cidade do Rio Grande. Trata-se de uma escola com um total de 1765 alunos, de jardim até o ensino médio, contando com um número de cento e trinta e oito professores, uma diretora, duas vice-diretoras e um orientador educacional que atende, agora, apenas os alunos de primeira a quarta série do primeiro grau.



A escolha deste local deveu-se a eu ter já trabalhado nesta escola, no ano de 1997, como docente do Departamento de Enfermagem da FURG. Nesta ocasião, desenvolvi, como já foi referido, um projeto com alunos, acerca da sua

sexualidade, o que obteve muita receptividade dos discentes e, principalmente, da direção da escola.

Os alunos que freqüentam essa escola são, em sua maioria, da periferia, de bairros de classe popular, existindo alguns, inclusive, que moram em albergues (casa do menor). Conforme foi relatado pela direção da escola, os alunos vêm enfrentando graves problemas como promiscuidade, estupros, uso de drogas, péssimo relacionamento familiar e gravidez na adolescência, dentre outros.

Os primeiros contatos com a escola ocorreram, aproximadamente, um mês antes do início do desenvolvimento da prática assistencial, quando solicitei, formalmente, autorização da direção para a realização deste trabalho (Anexo A).

A partir do contato com a Direção da Escola, optou-se, conjuntamente, por selecionar os participantes dessa prática, de modo intencional, seguindo-se três critérios: ser adolescente; manifestação explícita de interesse e necessidade do aluno de discutir questões ligadas à adolescência e sexualidade e disponibilidade para participar do trabalho.

Os sujeitos que participaram da prática assistencial foram em número de nove, sendo quatro do sexo masculino e cinco do sexo feminino, com idade entre treze e dezoito anos.

Após a seleção dos alunos, a vice-diretora da escola realizou um contato, primeiramente com eles e depois com seus pais, para esclarecê-los da realização do trabalho. Logo a seguir, convidei os pais para uma reunião (Anexo B) de modo a apresentar maiores esclarecimentos sobre o trabalho a ser realizado, além de solicitar sua autorização (Anexo C).

O meu primeiro encontro com os pais, então, deu-se após uma reunião, da qual participou a Direção e os professores, em que estive presente como ouvinte. Pude perceber, por suas manifestações em relação à escola, que, em algumas turmas, os professores consideram os alunos um pouco imaturos e, em outras, existem alunos com idade mais avançada, sendo este fato atribuído ao seu

desinteresse pelos estudos. Nesta reunião, ainda, foi sugerido, pelos professores, que esses alunos procurassem outro tipo de escola, como por exemplo, o Centro de Estudos Supletivos (CES), o que, talvez, pudesse motivá-los a estudar. Aos pais, foi pedida maior colaboração e participação; inclusive, que acompanhassem o rendimento escolar de seus filhos, no dia-dia, atentando para o seu horário escolar, de modo a terem conhecimento acerca da sua permanência, ou não, de determinados períodos na escola.

Finalizando esta reunião, conversei individualmente com os pais dos alunos selecionados, sobre o projeto a ser desenvolvido, além de colocar-me à sua disposição para discutir questões relacionadas aos seus filhos. Manifestaram verbalmente a aceitação da proposta, apesar de ter percebido, neles, uma atitude que evidenciava um certo distanciamento e não envolvimento com o trabalho em si que pretendia implementar.

Então, após estes contatos na escola, com a direção, professores, e com os pais, iniciaram-se os encontros com os alunos. Na primeira reunião com os adolescentes, solicitei sua autorização para a realização do trabalho (Anexo D).

Com o objetivo de assegurar os preceitos éticos e garantir, aos participantes, os seus direitos, assegurei o sigilo e anonimato das informações obtidas, pedindo a permissão para o uso posterior dos dados e sua divulgação em trabalhos. Esclareci, aos alunos, que poderiam abandonar o trabalho em qualquer etapa. Solicitei o seu consentimento para a gravação das suas falas nos encontros.

Os encontros com os alunos foram realizados duas vezes por semana, às segundas e sextas-feiras, no horário das quatorze horas, com duração prevista de sessenta minutos. Alguns, entretanto, conforme o interesse dos participantes, avançaram até aproximadamente às quinze horas e quarenta e cinco minutos. Programei, junto com os alunos, um total de oito encontros, sendo o último para confraternização.

As falas e depoimentos dos participantes, apresentados neste trabalho, foram identificados com nomes fictícios, escolhidos pela autora deste trabalho: Aline, Jonas, Luciano, Marcos, Mariana, Marina, Raquel, Ricardo e Rosane.

Apresento, então, a construção do Processo Educativo (PE) com adolescentes de uma escola pública, explicitando suas fases/etapas, destacando alguns recortes do que se deu no seu desenvolvimento, os quais me pareceram mais relevantes.

5.2 O PROCESSO EDUCATIVO

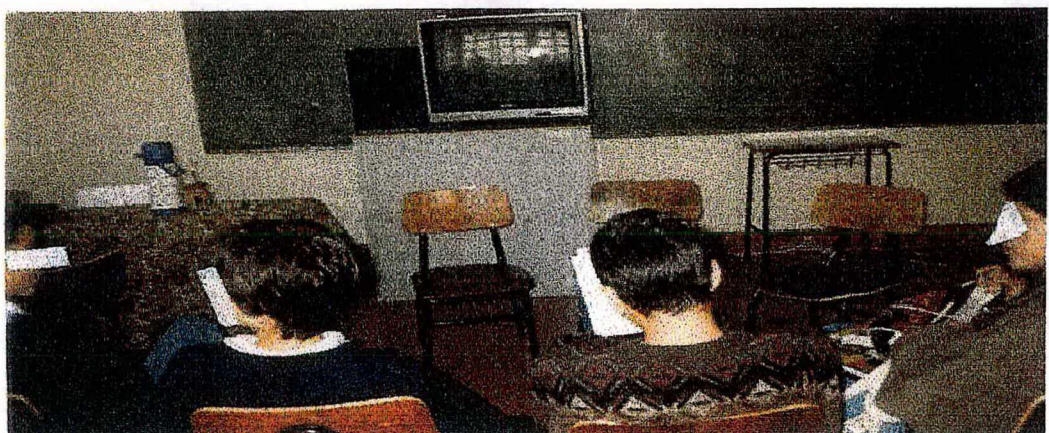
O desenvolvimento do PE alicerça-se na proposta educativa de Freire, a partir do levantamento dos temas geradores. **Tema gerador** pode ser entendido “como uma concretização, é algo a que chegamos através, não só da própria experiência existencial, mas também de uma reflexão crítica sobre as relações homem - mundo e homens – homens – implícitas nas primeiras” (Freire, 1983, p.103).

A partir de Freire (1983), propus a construção de um caminho em que os participantes fossem ativos, assumissem um papel de sujeito e não de meros objetos. Sendo assim, procurei desenvolver o meu trabalho inspirada no “**Círculo de Cultura**” de Freire, construindo, junto com os participantes, as temáticas a serem trabalhadas. Exerci a função não de coordenadora, mas sim de facilitadora do grupo de nove participantes. Os temas geradores surgiram do interesse, da necessidade e da realidade dos participantes. Como facilitadora do grupo, procurei manter um diálogo em que todos participassem, estimulando, também, uma reflexão crítica.

O **Primeiro Encontro** foi a oportunidade de ter um contato mais aproximado com os alunos. Mais aproximado, porque já havia conhecido alguns na escola, em outra ocasião, quando desenvolvi um projeto acerca da sexualidade; também, por já estar convivendo no ambiente escolar há mais de um

mês, antes da prática assistencial, quando estive na escola, para negociações com a direção e, até mesmo, para conhecer os alunos à distância. Este, no entanto, foi o primeiro encontro que tive com todo o grupo reunido. Confesso que, no primeiro momento, me senti insegura e com muitas expectativas em relação a como seria a sua aceitação frente à minha proposta de trabalho e, também, quanto à realização, pela primeira vez, de um trabalho que, para mim, era inovador.

Ao chegar na sala destinada pela direção, encontrei um grupo de alunos bem animado e descontraído. Perguntaram-me se eu era a Denise que iria dar palestras sobre sexualidade; respondi que sim e que já iríamos conversar a respeito do nosso trabalho. Sugeri que me ajudassem a arrumar as cadeiras em círculos, que assim seria melhor para conversarmos. Aos poucos, chegaram os outros alunos, num total de nove participantes, quatro do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Apresentei-me ao grupo e também a minha proposta de trabalho: um trabalho a ser construído por nós e não apenas por mim.



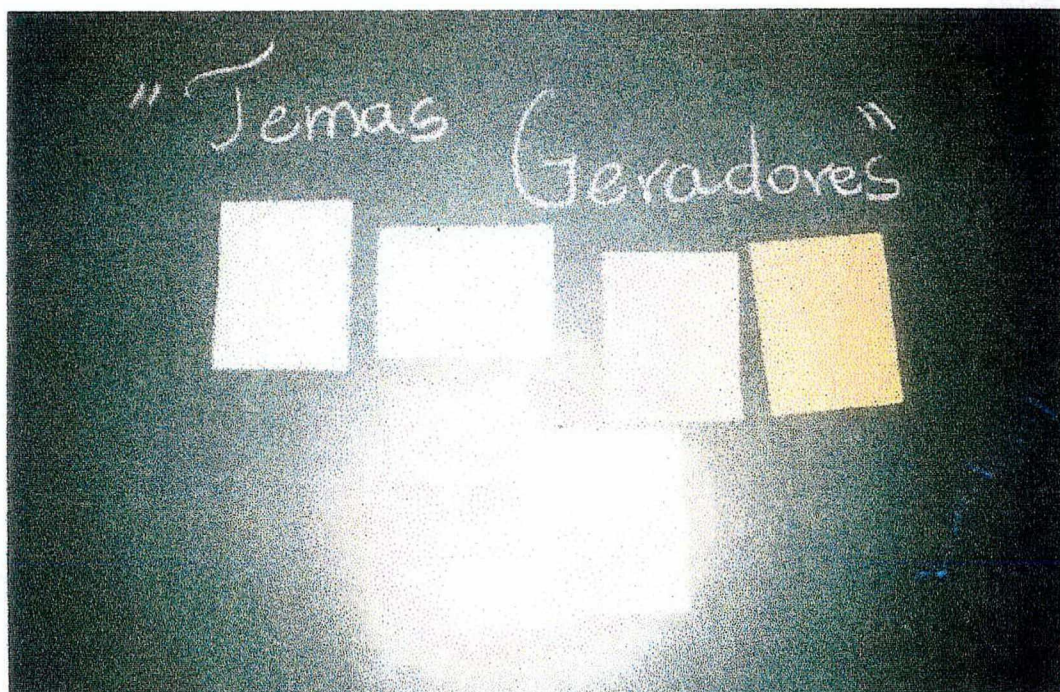
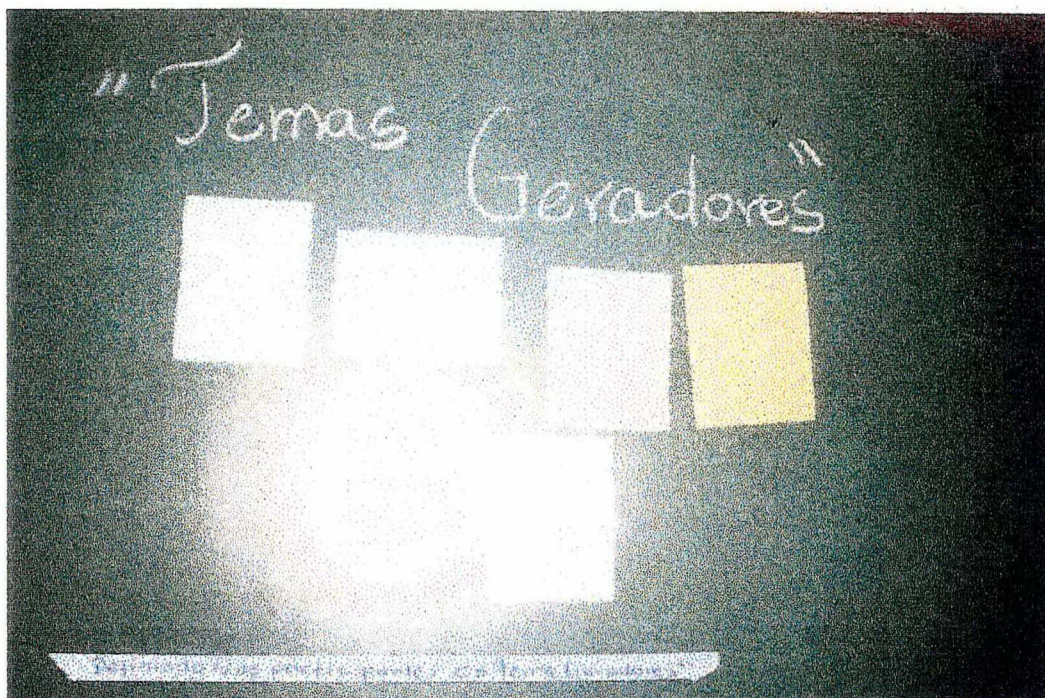
Logo em seguida, propus a realização da Técnica Quem Somos Nós?² utilizada para descontrair e favorecer o conhecimento dos participantes.

Após, explicitarei os objetivos que pretendia alcançar com o desenvolvimento da prática assistencial e que a temática central do estudo era a **Sexualidade na Adolescência**, mas que, devido a sua abrangência, iríamos, juntos, selecionar os assuntos relativos ao tema que o grupo gostaria de trabalhar.

Deu-se, então, através da técnica "Miscelânea"³, o levantamento das suas expectativas e necessidades frente à temática central da proposta, ficando esta relação de temas geradores: **Sexualidade, Virgindade, Anticoncepção, Ficar e namorar, Gravidez, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST/AIDS), Adolescência e Idade Adulta (crise de identidade e conflitos desta fase) e Drogas e Adolescência.**

² Na técnica "Quem somos nós", o facilitador apresenta-se ao grupo, dizendo o seu nome, a atividade que realiza, suas preferências, planos futuros. Após, cada elemento do grupo se apresenta, sendo alertado para que os demais prestem atenção nas informações, pois serão usadas depois. Cada participante coloca, num papel, sem se identificar, até, cinco qualidades, preferências, hábitos, dentre os que citou na sua apresentação. Os papéis são misturados e cada participante deve retirar um papel, ler alto, tentando descobrir a quem pertencem as características indicadas. Caso o participante não descubra o colega, deve pagar uma prenda, respondendo questões relacionadas com o tema proposto. Essa técnica é interessante de ser aplicada a grupos que ainda não se conheçam bem (Féris, 2000).

³ Na técnica "Miscelânea", são distribuídos cartões coloridos e caneta ao grupo e cada participante expressa, através da escrita, os temas que gostaria de abordar durante os encontros. Após, com auxílio do facilitador, os cartões são fixados no quadro e, a partir das propostas individuais, é feita com a participação de todos, a reorganização dos temas a serem desenvolvidos nos encontros posteriores (Féris, 2000).



Assim, passamos a discutir como estes temas geradores poderiam ser desenvolvidos. Esclareci para o grupo que, a cada encontro, usaria uma técnica diferente para abordá-los; que sempre iríamos decidir sobre o tema a ser

discutido no encontro seguinte, para que tivessem a oportunidade de abordar o conteúdo que fosse de seu interesse.

Dando continuidade, apresentei, para o grupo, Paulo Freire, alguns dados de sua biografia e o método por ele criado, explicitando, também, o porquê do desejo de trabalhar sob a forma do **Círculo de Cultura**. Esse primeiro encontro aconteceu no dia quatro de junho de mil novecentos e noventa e nove, com início às quatorze horas e término às quinze horas e dez minutos. Neste dia, não levei o gravador, mas combinei que o usaria nos próximos encontros, pois os participantes já haviam dado seu consentimento (Anexo D).

A codificação proposta por Freire, deu-se á medida que os alunos expunham os temas escolhidos. Expus, novamente, os cartões coloridos, que continham os temas selecionados no encontro anterior. Já que não podíamos abordar simultaneamente os temas escolhidos, combinamos em dividi-los por uma questão didática, por encontros, ficando clara, a liberdade de retomarmos, a qualquer momento, assuntos do interesse do grupo.

Os cartões serviram de código, sendo essa a primeira etapa da codificação, a redução da temática a ser investigada. Freire (1994, p.137) acredita que:

na redução temática, que é a operação de cisão dos temas enquanto totalidade, se buscam seus núcleos fundamentais, que são as suas parcialidades. Desta forma reduzir um tema é cindi-lo em suas partes, voltando-se a ele como totalidade, melhor conhecê-lo.

A codificação pode ser simples ou composta. Quando simples, usamos os canais visual, tátil e auditivo e na codificação composta usamos uma multiplicidade de canais. Após elaborar a seqüência de abordagem dos temas, já com a temática reduzida e codificada, passamos a confeccionar o material didático. Esse material pode ser: slides, filmes, cartazes, textos de leitura e dentre outros (Freire, 1994).

Sendo assim, no segundo encontro, que teve início às quatorze horas e término às quinze horas e quarenta minutos tendo um total de oito participantes

sendo quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino, optamos em discutir **Sexualidade**. Havia levado uma fita de vídeo, mas antes de propor esta técnica⁴, propus outras formas de abordagem do tema, mas o grupo preferiu assistir ao documentário e logo após discuti-lo. O vídeo apresentado, em aproximadamente quinze minutos, constitui-se em um documentário que narra a história de um casal de adolescentes que manteve relações sexuais sem fazer uso de nenhum método anticoncepcional, tendo a jovem, posteriormente, constatado um atraso na sua menstruação. Logo após, são apresentados os métodos anticoncepcionais, sendo comentadas as suas indicações e contra-indicações. O vídeo mostra, também, a anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor masculino e feminino.

Para Freire (1994) descodificar é analisar, criticamente, uma situação concreta, é buscar transformação da realidade vivida, e pode ser feita através do diálogo informal. A **descodificação**, então, ocorreu entre educadora-educandos após a apresentação do documentário, de maneira crítica, através do diálogo informal, a partir dos questionamentos do grupo acerca da virgindade, anticoncepção, gravidez e DST. Paralelamente, refletiu-se acerca do exercício da nossa cidadania, discutindo-se que podemos exercê-la de várias formas, sendo, uma delas, o conhecimento da sua fisiologia, de modo a poder cuidar-se, respeitando a si e também ao próximo.

No terceiro encontro, no dia onze, iniciando às quatorze horas e dez minutos, e tendo seu término às quinze horas e dez minutos, com um total de sete participantes, três do sexo masculino e quatro do sexo feminino, o tema gerador abordado, novamente, foi **Sexualidade**; primeiramente, retomamos alguns aspectos do encontro anterior, de interesse do grupo, como a anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor masculino e feminino e a fecundação. Então,

⁴ A técnica do uso do vídeo serve como um elemento motivador, estimulador da crítica e da criatividade. O material didático só adianta se o animador explorá-lo adequadamente. Devem ser observados os cuidados de planejamento e determinação de objetivos precisos, linguagem adequada e atualizada. A exposição não deve ser prolongada, para não se tornar cansativa. Os recursos técnicos, como interromper a projeção nos pontos significativos e voltar o filme, devem ser aproveitados. Após a projeção, é imprescindível a discussão sobre a temática do filme (Féris, 2000).

usamos a técnica "montagem de pôster"⁵, procedendo a discussão a partir das gravuras e textos selecionados e organizados.

Foram apresentados, analisados e discutidos alguns conceitos, como DST/AIDS. O grupo contribuiu, discutindo, também, sobre a importância do uso do preservativo para prevenção de DST/AIDS. Foram desafiados à reflexão acerca do não uso do preservativo e suas consequências.

Os alunos, através do diálogo, refletiram sobre sua prática, problematizando-a e questionando o seu "estar no mundo", aparentemente mobilizando-se a partir de um novo conhecimento, a tomada de consciência para uma nova ação.

No quarto encontro, o Tema abordado foi **Adolescência e crise de identidade**. Aconteceu no dia quatorze, com início às quatorze horas e término as quinze horas e quarenta minutos; participaram sete alunos, três do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Neste encontro, havia planejado a "Técnica das Perguntas Surpresa"⁶, na qual o tema seria desenvolvido a partir das perguntas. No entanto, o grupo não demonstrou interesse em participar. Ao chegar na sala, comentavam, entre si, o que havia acontecido no fim de semana, o que tinham realizado, as atividades que tinham participado. Então, um aluno questionou-me se não conversaríamos sobre **Adolescência e crise de identidade**, conforme havíamos planejado anteriormente. Viu-se, então, que o tema proposto já estava, de certo modo, sendo trazido pelo grupo:

O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não "bancária", é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros (Freire, 1994, p.141)

⁵ Na Técnica Montagem de Pôster, o facilitador distribui, aos participantes, textos, revistas, gravuras, cola e tesoura. O grupo deve construir um pôster que represente o tema proposto; para isto, utilizam colagens de recortes de revistas. Após, há a apresentação e discussão do pôster pelo grupo, com auxílio do facilitador (Féris, 2000).

⁶ É entregue uma folha em branco para cada aluno. Num período máximo de dois minutos, o aluno deve redigir uma pergunta sobre o tema proposto. As folhas serão recolhidas, embaralhadas e redistribuídas. A pergunta é lida pelo aluno que a recebeu, sendo respondida pelo grande grupo com ajuda do facilitador. A técnica favorece a formulação livre de questões sobre temas polêmicos e considerados tabus (Féris, 2000).

O quinto encontro aconteceu no dia dezoito, com início às quatorze horas e término às quinze horas e quinze minutos, tendo seis participantes, três do sexo masculino e três do sexo feminino. Para esse encontro, tínhamos escolhido discutir **Adolescência e seus conflitos**. O seu desenvolvimento aconteceu de forma diferente dos demais. O grupo referiu que tinha muitos assuntos que gostaria de conversar naquele dia, preferindo que as conversas desse encontro não fossem gravadas; então, respeitei o seu desejo. Fiquei surpresa diante da atitude do grupo, embora trabalhando inspirada no "círculo de cultura" de Freire. Percebi, naquele momento, que não estava tão preparada como pensava que estivesse.

Segundo Freire (1994, p. 74-75),

o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos de autoridade já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.

Esse momento foi de grande importância para o meu crescimento, me fez refletir mais sobre o trabalho proposto e o círculo de cultura de Freire: "A concepção de liberdade, é a matriz que dá sentido a uma educação que não pode ser efetiva e eficaz senão na medida em que os educandos nela tomem parte de maneira livre e crítica" (Freire, 1980, p. 50).

Os alunos trouxeram problemas de relacionamento, os quais estavam vivenciando na escola e na família; dúvidas em relação ao que iriam fazer quando terminassem o ano letivo, pois alguns estavam concluindo o ensino médio, mas não sabiam se fariam o vestibular ou se teriam que trabalhar; e outros assuntos, como, música e cinema.

O sexto encontro aconteceu no dia vinte e cinco, teve início às quatorze horas e término às quinze horas e trinta minutos, com cinco participantes, três do sexo masculino e dois do sexo feminino. Teve como tema **Sexualidade (adolescência, diálogo)**, sendo desenvolvido, de forma dinâmica, através do diálogo. O grupo trouxe alguns assuntos trabalhados nos encontros anteriores. A

maior dificuldade, apresentada por eles, foi o diálogo na família, as dificuldades que enfrentam em expor seus sentimentos e em conviver com normas, regras e limites.

Foram desafiados a problematizar, a questionar, para encontrar o melhor caminho de modo a resgatar o diálogo com seus pais; somente quando os jovens percebem a realidade, é que se tornam capazes de modificá-la. Para Freire (1994, p. 40),

a realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que pode fazê-lo. É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda educação: antes de tudo provar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação.

O sétimo encontro aconteceu no dia vinte e oito, iniciou às quatorze horas e terminou às quinze horas e dez minutos; participaram sete alunos, três do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Foi usada a "Técnica da Imaginação"⁷. Os alunos foram desafiados, perante uma cena imaginária, a dar suas opiniões a respeito do que imaginaram, a **refletir** e discutir as possíveis causas do uso da droga, assim como os sentimentos desencadeados e as conseqüências desse ato.

A criação de situações existenciais criadas com o grupo, representam "desafios", são situações problemáticas, codificadas, e trazem elementos para a decodificação a ser realizada pelo grupo contando com a colaboração do coordenador:

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder o desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não a tornar-se crescentemente crítica, por isso, cada vez mais desalienada (Freire, 1980, p. 80).

⁷ Técnica da Imaginação (ou diferentes olhares sobre o mesmo problema): Foi solicitado ao grupo que imaginasse uma cena em que um adolescente está fazendo uso de droga. Logo, pediu que o grupo seguisse essa ordem de imaginação: 1º - Procurar imaginar apenas os "sentimentos" que acontecem numa cena como essa; 2º - Após, tentar descobrir as "causas" que levaram a esta situação; 3º - Imaginar somente as "conseqüências" deste ato; 4º - Imaginar as "características pessoais" desse adolescente. Após, o grupo foi

O oitavo e último encontro foi a **Confraternização** com o grupo, realizado fora da escola; o encontro de confraternização aconteceu em uma pizzaria. Foi quando manifestei a satisfação de ter trabalhado com o grupo e quanto eles foram importantes nesta trajetória.

Todos os encontros foram significativos; não considero nenhum mais importante que o outro, pois contribuíram para a realização deste trabalho e acredito que, também, para o nosso crescimento pessoal.

Destaco que procurei, durante todos encontros, interligar os temas selecionados com os **temas dobradiças**: relacionamento, responsabilidade, limites e cidadania do adolescente. Segundo Freire (1984, p.136), o tema dobradiça "esclarece, através de sua compreensão, o papel dos homens no mundo e com o mundo, como seres da transformação e não da adaptação".

No esforço de redução da temática significativa, o educador reconhece a necessidade de abordar alguns temas fundamentais, os quais não foram sugeridos pelos educandos na investigação. A introdução destes é devido a necessidade comprovada e corresponde a dialogicidade da Educação. Sendo a programação educativa dialógica, os educadores-educandos têm o direito de participar dela, incluindo temas não sugeridos ao quais chamamos de **temas dobradiça** (Freire, 1984).

Finalizando a apresentação do processo educativo, destaco que a sua avaliação deu-se ao longo do processo; no final de cada encontro, resgatava o conteúdo trabalhado até então, sua forma de desenvolvimento, seqüência, com a intenção de esclarecer dúvidas, acatar críticas e sugestões, dentre outros.

5. 3 ANÁLISE DOS DADOS

Durante os encontros, os depoimentos foram gravados e após transcritos. Foram feitas várias leituras das transcrições, como também, as fitas gravadas foram inúmeras vezes escutadas. Somente após esse processo, foi possível a organização dos depoimentos, a partir dos temas geradores propostos.

Para Ludke e André (1986, p. 45), "a tarefa de análise implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes".

A análise foi construída a partir dos dados emergidos, das minhas falas e dos adolescentes e alicerçou-se na proposta educativa de Freire, como já referido anteriormente e também de outros autores estudiosos desta temática⁸.

Procurei enriquecer a análise, relacionando as situações vividas com o existente na literatura. Ludke e André (1986, p.47) acreditam que: "relacionar as descobertas feitas durante o estudo com o que já existe na realidade é fundamental sobre as direções em que vale a pena concentrar o esforço e as atenções".

A partir da análise aprofundada dos dados emergidos, das minhas reflexões, os temas ficaram assim organizados:

- O processo de Adolescer: o exercício da sexualidade e da cidadania;
- Drogas e Adolescência;
- O diálogo como instrumento para a construção da cidadania.

⁸ Dentre estes autores destaco Erikson (1976), Costa (1986), Ribeiro (1993), Desser (1993), Mendonça (1993), Muller e Yunes (1993), Outeiral (1994), Guimarães (1995), Sudbrack (1997), Bilac (1997), Nunes (1997), Pereira (1997), Aquino (1997), Martins (1997), Penna (1998), Rieth (1998), Werebe (1998), Varela (1998), Ávila (1998) e Lima (2000).

Embora a temática central deste estudo tenha sido a Sexualidade na Adolescência, é necessário destacar que estes três temas, foram abordados de modo bastante articulado, pois encontram-se fortemente intrincados.

Acredito que a partir do momento em que problematizamos e refletimos uma situação vivida, analisando o cotidiano de maneira crítica, passamos a nos fortalecer como sujeitos históricos, mais capazes, portanto, de atuar para transformar a realidade.

Apresento, então, o que denominei "Adolescência e Sexualidade: a enfermagem na construção de um processo educativo fundamentado em Paulo Freire", trazendo a análise dos três grandes temas desenvolvidos no processo educativo, com um grupo de adolescentes de uma escola pública.

CAPÍTULO VI

ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: A ENFERMAGEM NA CONSTRUÇÃO DE UM PROCESSO EDUCATIVO FUNDAMENTADO EM PAULO FREIRE

Jamais deixes de ser criança ...

*Não deixes de sentir, gostar, ver e exaltar-te
diante de coisas tão grandes como o ar, o vôo
e o sons da luz do sol em teu interior.*

*Se quiseres, usa a máscara para proteger a
criança do mundo, mas, se permitires que a
criança desapareça, terás crescido e já não
estarás vivo.*

Richard Bach

6.1 PROCESSO DE ADOLESCER: O EXERCÍCIO DA SEXUALIDADE E DA CIDADANIA

*"...Você me diz que seus pais não entendem, mas você não entende seus pais.
Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo.
São crianças como você.
O que você vai ser, quando você crescer?!"*

(Legião Urbana)

A adolescência é um processo de transição, quando ocorrem, na criança, mudanças tanto fisiológicas como psicológicas, levando-a para uma fase adulta em que se modifica anatomicamente, perdendo as características de seu corpo infantil, despertando, assim, a sua sexualidade. Paralelamente a essas transformações, é exigido também, socialmente, uma mudança no seu comportamento, na maneira de ser, perante o grupo e a sociedade.

As pessoas confundem os termos "adolescência e puberdade", até mesmo os profissionais que se dedicam a trabalhar nesta área. A puberdade inicia-se aproximadamente entre os nove e quatorze anos de idade, sendo considerada um processo biológico caracterizado pelo surgimento da atividade hormonal, desencadeando, então, a manifestação dos caracteres sexuais secundários. Já a adolescência é considerada um fenômeno psicológico e social (Outeiral, 1994).

Para Erikson (1976, p.156), "a adolescência é a última fase da infância. Contudo, o processo adolescente só está inteiramente concluído quando o indivíduo subordinou as suas identificações da infância a uma nova espécie de identificação, realizada com a absorção da sociabilidade e a aprendizagem competitiva com (e entre) os companheiros de sua idade".

Entendo a adolescência como um período que reflete o processo vivido na infância. A criança que é educada com respeito, amor e livre de preconceitos, enfrentará com muito maior facilidade seus conflitos pessoais comuns da adolescência. Embora esta fase seja considerada difícil para os jovens, é também para os adultos, pois nem sempre aceitam o modo de ser, de agir, de vestir-se e até mesmo de falar (gírias) dos jovens. Alguns adultos costumam usar a palavra aborrecência como um termo pejorativo para a adolescência.

Para Becker (1997, p.105), "aborrescente tem sido o nome que circula no meio dos adultos para denominar os representantes de uma série de inconveniências, desajustes, irresponsabilidade, desrespeitos, impropriedade, desinteresses e distorções, enfim, os representantes da falta de bom senso". Segundo a autora, o adolescente é visto como "aborrescente" pelo adulto por referência ao desequilíbrio que provoca nas situações lógicas, como também pelo aborrecimento que demonstra com as suas próprias idéias, enquanto o adulto é um ser considerado civilizado e habitante do mundo do bom senso (Becker, 1997).

A sexualidade está presente desde o nascimento, mas se fortalece na adolescência e nem sempre é aceita perante os adultos. Segundo Outeiral (1994, p. 20), "a identidade sexual, que começa a se organizar desde o nascimento, adquire sua estrutura, seu perfil definitivo, na adolescência. É nesta etapa da vida que ocorre a passagem da bissexualidade (infantil) para a heterossexualidade (adulta)".

Já para Penna (1998, p. 58), "o saudável ajustamento de uma nova atitude perante a sexualidade pode ser iniciado nas famílias e nas escolas. De mansinho, ensinando as crianças a tomarem a si mesmas e aos outros com atenção, com o cuidado que se tem com as flores".

6.1.1 O Processo Adolescer

*"...É chato chegar a um objetivo num instante
Eu quero viver nessa metamorfose ambulante
Do que ter aquela opinião formada sobre tudo...
Sobre que eu nem sei quem sou
Vou desdizer aquilo tudo que eu lhe disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo."*

(Raul Seixas)

O grupo de alunos refere que a passagem da infância para a adolescência é complicada; qualquer atitude sua, mais descontraída, é encarada e criticada pelos adultos, como manifestação de criança:

Tem muita gente que confunde bom humor com criança. Quando a gente fala alguma coisa, na nossa sala da aula por exemplo, sempre

tem alguém que diz: deixa de ser mongolão não sei o quê ... sempre tem dessas coisas aí ... (Ricardo)

Apesar desta dificuldade de enfrentamento na adolescência, consideram muito importante esse período de transformação:

Eu acho que tenho mais é que aproveitar a minha adolescência, eu vejo muita gente desperdiçando assim, dizendo que não devemos ser criança. (Luciano)

Diante destes depoimentos, comentei com o grupo a importância de aproveitar a adolescência, como uma etapa da sua vida na qual passa por transformações e experiências de crescimento biológico, sócio-cultural, psicológico e cognitivo. É geralmente um período no qual o jovem se preocupa muito com a sua sexualidade. Este período, na maioria das vezes, é de grandes dúvidas, sendo importante o adolescente sentir-se bem aceito e amado dentro da família.

Na adolescência, está presente uma crise identitária, a instabilidade entre não ser mais criança, mas também não se sentir adulto. O adolescer não é considerado um processo fácil; o jovem passa por mudanças doloridas, perdendo concessões da vida infantil, sofrendo com a entrada no mundo adulto que nem sempre coincide com os seus ideais; pode entrar em crise, sentir-se inseguro, contestar a opinião dos mais velhos porque deseja criar algo novo e seu, fazer algo que ainda não foi feito pelos outros (Sudbrack, 1997).

Os jovens reagem de modo diferente diante das diversas situações que vivenciam, ora sentem-se preparados para enfrentar determinadas situações, ora sentem-se perdidos, ou seja, com dificuldades para enfrentá-las. Ao expressarem sua compreensão da adolescência, reconhecem que existem conflitos próprios deste período. Referem enfrentar uma verdadeira crise de identidade, percebendo-se perdidos frente a situações do dia a dia:

É a fase onde tu tens os teus conflitos pessoais, é quando tu começa a formar a tua personalidade, decide o que tu quer, fica naquelas. se tu já é adulto ou é adolescente, ou às vezes tu te achas uma criança... É a fase onde tu formas a tua personalidade e vai te conhecendo melhor. (Jonas)

A adolescência é uma fase de transição, uma hora tu é adulto, outra hora, tu volta, tu regride, assim, tu comete erro. (Marcos)

Tem vezes que acontece umas coisas comigo, e eu bah! sou muito criança e daí a pouco já acontece outras coisas, e eu bah, e agora, o que será que eu sou? (Aline)

Erikson (1976, p. 90) afirma que "só com a adolescência o indivíduo desenvolve os requisitos preliminares de crescimento fisiológico, amadurecimento mental e responsabilidade social para experimentar e atravessar a crise de identidade."

6.1.2 O Adolescer e o Exercício da Sexualidade

*"...Nessa terra de gigantes, eu sei, já ouvimos tudo isto antes.
A juventude é uma banda numa propaganda de refrigerantes...
(Engenheiros do Hawaii)*

A adolescência representa, para a maioria dos jovens, um período repleto de novidades, conflitos e dúvidas. Existe curiosidade em vivenciar novas experiências, expectativas em relação a sua sexualidade; então, vão em busca de informações as quais julgam necessárias para compreender as novas mudanças:

Uma vez eu perguntei uma coisa para minha mãe e ela não soube responder, chegou e comprou um livro sobre sexo para adolescentes e me deu, aí eu li e o que eu não sabia, eu perguntei. (Luciano)

Eu não sei, tudo o que eu aprendi na vida, eu aprendi na minha criação. Tudo, eu aprendi com meu irmão mais velho, tudo que ele me passou. (Ricardo)

Por melhor que seja o relacionamento com os teus pais, isso vai da cabeça, vai da hora, vai e transa e não está preparada (...) podem não ter diálogo com os pais, mas elas sabem, elas têm consciência, ou será que não vão conhecer os métodos?...Pára! (Jonas)

Os adolescentes relatam conhecer os métodos anticoncepcionais, através de palestras, orientações e informações que receberam na escola, em casa, ou em seus grupos, assim como pela mídia que, diariamente, divulga a importância do uso do preservativo. Embora informem conhecer, de modo mais específico, o

preservativo e a pílula, não parecem ter adequada compreensão sobre a relevância do seu uso.

Pude perceber que, mesmo tendo o conhecimento dos métodos e de sua importância, ainda enfrentam dificuldades em conquistar espaços para questionamentos a respeito de sua sexualidade. A maioria refere ter adquirido conhecimento acerca de sua sexualidade em casa, com os pais ou irmãos. Na escola, eles também têm informação, com alguns professores, mas mesmo com esses docentes, na maioria das vezes, esta é trazida pronta para o aluno, correndo-se o risco desse saber não ser de seu interesse naquele momento. Por outro lado, os jovens nem sempre conseguem assumir suas dúvidas; ficam inibidos, receosos de não serem bem interpretados, aceitando o que lhes está sendo informado. Assim, permanecem com questionamentos e fecham-se para o diálogo.

Já uma educação problematizadora, proposta por Freire, busca a investigação do conteúdo programático; não é imposta ao educando; parte do seu interesse manifesto no diálogo com os educadores. A investigação da temática é o ponto de partida do processo educativo. Quando não existe essa comunicação, entre educandos e educadores, a educação é vista como "bancária", antidialógica e não comunicativa. O conteúdo programático é elaborado pelo educador ou por outros que elaboram para ele e, posteriormente, depositado no educando, ao contrário da prática libertadora, em que os conteúdos são organizados e constituídos de acordo com a visão e o mundo dos educandos (Freire, 1994).

O uso do preservativo, então, é visto como necessário. Se só vai "ficar", reconhecem a sua importância, embora ainda seja muito grande o número de adolescentes que se recusa a usá-lo e, então, arrisca-se em uma relação desprotegida, uma "transa" como costuma dizer. Mesmo que apontem a necessidade do preservativo, à medida que passam a ter um relacionamento mais sério (compromisso/namoro), ainda existe o preconceito em relação ao seu uso:

Por exemplo se tu é um cara bem casado e confias na tua mulher, tu não tens porque usar, se tu é um cara casado e confias na tua mulher e tu é fiel. (Jonas)

Se tu ta numa festa, tu conhece uma guria e vais ficar com a guria e se não tens nenhuma proteção, tu vais fica ah! Não vais parar em uma farmácia para comprar, tu vai direto. (Rosane)

Aparentemente, o adolescente ainda relaciona o não uso do preservativo como uma prova e manifestação de amor e de fidelidade; ou seja, alguns até o utilizam enquanto estão "ficando" com alguém. No entanto, a partir do momento que deixam de ser "ficantes" e passam a ser namorado ou namorada, o risco de contrair DST/AIDS e da gravidez parece não mais existir, somente "acontecendo com os outros".

Segundo Rieth (1998), o **ficar** é o oposto do namorar, sendo um envolvimento sem compromisso; eventualmente, pode acontecer ou não o relacionamento sexual, distinguindo-se o parceiro sexual do amoroso. A possibilidade da relação sexual existir ou não, vai depender da idade dos sujeitos envolvidos. A decisão de ficar ou não, ainda, implica em optar por não ter compromisso de fidelidade:

A gente confia em todo mundo até que alguém nos faz alguma coisa, até que prove o contrário todo mundo é inocente. Acho que deve-se usar camisinha sim. (Ricardo)

O "ficar", para o adolescente, tem vários significados, dependendo da idade. Pode ser: ficar um dia, uma tarde, uma noite, uma única vez ou não, durante o recreio da escola, durante uma sessão de cinema. O "ficar", também, distingue-se no entendimento de adolescentes dos diferentes sexos; para os homens, na maioria das vezes, "ficar" implica relação sexual e, para as mulheres, pode ou não estar presente a relação sexual (Leal, Rieth, 1998).

O grupo expressou, através de suas falas, suas percepções em relação ao "ficar" e *namorar* :

Um beijo é muito diferente de ficar, ficar é um dia, uma tarde, uma noite em uma festa. (Aline)

Para namorar, eles procuram a guria mais quietinha, mas para ficar pode ser qualquer uma, não faz diferença, vai passar amanhã reto na rua e não vai nem cumprimentar mesmo. (Mariana)

Em muitos casos, a guia é a safadinha da história, não querem namorar, é melhor ficar, porque aí elas não têm compromisso. (Jonas)

Ao iniciar um namoro, entendido como um compromisso que implica em fidelidade, como já apontado, o adolescente geralmente não exige, mais de seu parceiro, o uso do preservativo e deixa de usá-lo. Às vezes, recebe orientação de seguir um método contraceptivo oral (pílula), entendendo, então, como desnecessário o uso do preservativo:

O namoro é o lugar do sentimento, opondo-se ao do interesse da atração. Aparece frequentemente associado às idéias de compromisso e respeito que se armam sobre um vínculo de fidelidade e confiança; é concebido como um compromisso natural entre pessoas que se amam. A iniciação sexual no namoro é tornada vivência imperativa, salientando-se o valor do casal de namorados como indicativo de uma concepção romântica de amor" (Rieth, 1998 , p.16).

A tendência da adolescente mulher é preocupar-se mais com a gravidez, esquecendo-se de associar o uso da pílula com uma possível contaminação de DST/AIDS. Já, para o rapaz, parece ser diferente: preocupa-se em relação à contaminação de DST/AIDS, afastando o risco de uma possível gravidez da sua parceira. Em um estudo feito com um grupo de adolescentes entre 15 e 20 anos, estudantes de uma escola Pública, sobre Amor e Sexualidade, foi constatado que, nos últimos três meses, todos os homens que mantiveram relação sexual, afirmaram ter usado preservativo, e as mulheres confirmaram seu uso somente quando não estavam tomando anticoncepcional oral (pílula). A intimidade com um parceiro conhecido parece anular a necessidade de proteção contra DST/AIDS; foi bastante evidente o não uso de preservativo como prova de fidelidade para com o parceiro (Rieth, 1998).

Os adolescentes deste trabalho relatam, também, outros motivos para não usarem o preservativo como: dificuldade no seu uso, por achá-lo incômodo; diminuição do prazer sexual; falta de compreensão sobre a importância de seu uso; o desejo involuntário de engravidar (desejo de testar sua fertilidade, desejo de ser mãe); o temor dos homens de que, na relação sexual, não consigam a ereção:

Eu conheço muita gente que fala que transar de camisinha não é a mesma coisa. (Jonas)

Tem um ditado que diz que transar com camisinha é que nem chupar bala com papel. (Rosane)

Essas coisas de camisinha tirar o tesão, deve ser mais porque quem não usa, transa sem usar, acha uma desculpa, para poder transar sem a camisinha. (Marcos)

Mesmo reconhecendo a importância do uso do preservativo, os adolescentes parecem ainda ter preconceito a seu respeito. Percebo que um dos motivos deve-se às informações negativas que os jovens recebem de alguns adultos, em relação ao seu uso, mesmo que este conteúdo seja transmitido de modo involuntário. Atribuo esse fato devido a muitos adultos de outras gerações apresentarem resistência em discutir sexualidade, pois antigamente o sexo era voltado mais para procriação e não se discutia prazer sexual. O uso do preservativo ainda é visto como distante e desnecessário por alguns adultos, assim como doenças sexualmente transmissíveis: é como se o risco de contraí-las não existisse. Então, essas idéias parecem reproduzir-se nos jovens. Acredito que se torne necessário o desenvolvimento de um processo educativo, em que os jovens tenham o esclarecimento e, também, a oportunidade de discutir, de maneira consciente, as suas dúvidas.

Para Rodrigues Jr. (1993, p.103), "o adolescente raramente tem interesse em saber a respeito de: DST, gravidez, contracepção, anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor. Seus interesses direcionam-se mais para o comportamento sexual: o coito em si, a masturbação, os atos e as práticas que conduzem uma relação sexual". As palestras e livros apresentados, geralmente na escola, não satisfazem o adolescente, por não trazerem essas informações que ele deseja ouvir. Ainda, tem um aspecto ideológico não satisfazendo cognitivamente o adolescente: "Ele percebe que não pode ser humano e cidadão, que não tem o direito de fazer suas próprias escolhas. Então, revolta-se".

No momento em que o adolescente tem chance de discutir realmente as suas dúvidas, percebe o que está acontecendo consigo. Quando discutimos, no

grupo, "masturbação", percebi que os meninos a reconhecem como um ato normal e sem culpas; no entanto, as meninas enfrentam mais dificuldade em lidar com o assunto. Isso, talvez, aconteça devido ao ato masturbatório não ser considerado, por alguns adultos, como uma prática normal de prazer e de auto-conhecimento, assim como uma prática comum na adolescência.

Segundo Werebe (1998), a masturbação inicia-se na adolescência como uma forma de obter prazer e reconhecimento das mudanças de seu novo corpo. Para os meninos, traz uma novidade: a ejaculação. A masturbação é importante devido ao auto-conhecimento das sensações corporais e físicas que permearão a vida sexual adulta. Se forem inibidos os seus atos masturbatórios, na adolescência, poderão ter propensão a disfunções sexuais na vida adulta. O grupo manifestou a sua opinião em relação ao ato masturbatório da seguinte forma:

Para o homem, é bem mais fácil ter masturbação porque o homem já é homem, já tem aquela dos pais, machismo. A minha mãe estava falando para mim que é uma coisa normal a masturbação, mas eu não acho graça para a mulher, eu não entendo, como que a mulher vai ficar lá com o dedo, mas já para o homem é outra coisa (Mariana).

É para o homem é diferente, dá para fazer uma coisa parecida com o que é, só que para a mulher é diferente, não tem como mudar isso (Rosane).

Tem aquele boato que muita masturbação traz ejaculação precoce e que faz mal. É verdade? (Luciano).

Algumas vezes, o adolescente pode sentir-se angustiado devido ao grande número de mitos e concepções erradas divulgadas, como, por exemplo, que o ato de masturbação faz nascer espinhas, crescer as mamas, consome energias, prejudicando o seu rendimento escolar, tirando o desejo sexual, assim como outras concepções que são ditas, sem fundamentação científica (Rodrigues Jr., 1993).

Como homem, temos compromisso verdadeiro com o mundo e com os homens, devemos ser solidários para que ocorra a humanização (Freire, 1983).

Quando nos tornamos profissionais, o compromisso com a sociedade é ainda maior. Sendo assim, como enfermeira, educadora e como mãe, sinto-me comprometida na busca de uma maior instrumentalização dos adolescentes no atendimento de sua sexualidade e dos demais questionamentos que são comuns na adolescência. Concordo com Freire (1985, p.19) que "se nos interessa analisar o compromisso do profissional com a sociedade, teremos que reconhecer que ele, antes de ser profissional, é homem. Deve ser comprometido por si mesmo".

Os adolescentes demonstram, em suas falas, que, apesar da "virgindade" ter sido considerada importante em épocas passadas, a nossa sociedade vem sofrendo um processo de transformação em suas concepções. No entanto, o seu valor ainda está presente, nos dias de hoje, de acordo com as nossas regras sociais, de forma repressiva e preconceituosa. Na visão da menina, a virgindade é mais cobrada da mulher, sendo associada a uma moral feminina, enquanto que, para o homem, quanto mais práticas sexuais tiver, maior importância e reconhecimento parece ter perante a sociedade, ocupando uma posição de domínio sobre a mulher. Esse fato, talvez, aconteça devido à reprodução de uma moral ainda presente na sociedade, voltada à introjeção destes valores e culpas. Os meninos, no entanto, não demonstraram preocupação em relação à virgindade:

Em alguns tempos atrás, esse lance de virgindade era mais importante do que agora (Jonas).

Mas é importante, porque eles pensam assim: tu vai ser o primeiro, vai te lembrar de mim para o resto da vida (Mariana).

Com certeza, a maioria dos guris é assim, para ficar tudo bem, mas para namorar eles querem uma guria virgem. Os guris namoram com as que eles sabem que são virgens porque assim eles se sentem mais seguros (Rosane).

Para Nunes (1997, p. 45), "o tabu virgindade em nossa cultura foi uma das mais terríveis formas de dominação da mulher. Reduzir a mulher, sua pessoa, seu ser e suas potencialidades a um selo virginal não deixa de ser uma das formas que o machismo assumiu em nossa cultura."

6.1.3 O Adolescer, a Sexualidade e as Relações de Gênero

"...Mãe, por mais que a gente obedeça. Há sempre alguma coisa que a gente não consegue fazer. Por isso, mãe, só me acorda quando o sol estiver se posto. É que eu não quero ver meu rosto antes do anoitecer..."

(Engenheiros do Hawaii)

Considero significativo trazer alguns questionamentos que emergiram após contatar com pais de adolescentes. Como docente de adolescentes, mãe e mulher, venho constatando que as informações dadas para as adolescentes mulheres parecem ser diferentes das transmitidas para os adolescentes homens. Os pais que têm filhas preocupam-se mais em relação à sua virgindade; em sua maioria, como um fator importante. Já, em relação aos rapazes, consideram como natural e desejável a sua iniciação sexual durante a adolescência. A preocupação dos pais, com os filhos de ambos os sexos, geralmente é a mesma: a gravidez. Raramente, falam sobre o risco de contrair AIDS ou qualquer outro tipo de DST, o que parece comprovar a preocupação de possíveis comportamentos/concepções quanto a sexualidade, apresentados pelos adolescentes.

O comentário que, geralmente, tenho escutado dos pais é: "como vai ser se meu filho engravidar a moça?" Constato, também, outro tipo de comportamento: os pais dos rapazes costumam comprar, para os seus filhos, preservativos, mas consideram um ato de premeditação o fato das filhas adolescentes terem, na bolsa, preservativo ou estarem fazendo uso de anticoncepcional oral (pílula). No seu entendimento, seria como se elas estivessem planejando antecipadamente uma relação sexual.

O que vem a ser homem ou ser mulher?

É necessário que primeiramente se faça uma distinção entre sexo e gênero. Sexo é uma diferença biológica entre macho e fêmea, incluindo ainda algumas diferenças como: anatomia, fisiologia, genética, sistema hormonal. Já, gênero é o que caracteriza o masculino e o feminino, o mundo do homem e o mundo da mulher, como, por exemplo: modo de se vestir, a maneira de falar,

gestos, interesses, atitudes, valores e comportamentos (Guimarães, 1995). Para Joan Scott, "o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder" (1990, p.14).

Já, para Webere (1998), a fórmula dos cromossomos do ser humano (XX para a mulher, XY para o homem) constitui a primeira condição para se poder diferenciar os dois sexos macho e fêmea, mas não o suficiente para caracterizá-lo.

Percebo que, para alguns adolescentes do grupo, o ser homem e ser mulher, em nossa sociedade, já significa ter comportamentos e papéis diferentes. O homem ocupa papel de dominador perante a mulher, na representação dos adolescentes. O comportamento das mulheres é visto de maneira diferenciada, como frágil, dócil, compreensiva, submissa, em oposição ao homem, percebido como: agressivo, forte e dominador.

Lima (2000), após ter realizado uma pesquisa com famílias de adolescentes no Estado de São Paulo, constatou que os pais educam de maneira diferente os filhos homens das filhas mulheres. Embora neguem o machismo, ele está muito presente ainda nos dias atuais em algumas famílias. Os pais vêem a menina como frágil e mais sensível que os meninos; sendo assim, acham que elas necessitam de "proteção". Os meninos têm mais regalias do que as meninas, em relação ao namoro, à necessidade de obedecer horários, às tarefas domésticas enquanto os pais estão fora de casa. As adolescentes queixam-se de que os conselhos dados pelos pais para as meninas são diferentes dos que aos meninos. Quando o assunto é "ficar", a menina deve "ficar" com quem ela realmente gosta, enquanto que "eles" podem ficar com quantas meninas quiserem, só devendo tomar cuidado para não engravidar ninguém. A briga pela igualdade é inevitável mesmo quando os irmãos são inseparáveis; a menina sempre acha que seu irmão tem mais privilégios e regalias. Um exemplo dado por uma das adolescentes foi que a nota insuficiente no boletim, para o seu irmão, é desculpada por seus pais, enquanto que, para ela, são cobradas sempre notas

boas. De acordo com a autora "o machismo ainda marca presença na sociedade e é nas famílias que ele deixa suas raízes mais profundas" (Lima, 2000, p.17).

Existem preconceitos em relação ao exercício da sexualidade como se o direito do seu domínio fosse somente dos homens, ou seja, o direito de decidir quando ter relação sexual, de decidir quando ter ou não filhos. Muller e Yunes (1993) acreditam que os adolescentes recebem imagens contraditórias, provenientes de seus pais, da mídia, de grupos de colegas da sua idade e através de programas de orientação sexual. Essas contradições referem-se à saúde reprodutiva de cada gênero. A imagem do homem é de audácia, de força, de dinamismo, pronta para assumir riscos, sendo a sexualidade diretamente ligada ao prazer. Já, da mulher, espera-se uma imagem contrária: que evite correr riscos, passiva, desprotegida, mas, ao mesmo tempo, sedutora. Concomitantemente, espera-se que ela reprima seus impulsos sexuais, devido a pressões sociais e morais, devendo, por exemplo, prevenir uma gestação não planejada, enquanto que o homem acredita não ter essa responsabilidade, considerando o planejamento familiar atribuição somente da mulher:

Freqüentemente, o homem tem direito de dirigir sua sexualidade, de decidir com quem, quando e onde quer ter relações sexuais. Já a mulher não tem, geralmente, o direito de controlar sua sexualidade, subordinando-se aos desejos do homem. Sente, muitas vezes, dificuldades em dizer não e de formular certas exigências (Werebe, 1998, p. 29).

As alunas, através de suas falas, questionam o comportamento sexual da mulher e do homem, exigidos e aceitos na sociedade:

Uma boa pergunta: a mulher vai sair para transar com ele, e ele está saindo para transar com ela, no primeiro dia que conheceu. Porque com ele não acontece nada, é a mulher que vai ficar queimada? (...) eu acho estranho isso, e sempre pergunto: 'Porque a guria ficou com o guri no mesmo dia, e quis transar'? com ele, ele estava com vontade. Aí, agora a guria é crucificada, que guria vagabunda, saiu com o guri. Por que com o guri não aconteceu nada; o guri fica na dele, pode "comer" todas; porquê? Ah, eu não sei, eu não entendo como é que pode (Mariana).

Porque guri é quantidade e guria é qualidade (Rosane).

Existem opiniões no grupo que se opõem. Alguns adolescentes acreditam que existem mulheres que gostam de ser dominadas e que preferem, então, relacionar-se com homens mais "sem vergonha", mesmo sabendo que eles têm um comportamento que se destaca, perante os outros e, às vezes, até de uma forma negativa:

As gurias fazem o preconceito, se o cara fica com dez, não é o homem que vai dizer que ele é o garanhão, as gurias vão achar o cara interessante, achar ele o máximo; porque então que as gurias ficam? (...) vocês conhecem a história do Zé ninguém; geralmente ele é aquele guri mais calmo, mas as gurias não gostam; preferem ficar com os gurus mais "galinha", mulher adora sofrer. Se tem uma guria que é muito quieta, também, os gurus preferem mais a guria mais doidona (Jonas).

As mulheres são muito machistas. A mulher é mais machista que o homem (Rosane).

Quando o jovem decide relacionar-se afetivamente, pode ser por sentir amor, carinho, amizade, respeito, simpatia ou, até mesmo, por atração física. Como cidadãos, atuamos na sociedade e fazemos parte dela, cabendo, a nós, o poder de decisão, de como vamos agir. É preciso pensar e questionar as nossas atitudes para saber se vão nos fazer bem, pois o que está bem para os outros, nem sempre o é para nós; devemos ter consciência sobre os nossos atos, somente assim estaremos exercendo nossa cidadania. Não podemos agir de modo impensado, somente porque os outros agem de um determinado modo, como se fosse uma receita pronta.

O jovem deve analisar cada situação e posicionar-se diante do que está acontecendo, ter uma visão crítica e reflexiva diante das situações enfrentadas e ser responsável. Segundo Freire (1983, p.16), "a primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir".

A liberdade, em geral, é concedida para os homens em relação ao seu comportamento sexual e às exigências de virilidade; por exemplo, a "performance" que se espera dele em uma relação sexual pode, muitas vezes, ser constrangedora e difícil de suportar (Werebe, 1998).

Já Silva (1996, p. 40) acredita que "para os rapazes, os impulsos sexuais são claramente relacionados aos órgãos genitais. Para as moças, o amor tem prioridade sobre a genitália, com fantasias românticas e vinculadas ao afeto, na maioria das vezes".

Por mais que a nossa sociedade venha tentando mudar os seus valores, tabus e preconceitos em relação ao comportamento sexual do homem e da mulher, comportamento que vem sendo construído socialmente por nós, seres humanos, através da nossa história, ainda nos encontramos muito ligados às nossas raízes do passado. Percebi, no grupo, que o romantismo, a relação idealizada, o casamento de véu, grinalda e vestido branco encontram-se presentes nos sonhos de algumas meninas. O sexo, na maioria das vezes, está relacionado com amor; consideram as trocas de carinho, a maneira como são tratadas, mais importante do que o ato sexual propriamente dito. As adolescentes relatam que nem sempre a relação sexual acontece como elas idealizam, nem sempre sentem prazer; sendo assim, decepcionam-se, sentem-se frustradas e arrependidas. Já os rapazes, raramente, manifestam qualquer tipo de arrependimento ou frustração em relação aos seus relacionamentos sexuais; no grupo, não houve, por parte dos meninos, nenhum depoimento a respeito, o que não afasta a possibilidade de depoimentos diferentes em outros grupos ou a omissão de insatisfações por parte destes adolescentes. Diante do exposto, as alunas assim se manifestam:

Para tu excitares o homem, é a coisa mais simples do mundo, é só tu dá um beijo, assim que ele já tá lá... a gente está arrechem começando a ficar com vontade e eles já estão lá horas e já estão ficando de cara conosco; para o homem, é muito fácil ficar excitado, eu acho isso horrível (Rosane).

A mulher não é que seja difícil, mas ela precisa mais de carinho, mas o homem já quer chegar lá (Mariana).

Para Béria (1998), o comportamento de homens e mulheres é visto de forma diferente. As mulheres são mais estimuladas a expressarem carinho do que

"tesão", enquanto que os homens são estimulados a expressarem mais "tesão" do que carinho.

6.1.4 O Exercício da Sexualidade e da Cidadania

*"...O que eu queria, o que eu sempre queria
Era conquistar a minha autonomia
O que eu queria, o que eu sempre quis
Era ser o dono do meu nariz..."*

(Titãs)

De acordo com Silva *apud* Andrade e Mello (1996), após um estudo sobre o comportamento dos adolescentes, foram observadas a falta de experiência, ausência de diálogo entre os adultos e jovens, entre os próprios parceiros adolescentes. Como consequência, foram constatados desajustamento; relações precoces; relações sexuais com inibições e rapidez, por acontecerem, na maioria das vezes, em locais impróprios, com falta de orgasmo e de ereção; ejaculações "prematuras"; falta do uso do preservativo ou o seu uso incorreto assim como de outros métodos anticoncepcionais; coito interrompido; gravidez não planejada; aborto; sentimentos de culpa em relação a si próprio ou aos pais, por esconderem o relacionamento sexual proibido; ausência de afeto e necessidade de consumo de drogas, muitas vezes, para poder manter a relação sexual.

Os autores consideram essas situações como desastrosas, acreditando que emergem, principalmente, devido à desinformação, aos medos provenientes de uma educação norteadada por tabus sexuais e o silêncio ignorante, ou melhor, consideram que os adolescentes têm falta de educação sexual.

O adolescente passa a sentir-se responsável quando conhece a realidade vivida. Um exemplo se dá em relação à sua saúde, ao cuidado que precisa ter em relação ao seu corpo: cuidados de higiene individual, da alimentação, do vestuário, sono e repouso, cuidados essenciais no seu cotidiano. O cuidado com o corpo é fundamental para uma boa saúde, incluindo, também, sua sexualidade e o modo como a vivencia. Porém, se essas informações não vêm até o adolescente, como ele vai sentir-se responsável pelo seu próprio cuidado, se

desconhece a anatomia e fisiologia de seu corpo de criança; e se seu corpo rapidamente passa por transformações, as quais ele sequer sabe se são saudáveis. Os rapazes assustam-se com os líquidos que fluem através dos órgãos genitais, as poluções (primeira ejaculação); inibem-se com o aparecimento ralo de pêlos e o aumento dos testículos; as meninas envergonham-se com o aparecimento do "botão" mamário e com a menarca (primeira menstruação).

É possível mudar essa realidade através do diálogo e da informação. Os jovens precisam da oportunidade de auto-conhecimento, de acesso à informação sadia, livre de preconceitos, de modo a canalizarem suas dúvidas para serem questionadas e esclarecidas. Vejo, como primeiro caminho, a família, mas infelizmente nem sempre isso é possível, devido aos pais nem sempre se sentirem preparados e encorajados para discutir a sexualidade de seus filhos. Logo após, a escola preferentemente junto à família já que é o local onde seus filhos passam a maior parte do tempo, desde a infância até a adolescência:

Em termos de educação, a escola constitui um ponto nodal na nossa sociedade. É onde se dá a passagem família (âmbito das trocas privadas) para a coletividade, encontro e muitas vezes confronto do projeto familiar e do projeto social. O lugar que cada um virá a ocupar como adulto no social dependerá, em boa medida, do percurso aí realizado. Neste, a posição do adolescente se diferencia, e muito, daquela da infância (Pereira, 1997, p.100).

Entretanto, o diálogo nem sempre é tarefa fácil. Quando o tema a ser abordado é sexualidade, parece tornar-se ainda mais difícil, sendo que a sexualidade está diretamente ligada a valores culturais, hábitos, crenças e modos de viver de cada pessoa. É preciso, também, que saibamos compreender, respeitar e considerar esses aspectos.

Existem várias maneiras de exercer cidadania e uma delas é o uso do preservativo; deste modo, estamos cuidando e respeitando a nossa saúde e também a saúde do outro. A decisão pelo uso ou não do preservativo, deve ser uma decisão consciente, expressão do exercício da cidadania dos sujeitos envolvidos.

Refletimos em grupo a respeito de nossa cidadania. Como cidadãos, pertencemos a uma sociedade e temos direitos, deveres e responsabilidades.

Temos o direito de exercer a nossa cidadania. Como exercemos nossa cidadania? Um exemplo desse exercício é procurarmos ter o conhecimento de nós mesmos, no caso, da nossa sexualidade, ou seja, do nosso próprio corpo, da sua fisiologia, de modo a poder cuidar-nos, respeitando a nós e também ao outro:

Eu não fiquei com uma guria em uma festa, com medo porque ela tinha aftas na boca, tenho medo de pegar AIDS. Os meus amigos pegaram no meu pé. (Jonas)

Tenho uma amiga que saiu com o namorado dela e viu uma seringa dentro do carro, ela ia transar com ele e aí acabou não transando, porque ela viu aquela seringa dentro do carro e se apavorou. (Aline)

Acho legal assim, um guri falar para ti: espera que eu vou pegar a camisinha; entendeu, eu acho que, muitas vezes, a própria mulher crucifica o homem nisso, ele não tinha camisinha, ele não quer usar; a mulher que diga então que tem que usar camisinha, não é obrigação dele, é obrigação da mulher também pedir que ele use camisinha. A obrigação é dos dois, mas nem sempre isso acontece e acabam um culpando ao outro e acabam não usando a camisinha (...) Então, a guria que peça, que tome vergonha na cara e cuide de si mesma, e diga que não quer. (Mariana)

Os adolescentes preocupam-se com o seu cuidado, demonstrando responsabilidade, reconhecendo, após a discussão, a cidadania como um valor que faz parte da vida cotidiana.

Segundo Freire (1980, p. 40):

a realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo. É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda a educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação.

Então, conhecer a realidade vivida pelos adolescentes e as dificuldades enfrentadas acerca de sua sexualidade, parece-me ter sido de fundamental importância para desenvolver o processo educativo. A educação não deve ser "bancária" em que o professor transmite conhecimentos, os quais julga necessários; assim, o aluno pode desinteressar-se e não participar desta construção. É comum os pais e professores queixarem-se de que os adolescentes estão "desinteressados e desatentos", mas, na verdade, eles não

estão interessados no que está sendo dito, e no que está sendo ensinado; estão com a atenção voltada para suas fantasias e pensamentos que, para eles, são muito mais importantes no momento (Outeiral, 1994).

6.2 DROGAS E ADOLESCÊNCIA

*"...Os pais são todos iguais, prendem seus filhos na jaula
Os professores com seus lápis de cores te prendem na sala
de aula..."*

(Titãs)

Quando me propus a construir um trabalho com adolescentes, pretendia um processo educativo que focalizasse questões ligadas a sexualidade, tendo em vista o seu processo de cidadania; em nenhum momento, pensei que um dos temas propostos seria "drogas". Logo após o levantamento dos temas geradores, percebi o quanto estava longe da realidade. Hoje, vejo que é impossível abordar o tema sexualidade e cidadania do adolescente sem focalizar o tema "drogas". Talvez, este esquecimento tenha acontecido devido ao tema ser tão assustador que, inconscientemente, negamos essa realidade ou fugimos dela.

Como já foi discutido, a adolescência é uma fase da vida em que os jovens enfrentam uma metamorfose e, ao mesmo tempo, vivenciam um sentimento de luto; luto pelo corpo infantil, pelas atitudes e hábitos da infância. Para os jovens, a infância ainda está muito presente no seu agir, mas a maioria não gosta de admitir esse sentimento, consideram-se adultos. Devido a essa instabilidade natural da adolescência, é comum o jovem sentir-se angustiado, perdido, com dificuldades para enfrentar certos conflitos do cotidiano. Quando não encontra com quem dividir os seus problemas, que, às vezes, não são percebidos como tal pelos pais, pode revoltar-se.

Os pais precisam estar atentos e dispostos a dialogar com os adolescentes, porque se estes não encontram apoio necessário, podem escolher outro caminho, como fuga para tentar resolver os seus conflitos, ou simplesmente para chamar a atenção das pessoas que os cercam e essa fuga pode ser a

"Droga". As drogas existem há muitos anos, desde o início da humanidade, e nos dias atuais estão presentes em todas as classes sociais.

Feris (2000) destaca que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o abuso de drogas é definido como um uso excessivo, esporádico é persistente, não sendo relacionado como uma prática médica aceitável. Sendo droga toda a substância que, introduzida no organismo, produz nele alguma alteração.

As drogas sempre estiveram presentes ao longo da história dos seres humanos e em todas as culturas. Os homens, à procura da satisfação e do prazer e, também, para amenizar o sofrimento físico e psíquico, fazem uso de substâncias que modificam a realidade vivida, proporcionando-lhes um estado artificial de bem-estar. Esta situação já aconteceu em outras épocas, ocorre hoje e possivelmente acontecerá sempre; é importante que tenhamos esta situação bem clara para não negarmos o problema, nem tampouco exagerarmos a situação, o que nos afastaria de uma visão racional e científica. Os adolescentes, por vivenciarem uma fase de transição, que lhes ocasiona sofrimento, podem ser mais suscetíveis, representando então uma população de risco para o uso de drogas (Outeiral, 1994).

De acordo com o Conselho Estadual de Entorpecentes do Rio Grande do Sul (Secretaria da Justiça e da Segurança do Rio Grande do Sul, 1997), a exposição ao risco do uso de drogas pode começar antes da criança nascer. Devido a esse fato, as gestantes são orientadas para absterem-se do uso de drogas durante a gestação. Além de fatores de risco, existem os de proteção para o uso de drogas; os fatores de riscos associados ao grande potencial de uso e os de proteção seriam associados ao reduzido potencial de uso de drogas. Existem vários fatores de riscos para o seu uso, apresentando um desafio ao desenvolvimento psicológico e social do indivíduo; cada um tem um impacto diferente, dependendo da fase de desenvolvimento em que esse indivíduo se encontra.

Os fatores de riscos para o uso de drogas podem estar relacionados com a família e com outros agentes socializantes fora dela. Os relacionados a família seriam: o ambiente familiar caótico principalmente quando os pais fazem uso de drogas ou sofrem de alguma doença mental; relacionamento familiar ineficiente e falta de cuidado recíproco. Os fatores de riscos fora do ambiente familiar seriam o comportamento tímido e agressivo na sala de aula, baixo desempenho escolar, filiação a grupos problemáticos, percepção de aprovação pelo uso de drogas na escola, grupos de "iguais" e comunidade.

Já os fatores de proteção seriam laços fortes de união na família, acompanhamento dos filhos pelos pais com regras familiares; envolvimento dos pais na vida dos filhos; sucesso no desempenho escolar; laços firmes com instituições sociais como a família, a escola e organizações religiosas e postura convencional sobre o uso de drogas.

Os períodos de maior risco seriam as fases de transições, sendo a primeira transição, para as crianças, sua entrada na escola, deixando a segurança da família. Quando avançam do primeiro grau para o ensino médio, na adolescência, enfrentam frequentemente desafios grupais na disputa social, e correm o risco de se depararem com a droga pela primeira vez. À medida que avançam do ensino médio para Universidade, passam novamente por novos desafios, enfrentando riscos de uso de drogas.

Segundo Costa (1986), os jovens crescem em uma sociedade voltada para o consumo de "pílulas" que, quando ingeridas, aliviam a angústia, os medos e a tristeza quase como se fosse uma mágica nos mundo dos adultos.

Já Ávila (1998) acredita que, ao falarmos em atitudes, é importante que essas atitudes sejam acompanhadas de coerência, em que a ação não deve ser diferente do discurso, não podendo existir o antigo ditado "faze o que eu digo, mas não faça o que eu faço". A primeira forma de aprendizado é através da imitação e ocorre na infância: "Não percebemos que as drogas estão dentro da nossa casa, portanto, fazem parte do nosso convívio, do nosso cotidiano

(esmalte, acetona, bebidas alcóolicas, removedores de tinta, comprimidos para dormir, moderadores de apetite, xaropes, cigarros ...)” (Ávila, 1998, p.147).

Concordo com a autora, porque sem percebermos, passamos valores equivocados aos nossos filhos; as crianças espelham-se nos pais, aprendem com os adultos. Não existe nenhum tipo de comemoração, por exemplo, em que não esteja presente a comida e a bebida; um churrasco, no final de semana, já é motivo para bebermos uma cerveja, um vinho ou outro tipo de bebida alcóolica. O mesmo acontece nos aniversários, nas festas de fim de ano; a bebida, geralmente, vem acompanhada de um cigarro e, assim, a criança vai conhecendo, primeiro, as drogas lícitas, pois as consumimos na sua frente. Também, quando pede para beber o que estamos ingerindo, chamamos a sua atenção e dizemos “Isso não é bebida para criança, só adulto pode beber”, despertando ainda mais a sua curiosidade.

Existem famílias em que o pai bebe uma dose de uísque quando chega em casa para relaxar porque teve um dia agitado. A mãe sente-se um pouco acima do peso e refere não conseguir fazer uma dieta alimentar com sucesso, preferindo emagrecer através de pílulas “milagrosas” e à noite, ainda, toma um comprimido porque não consegue dormir assim, podem introjetar, involuntariamente, na criança, a familiaridade com determinados hábitos e atitudes:

O álcool é a droga consentida, é a droga social, é a grande hipocrisia nacional. O álcool é consumido dentro do âmbito familiar em uma certa identificação com os consumidores de álcool da família que têm uma idade mais avançada e que são figuras paternas imediatas ou mediatas (Martins, 1997, p. 240).

No grupo, quando conversamos a respeito do uso do álcool, alguns acreditam que exista uma reprodução de práticas familiares e que o primeiro contato com o álcool acontece na família com os pais. Acreditam que, de certa forma, os pais são responsáveis pelo consumo de álcool de seus filhos:

Porque a gente bebe? Por que se cria vendo os pais bebendo. Os filhos bebem porque vêem os pais beber. (Jonas)

Tudo começa na espuminha da cerveja, 'toma filho a espuminha da cerveja do pai, filha toma' e depois... (Rosane)

Alguns jovens usam o álcool como uma forma de descontrair-se nas festas, por sentirem-se tímidos. Após beber uma cerveja, por exemplo, encorajam-se para bater um papo. Geralmente andam em grupo, sendo difícil um adolescente sair sozinho para ir a uma festa ou acompanhado por um adulto. Se, no grupo, um dos colegas pede uma bebida alcóolica, por exemplo, dificilmente bebe sozinho, sendo assim, de certa forma, induz o outro a beber também. No entanto, é raro os jovens admitirem que esse fato possa acontecer. Quando perguntei porque bebem nas festas que freqüentam, somente Jonas respondeu diretamente, sendo que os outros preferiram citar alguns exemplos de experiências de outras pessoas em relação ao uso do álcool:

Quando eu comecei a beber há uns três anos atrás, eu começava a beber para ir na onda; aí, me dei conta que eu estava indo pelo caminho errado; entrei em coma alcóolica e a partir daquilo eu mudei; comecei a beber socialmente, as vezes tu te dá conta, tens um sinal, que estás indo pelo caminho errado, eu tive sorte e mudei, se hoje estou deprimido vou ao cinema, é como se o cinema fosse a minha droga. (Jonas)

Eu conheço gente, por exemplo eu tenho uma amiga que detestava bebida, que detestava cigarro; aí, ela viu que quando ela bebia ela se tomava mais alegre. Agora, tu não consegues ver ela numa festa sem estar bêbada. Ela diz ser muito tímida e que precisa estar bêbada ou chapada para se soltar. (Rosane)

Eu tenho um amigo que a mãe era alcoólatra, e se matou, e o filho, que não era viciado, passou a ser. Começou a cheirar, a usar maconha e faz mais ou menos um ano que ele caiu na real, e disse 'não vou seguir o mesmo caminho da minha mãe, se não, eu vou acabar ma matando também, que nem ela'. (Aline)

Os fatores que podem levar o adolescente a consumir drogas podem ser, individuais e sociais, como a família e o "grupo de iguais". Considerando a sociedade como um todo, percebemos que existem inúmeros aspectos associados; um exemplo seria o estímulo dado pela mídia através das propagandas às drogas oficiais, que são lícitas contribuindo com impostos. Os

meios de comunicação e, entre eles, novelas, filmes, costumam associar o seu uso com a beleza, a força, o poder de sedução do sexo oposto, sucesso, boa vida e facilidades. O adolescente, na busca de seus "valores", na construção da sua identidade, torna-se vulnerável e deixa-se iludir pela sociedade da qual faz parte como cidadão e todos nós, cidadãos, por pertencermos a esta sociedade, somos responsáveis (Outeiral, 1994).

Os adolescentes têm presente um grande desejo de mudança, acreditam que podem tudo, querem mudar o mundo a sua volta. Essa atitude tem tendência a se amenizar com o passar do tempo. Quando são estabelecidos limites e regras na infância, torna-se mais fácil seguir essa seqüência, na adolescência; mas, mesmo assim, o "conflito" pode estar presente entre o jovem e seus pais. O jovem percebe o que deve e o que não deve ser feito, mas, ao mesmo tempo, parece haver uma necessidade de "contrariar" os adultos e as regras pré estabelecidas:

Quando falamos em limites, não estamos nos referindo a proibições, normas impostas, geralmente por alguém mais velho. Limites, aqui, tem o sentido de fronteiras. Quer dizer: a fronteira pode ser alargada ou diminuída conforme negociação, o que se subentende por diálogo. Este limite tem a ver, também, com dimensões internas, ou seja, tenho percepção dos meus limites. Sei até onde posso, eu quero, eu devo ir (Ávila, 1998, p.149).

É fundamental nas relações de autoridade e liberdade entre educador e educando e entre pais, mães, filhos e filhas, a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia. O educando que exercita sua liberdade, corre riscos, mas fica mais livre e ético, sendo assim, vai assumindo a responsabilidade de suas ações: "A liberdade sem limites perverte-se em licença e a autoridade em autoritarismo" (Freire, 1997, p.118).

O jovem enfrenta desafios diariamente, em nosso contexto social; vivencia situações de risco, e concomitantemente existe curiosidade em descobrir sensações diferentes, em viver perigosamente e encarar desafios. Pode, então, acontecer a experimentação das drogas. No grupo, existem diferentes opiniões em relação ao uso de drogas, mas todos parecem saber os riscos a que estão expostos:

O cigarro é uma coisa que vicia e que pode dar um câncer, pode; mas a maconha, com certeza, não tem um poder, ela atinge o teu sistema neurológico, essa é a diferença, tu vai ficar mais burro. (Rosane)

Se tu fizer com consciência, é um direito de cada um; tem o direito de escolher o que vai fazer. (Mariana)

Não acho nada disso, o cara que tem consciência não vai fazer, é a maneira mais covarde de sair da depressão, problema todo mundo tem, então, vamos todo mundo fumar maconha, mas não é... Para mim, isso não tem nada a ver. Quem não tem problemas? (...) Mas quem começa a cheirar coca, sempre começa pela maconha isso aí não adianta, é uma lei, é a porta, uma coisa leva a outra, tu vira maconheiro, tu pode até não te viciar em cocaína. Mas a maioria experimenta, chega um dia que tu vais te acostumar com a maconha e ela não vai te satisfazer e tu vai querer ir adiante (...) Eu tenho um irmão que começou com a maconha e agora está envolvido com cocaína e vai ser brabo voltar, ele mesmo sabe. Sempre nós fomos amigos quando éramos menores, aí ele começou a fumar e eu saia cascudiando ele, e depois me afastei dele. Então, ele começou a usar maconha, e aí a maconha se tornou normal e depois passou a usar cocaína e agora não tem volta; acho ridículo experimentar. (Jonas)

Tem gente que fuma porque está deprimida. (Aline)

Eu já fumei maconha quatro vezes, mas eu acho assim, eu gosto, eu acho muito bom, só que eu penso assim: não quero deixar estragar a minha vida assim, se gosto de fumar, eu vou querer fumar sempre entendeu; só que não é o caminho que eu quero para mim; eu não preciso disso para estar ficando feliz, porque tem gente que fuma e que bebe para ficar feliz e ficar alegre. (Mariana)

O adolescente vive um período de grandes conflitos no plano pessoal, familiar, sente-se despreparado, inseguro devido à falta de informação e orientação; vivência incertezas em relação ao despertar de sua sexualidade; pode, então, fazer uso de drogas numa tentativa de "resolver" e amenizar os seus problemas. A droga consumida constantemente leva o adolescente a desinteressar-se pelas relações afetivas, ocasionando um isolamento social (Costa, 1986).

De acordo com os pesquisadores DO Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente,, o adolescente que faz uso de droga precisa receber atenção

diferenciada e apoio social; consideram fundamental a participação da família para que o tratamento do jovem obtenha sucesso (Brasil, 2000). Conversamos, no grupo, a respeito dos danos que as drogas causam ao usuário e quanto ao seu relacionamento com a família e com o grupo que se relaciona. Quando perguntei sobre a sua visão e de seus pais, em relação aos usuários, os jovens se manifestaram da seguinte forma:

Tem um amigo meu que fuma maconha. Ele disse que o pai dele foi experimentar porque todos os jovens estão fumando: 'Se o meu filho fuma, o que será que ele sente?'. Então, ele resolveu experimentar agora com quarenta e poucos anos, depois de velho, por curiosidade. (Aline)

A minha mãe diz: 'Digas com quem andas que eu te direi quem és' Mas isso não existe, só porque uma amiga minha gosta de beber, só porque uma amiga minha gosta de fumar, ou de se chapar, só por isso, eu tenho que fazer o mesmo? A minha mãe diz que aos poucos elas vão conseguir fazer a minha cabeça. (Rosane)

Tu vais deixar de andar com um amigo que tu adoras só porque ele usa drogas? É claro que a droga fica mais perto de ti e os pais não aceitam essas amizades. (Rosane)

Se tu tens um amigo teu que faz isso aí, não é a gente que afasta as pessoas, são as pessoas que se afastam da gente; tenho exemplos disso, porque aí a tua cabeça é totalmente diferente; tu vais querer procurar um grupo para conviver contigo que pense da mesma maneira que tu. Mas nem é o cara que afasta, são eles que se afastam. (Jonas)

Sinto-me comprometida em ajudar os jovens na busca do desenvolvimento de sua consciência crítica; entendo que, só assim, podemos mudar essa realidade negativa de consumo de drogas: sendo revelado o perigo que enfrentam diante de seu consumo, apontando os malefícios causados à saúde física e psíquica do ser humano, como prejudicial não só ao usuário como também aos que convivem com ele. É importante levar o adolescente a uma reflexão acerca dessa realidade, fazendo com se sinta comprometido, responsável e crítico perante essas atitudes que ameaçam a vida e comprometem as relações do ser humano: "Quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la" (Freire, 1980, p. 35).

Para Ávila (1998), o melhor caminho para ajudar os jovens em relação ao não uso de drogas é a prevenção. Acredita ser a **educação** o caminho da prevenção e que não existe vacina, imunidade ou milagre que resolva o problema:

Precisamos preparar-nos e preparar os nossos jovens para melhores escolhas que envolvam percepção das conseqüências e responsabilidade por elas. Tendemos a ver as drogas com muito medo, mas, na verdade, o que presenciamos é o efeito da droga (Ávila, 1998, p.147).

Para Freire (1983, p. 29):

não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama, não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação do medo. Nada se pode temer da educação quando se ama.

Acredito na educação, mas na educação comprometida com os educandos. Concordo com Freire quando diz que não existe educação sem amor, como também não existe educação imposta. Assim como hoje somos responsáveis pela educação de nossos filhos, amanhã eles se tornarão adultos, sendo responsáveis pela educação de seus filhos. Torna-se necessário preparar os jovens, com liberdade, responsabilidade, com maior consciência para exercer o livre arbítrio. Educamos pelo que fazemos, não pelo que dizemos. As nossas atitudes serão reproduzidas no futuro, então, devemos nos comprometer com o presente.

O adolescente necessita de educação e de amor; somente assim, torna-se responsável e é através do diálogo que vamos conseguir uma comunicação positiva com ele, orientando mas também escutando, dando oportunidade para que expresse os seus sentimentos. O jovem não pode ser visto como "problema"; muitas vezes, a sua opinião franca incomoda-nos, agride-nos; talvez, seja porque fale o que não queremos ouvir e esse "não querer ouvir" pode ser fruto de nossas frustrações passadas, fazendo-nos mal.

Educar não é resolver o que é melhor para ele e sim discutir possibilidades, ajudá-lo a escolher o melhor caminho, a melhor decisão, mas jamais escolher e

decidir por ele. Como mãe, pai, educador (a), temos o dever de comprometer-nos com a sua educação, como responsáveis na participação do seu processo de tomada de decisão. O amadurecimento, muitas vezes, pode ser um processo doloroso, mas é contínuo; como diz o ditado popular "ninguém nasce sabendo", amadurecemos diariamente frente às situações que enfrentamos.

Para Erikson (1976), a principal tarefa da adolescência é a busca da "identidade adulta". Como em cada fase da vida, o ser humano possui a sua identidade, também, o adolescente tem a sua. A sua identidade está em crise, e pode ser discriminada e questionada; então, procura discriminar-se do mundo e ter seu próprio self, questiona quem ele é para poder saber quem chegará a ser.

6.3 O DIÁLOGO COMO INSTRUMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

*"...Não agüentava o grupo escolar, nem a prisão domiciliar
Mas o tempo foi passando, então eu cai numa outra armadilha
Me tornei prisioneiro da minha própria família
Arranjei um emprego de professor
Vejo os meus filhos, não sei mais onde estou!"*

(Titãs)

A partir dos encontros, foi possível analisar, através das falas dos adolescentes, dificuldades enfrentadas no seu cotidiano. Considero que muitas delas poderiam ser amenizadas, se fossem mais compreendidos e aceitos em suas famílias, tendo, assim, chance de serem ouvidos, concretizando-se, dessa forma, o diálogo. Segundo os adolescentes, os pais e educadores nem sempre têm paciência de escutar o que eles têm a dizer, mostrando-se ocupados. Parece ser mais fácil apenas dizer lhes "não", do que explicar o porquê desta negativa; aparentemente, de modo não intencional começam a distanciar-se do adolescente.

Para Sarti (1997, p. 45),

a criança educada à base da imposição de regras, sem entender o porquê (sem desenvolver, portanto, o sentido de si), ou aquela que ignora que não podemos recusar as regras (sem internalizar, portanto, o

sentido do outro) formará uma moral heterônoma e tenderá a ser um adulto incapaz de escolher.

De acordo com o Ministério da Saúde (2000), o conceito plural de adolescência inclui componentes biológicos, emocionais e socioculturais. Os componentes biológicos constituem as transformações anatômicas e fisiológicas que o jovem enfrenta, assim como o crescimento, o desenvolvimento e o amadurecimento sexual; os emocionais são as mudanças e as adaptações que o corpo sofre e o jovem enfrenta na relação com a família, com outros grupos sociais, assim como nas experiências novas. O componente sociocultural constitui a procura de uma nova identidade; a identidade adulta; neste sentido, demonstra uma crescente autonomia e independência.

O adolescente pode não ser bem aceito perante a sociedade e a família por ter atitudes nem sempre aprovadas pelos adultos. Como já referido, na adolescência, surgem conflitos pessoais, pois o jovem enfrenta dificuldades em entender as mudanças que ocorrem, tanto emocionais como físicas.

Considero importante conhecer o meio onde o adolescente vive para compreender o seu processo de amadurecimento e, assim, podermos ajudá-lo. Os pais têm dificuldades em aceitar o processo de transição de seus filhos, mas esquecem que esse processo é tão difícil para eles como para os adolescentes. Os jovens encontram dificuldades em aceitar a si mesmos, definir seu papel sexual, definir-se profissionalmente, ter autonomia no seu grupo, na escola e na família. Não considero uma tarefa fácil o jovem enfrentar todas essas mudanças porque, há poucos dias, era considerado criança perante várias situações e hoje deve ter postura de adulto, sendo, fundamental o apoio da sua família.

Segundo Outeiral (1994), o processo adolecer é, com certeza, doloroso tanto para os adolescentes como para os pais. A maneira como os progenitores vivenciaram esse processo com os seus próprios pais é fundamental. Há uma tendência de fantasiar o futuro de seus filhos, fazendo uma projeção, neles, de seus próprios desejos. O adolescente costuma desvalorizar os seus pais, sendo necessário que esta postura seja compreendida até que, no final do seu processo

de adolecer, possa ter uma visão mais real e não tão idealizada e denegrida de seus progenitores. Compreender os filhos não significa "falta de colocação de limites". Uma das primeiras palavras que a criança aprende a dizer é o "não", e isso significa que ela tem desejos próprios, começa a descobrir-se e a sentir-se independente da sua mãe. Na adolescência, essa situação intensifica-se, pois o adolescente tende a pensar e se comportar em oposição aos pais.

Os pais ensinam e educam seus filhos de acordo com as suas normas, limites e regras, as quais consideram corretas; quando os filhos têm atitudes contrárias, ou seja, não aceitam e transgridem o proposto que deve ser respeitado, os pais, comumente, adotam uma maneira de corrigir seus filhos. Os filhos devem conhecer os limites propostos; o diálogo deve ser o primeiro caminho na família, para que todos possam expressar o que pensam, ser reconhecidos e valorizados.

Para Outeiral (1994, p. 34), "limite é uma palavra que tem, muitas vezes, uma conotação negativa, ligada erroneamente à repressão, no entanto, limite é algo muito além disso: significa a criação de um espaço protegido, dentro do qual o adolescente poderá exercer sua espontaneidade e criatividade sem receio e riscos". De acordo com o autor, os adolescentes e as crianças cobram "limites" dos adultos, pois os ajudam na organização da sua mente. Os adultos, às vezes, não os estabelecem, já que estabelecer "limites" significa ter um envolvimento, enfrentar o adolescente e as suas dificuldades.

Freire (1997, p.118) acredita que "a liberdade sem limite é tão negativa quanto a liberdade asfixiada ou castrada". A liberdade amadurece confrontando-se com outras liberdades em defesa de seus direitos perante a autoridade dos pais, mas não quer dizer que o adolescente livre tome sempre a melhor decisão em relação ao seu futuro. É primordial que os pais participem das discussões com os seus filhos, em relação aos seus projetos e planos para o futuro. Os progenitores não devem omitir-se, mas necessitam saber e assumir que o futuro não é seu e sim de seus filhos. Eles têm liberdade de decidir, mesmo que essa decisão seja diferente da de seus progenitores e corram o risco de não acertar.

No entanto, é decidindo que se aprende a decidir e a acertar. Não se aprende a "ser", se existir sempre a sabedoria e a sensatez dos pais.

No mínimo, os filhos têm o direito de provar as suas "idéias insensatas". "Por outro lado, faz parte do aprendizado da decisão a assunção das conseqüências do ato de decidir. Não há decisão a que não se sigam efeitos esperados, pouco esperados ou inesperados" (Freire, 1997, p.120).

Sendo a decisão um processo responsável, cabe aos pais mostrar que a participação neste processo, junto aos seus filhos não é intromissão, mas sim um dever, tendo o cuidado para não decidir por eles. Devem ser analisadas, entre pais/filhos, as possíveis conseqüências dos atos a serem tomados, sendo essencial que os filhos assumam ética e responsabilmente o seu "fazer" fundamentado em sua autonomia. A autonomia constitui-se através das várias experiências vivenciadas e das decisões tomadas. Os progenitores devem desafiar suas crianças a tomarem decisões desde cedo; um exemplo seria a definição da melhor hora de realizarem os deveres da escola, em vez desse horário ser imposto. Os filhos têm o dever de realizar as tarefas, mas o direito de decidir o melhor horário para realizarem, sendo apontados os direitos e os deveres que eles têm como "gente", construindo a sua própria autonomia. O amadurecimento não ocorre de um dia para o outro e sim dia a dia, como também pode não acontecer (Freire, 1997).

Quando conversamos sobre a necessidade de respeitarmos normas, regras, limites e responsabilidades, o grupo reconhece esta necessidade como importante. Contraditoriamente, admite que tenta "burlar" as regras estabelecidas, tanto na família como na escola. O adolescente desafia e espera uma atitude firme dos pais, perante seus atos. Quando perguntei: "Vocês acham que, na casa de vocês, são impostos "limites" pelos seus pais ou responsáveis? São expostas as responsabilidades de vocês"?, o grupo manifestou-se da seguinte forma:

Eu morava com a minha mãe, ela não se importa que eu namore, que eu durma na casa das gurias. Agora, eu estou morando com o meu pai e não posso nada; então, prefiro morar com a minha mãe e deixo o meu

pai um pouco de lado. Estou na primeira semana morando com ele e não agüento mais. (Aline)

Do meu pai, a frase que a gente mais escuta é: 'pergunta para a tua mãe'. A minha mãe deixa eu sair, mas ela tem que levar e me buscar, ela tem que saber aonde eu estou. (Rosane)

Eu e minha mãe estamos sempre brigando, mas é só por coisa idiota, é porque eu não deixo o meu tênis na janela, porque eu não tirei o meu prato, mas para outras coisas somos unidos. (Jonas)

Eu acho bom ter limites porque assim cada um vai conhecendo o que deve fazer e o que não deve fazer. (Marcos)

Os adolescentes fizeram alguns comentários, também, sobre a escola, sobre sua desmotivação para estudar; já que alguns teriam que fazer recuperação. Acho importante destacar o depoimento de Jonas:

Eu estudo só sob pressão, mas considerando o meu histórico escolar, eu estou normal; esse ano, estou até melhor que nos outros anos; eu sempre começo mal, eu não consigo estudar, só estudo sob pressão.

Então, acrescentei ao depoimento de Jonas, que existem normas e regras e, se não forem seguidas, podemos nos prejudicar. Comentei ao grupo que por ocuparmos os bancos escolares nos dias de hoje, somos considerados privilegiados, já que existem muitas pessoas que gostariam de estudar, mas, devido a dificuldades financeiras, estão trabalhando para ajudar no sustento da família. Procurei levar os alunos a uma reflexão, acerca das muitas tarefas que temos de cumprir e que, às vezes, não nos parece possível realizá-la, mas podemos estabelecer prioridades. Um exemplo seria o dever de estudar e o direito de escolher o melhor horário para estudo. Sendo importante lembrar que, se eles não estudarem, vão ter o período de férias reduzido, correndo o risco de enfrentar a reprovação.

Expus ao aluno que existem muitos acontecimentos que podem ser evitados, se organizarmos as tarefas do nosso dia a dia. Estimulei-os a fazer uma reflexão acerca do seu cotidiano e da responsabilidade de suas decisões. Todos

ficaram pensativos e riram ao mesmo tempo. Então, Aline comentá, no grupo, a seguinte frase:

O meu pai fala assim: tu nasceu só para estudar e ainda rodas' (reprova).

Após esse comentário, os colegas contribuem com suas opiniões. Então, Aline lança outro comentário:

Eu gostaria de morar sozinha, eu e a minha melhor amiga, tudo ia poder para as duas.

Pergunto para o grupo como seria a casa da colega e peço ajuda para os colegas, para pensar nessa organização. Questiono como seria o dia a dia das duas amigas. O grupo começa uma discussão animada a respeito de como seria a casa da Aline. Começa a pensar na organização da casa, expressa a necessidade de ter uma certa organização; percebe a necessidade de respeitar normas e regras do cotidiano, das quais não podemos fugir. Conversamos e chegamos a conclusão de que, para tudo, é necessário ter uma organização. Todos colaboraram com Aline de como seria o seu dia-a-dia e as possíveis dificuldades que poderiam enfrentar no ambiente privado se não estabelecessem normas e "limites". Procurei, através desse exercício, levar o grupo a uma reflexão para atentá-los que, como cidadãos, fazemos parte de grupos sociais, temos direitos e deveres, convivemos com normas e regras em nossos espaços sociais, sem podemos fugir desta realidade.

Segundo Freire (1994), a codificação é usar um código, para representar uma situação da realidade. Uma codificação pode ser simples ou composta; uma codificação simples constitui o uso do canal visual, táctil ou auditivo e a composta, o uso simultâneo de vários canais. Na descodificação, a realidade deixa de ser uma situação confusa, passando a ser um desafio que os homens devem enfrentar e responder, levando os educadores e alunos a refletirem juntos de maneira crítica sobre o objeto que os mediatiza.

Uma problematização é a reflexão que o ser humano faz diante de um conteúdo que é fruto de um ato ou a respeito do próprio ato, para que possa agir melhor, com os demais, na realidade: "O fim da descodificação é chegar a um nível crítico de conhecimento, começando pela experiência que o aluno tem de seu contexto real" (Freire, 1980, p. 31).

Ocupamos papéis diferentes na sociedade; o mesmo acontece na família e todos precisam contribuir para que aconteça um bom relacionamento, sendo fundamental o respeito entre seus membros. Assim como os pais têm funções, papéis e responsabilidades, os filhos também os têm; é através desse relacionamento que começamos a entender e perceber os nossos direitos e deveres como cidadãos. A família representa o primeiro grupo social, no qual a criança convive desde o nascimento; nela, aprende a comportar-se diante das diversas situações que a vida lhe proporciona. A sociedade sofre transformações econômicas, culturais e sociais; conseqüentemente a família também acompanha estas transformações. Já a família "patriarcal", em que o homem tem o poder e o domínio perante a família, e a mulher é considerada submissa de lugar à família "nuclear", composta por pai, mãe e filhos (Outeiral, 1994), hoje, temos um tipo de arranjo familiar que não encontrávamos em épocas passadas: o arranjo "matrifocal", mais comumente presente nos segmentos de baixa renda, no qual a figura paterna é substituída pela figura da mãe, sendo ela a única responsável pelo sustento e educação dos filhos. A família, então, é constituída por mãe e filhos, os quais geralmente são advindos de relações sucessivas e eventuais companheiros (Desser, 1993).

Não existe uma família "modelo" e sim diferentes tipos de família: família ampliada (pais, filhos e outros parentes), famílias numerosas, família restrita, concubinato (uniões livres), famílias reconstituídas após separação, divórcios ou viuvez (com filhos de cada cônjuge ou dos dois), famílias poligâmicas, famílias monoparentais⁹.

⁹ Famílias monoparentais são aquelas constituídas por mães solteiras, mães viúvas, mães abandonadas, mães com vários filhos de pais diferentes, composta também por apenas um dos cônjuges, no caso de casais divorciados ou separados), famílias com filhos adotivos e outras (Werebe, 1998).

A família é vista como um núcleo no qual se desenvolve a cultura e se objetiva a natureza, porque é nela que os indivíduos (homens e mulheres) nascem, crescem, se reproduzem e morrem, ocorrendo, desse modo, o processo de continuidade das gerações. As atitudes sexuais são culturais mais do que inatas, sendo que, na família, surgem as bases das atitudes sexuais. Este grupo social é, também, local de sobrevivência, de ajuda mútua e de coesão material e moral, estrutura social da legitimação, da imposição da ideologia, marcando profundamente a estrutura psicológica do indivíduo (Guimarães, 1995).

O termo família, expressão inventada pelos romanos, é derivado de *famulus* (escravo doméstico), novo organismo social entre tribos latinas, quando a agricultura e a escravidão legal foram introduzidas. Esse organismo tinha um chefe, que mantinha sobre seu poder a mulher, os filhos, os escravos, tendo total poder de vida e morte sobre todos (Bilac, 1997).

Já, para Aquino (1997, p. 75):

a família compreende todo o campo emocional e histórico de pelo menos três gerações em qualquer momento dado. Os relacionamentos com os pais, irmãos e outras figuras familiares (consangüíneos ou não) passam por estágios diversos ao longo do ciclo de vida. Diferentemente de outras organizações, as famílias incorporam novos membros pelo nascimento, adoção e casamento, e estes só se separam de fato com a morte.

Quando pergunto ao grupo o que entendem por *família*, manifestam-se da seguinte forma:

Família são as pessoas que te ajudam e te dão estrutura. (Jonas)

As vezes um amigo é bem mais que um pai e uma mãe, por exemplo.
(Marcos)

Eu sou apaixonada pelo meu pai; se ele tivesse a minha idade eu casava com ele amanhã se possível; eu adoro o meu pai. é Deus no céu e o meu pai na terra (...) Eu acho que ser pai é mostrar valores.
(Rosane)

Logo após, comentei com o grupo, o que entendiam por estrutura na família:

Acho que depende da cabeça da pessoa, tu podes ter uma família super desestruturada e ter uma baita cabeça, mas também ter uma família super certinha, vai a igreja, faz tudo certinho e ser uma pessoa totalmente louca (...) Até porque é ao contrário: quem tem a maioria das coisas assim, não aproveita, entendeu, tu tens uma família estruturada, tu tens tudo para ti dar e tu não sabes aproveitar e acho que o cara que não tem para poder conquistar, ele parte do correto, agindo da melhor maneira para um dia poder conquistar, e o cara que já tem não dá valor e por isso sai fazendo besteira, já tem mesmo (...) Eu acho que a família influencia muito; eu fui criado no máximo da liberdade, eu, com seis anos, ia para o colégio sozinho, por isso, eu não acho que faça nenhuma bobagem. A liberdade é a melhor coisa que tem porque tu vai aprendendo, olhando as coisas, quando tu tens o apoio da família (...) Se tu faz coisas escondidas, não te abres com a tua mãe, tu não vai ter um relacionamento, e não vais ter os conselhos dela. (Jonas)

Como já referido, existem vários tipos de família. Geralmente, existe a presença de um pai, ou de uma mãe, ou dos dois e seus filhos, podendo existir outras pessoas ou não. Considero família, também, as pessoas que se ajudam, que convivem juntas e, de certa forma, proporcionam segurança umas às outras. É fundamental que seus membros se respeitem; na família, aprendemos a amar, a dialogar, a respeitar; é espaço no qual nos é transmitido educação.

De acordo com os depoimentos dos adolescentes, eles entendem e definem "família", associando-a a uma estrutura familiar, mas referem que, mesmo o adolescente tendo uma família estruturada, às vezes, ele não a valoriza. Somos seres humanos, e todo ser humano comete erros. Os momentos de conflitos, dificuldades e erros são inevitáveis em qualquer grupo social, portanto, também quando se vive em família. Concordo com Freire (1983) que o homem é um ser inacabado e capaz de refletir sobre si mesmo e está em constante busca; sendo assim, ele questiona o seu modo de viver no mundo. O modo de viver de cada um é diferente, surgindo, então, os conflitos; esses "conflitos" devem ser discutidos, repensados em família; tais momentos devem ser considerados conquistas, união, espaços de ajuda mútua pois o enfrentamento de dificuldades no grupo familiar favorecendo o seu amadurecimento e crescimento.

A educação informal, realizada pela família, exerce importância fundamental no desenvolvimento da criança e na formação de seus conceitos de família, amor e sexualidade. A educação é determinada pela organização e

estrutura da família, ou seja, pelo modo de ser de seus membros e pelas suas características. Os pais revivem, através da sexualidade de seus filhos, as marcas de sua própria sexualidade que os acompanha desde sua infância, podendo projetar, sobre os seus filhos, os seus temores e fantasmas trazidos desde sua infância (Werebe, 1998).

Normalmente, os pais têm ansiedade em relação aos problemas enfrentados pelos filhos, a qual aumenta se essas dificuldades têm relação com os seus próprios problemas que não foram bem resolvidos. Geralmente, lamentam pelo que não fizeram, como por exemplo: não ter estudado, não ter uma profissão específica, não ter aproveitado a sua adolescência. Podem projetar, em seu filho adolescente, uma possibilidade de obter satisfação pessoal. A tendência dos adultos é a imposição de idéias, e a repressão talvez como decorrência da maneira com que foram criados, quando não lhes eram permitidos questionamentos:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fossemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente (Freire, 1997, p.127).

Concordo com Freire, que não somos donos da verdade; o fato de sermos adultos não nos permite falar impositivamente com os adolescentes. Se quisermos realmente ajudar nossos filhos, é necessário comprometer-nos com a sua educação, romper barreiras as quais nos acompanham desde nossa infância, é preciso saber escutar o "adolescente".

Atualmente, as crianças e os jovens têm acesso a informações que chegam diariamente até nossos lares, principalmente, através da televisão. Os programas de televisão estimulam, muitas vezes, de maneira irresponsável, a atividade sexual precoce entre as crianças e adolescentes; as propagandas de cigarros, geralmente com pessoas jovens e bonitas, estimulam o hábito de fumar;

através da maneira de vestir e de dançar, estimulam a sensualidade das meninas e erotizam a mente dos meninos. Ainda, existem programas em que as pessoas são expostas a situações simuladas e ridículas em público. Existe uma inversão de valores humanos; essa geração está carente de reflexão e compromisso com a qualidade de vida de nosso planeta e da humanidade (Varela,1998). Não nos resta outra saída, a não ser o **diálogo** com os adolescentes, ajudando-os a gostarem de si, a respeitarem-se para que possam, assim, entender a importância de reconhecerem e valorizarem o próximo. Através dos depoimentos, percebo que alguns jovens enfrentam dificuldades para manifestarem os seus sentimentos pelo comprometimento do diálogo com os seus pais:

O meu pai tem esse problema, ele gosta mais de falar do que escutar o que os outros têm para falar e isso me irrita e acabo sempre deixando ele falando sozinho, porque eu me canso de escutar e vou embora. Converso mais com a minha mãe e com a minha madrasta do que com o meu pai; peço para a minha madrasta conversar com ele por mim (...) Fui falar para o meu pai que estava namorando e ele falou que eu não tenho maturidade para namorar; se ele acha que eu não tenho maturidade para namorar, eu vou falar com ele sobre sexo? Não falo, porque ele vai falar 'quem é tu para falar sobre isso?' (...) acha que eu não tenho liberdade para falar, se ele acha que, para namorar, eu não tenho maturidade, nem falo, nem perco o meu tempo. (Aline)

O meu pai me trata como um cara da rua, um qualquer, me dá só dinheiro. Eu faço tudo sozinho, mas não me importo, não sinto falta do meu pai, ele é muito grosso, eu não admiro ele em nada. Eu acho a minha mãe muito dez; os meus pais são separados, tudo que o meu pai não faz, a minha mãe faz, ela é pai e mãe. Eu tenho um tio que é como um pai para mim (...) o meu pai sempre foi muito durão, sempre acha que eu nunca vou ter nada, que não sei o que...eu não posso nada, nem me importo, nem perco o meu tempo. Sempre, qualquer problema que eu tive, eu conversei com a minha mãe (...) Eu vou conversar com o meu pai, o meu pai chega e me diz 'tu tens que fazer direito cara, tens que fazer direito e ser inspetor de polícia, porque é o que da dinheiro'; aí, eu digo: 'não adianta, eu quero fazer cinema;' 'mas tu não te faça. que para fazer esses bagulhos, tem que ter talento, tu é um Zé ninguém', vê se dá para conversar com o meu pai? (Jonas)

Freire (1983) define diálogo como um encontro entre a reflexão e a ação, exigência existencial, sendo fundamental que os sujeitos questionem o "estar no mundo", para que, de modo humanizado, possam transformar o agir e o refletir.

Não pode ser uma discussão hostil, polêmica, onde predomine a imposição de idéias: "O diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens" (Freire, 1980, p. 83).

Acredito que, se for dada ao jovem a oportunidade do encontro entre reflexão e ação, ele teria condições de entender melhor o seu processo adolecer e seu "estar no mundo", sentindo-se responsável e importante dentro de seu contexto social.

Conversamos sobre a importância do diálogo, na família e na escola, com os professores. Percebi que os adolescentes preferem conversar entre si, sentem-se mais compreendidos pelo grupo do qual fazem parte. Parece que, por mais que tenham liberdade com os seus pais, nem sempre conseguem manter um diálogo aberto; são omitidos os comportamentos que reconhecem que não seriam bem aceitos, se expostos aos seus pais:

A minha mãe se preocupa muito com o que eu faço, ela não está nem aí com o que falam dela, porque ela já está velha, já está casada; ela se preocupa comigo, porque tudo que eu fizer vai ter conseqüências depois (...) Eu não conto para minha mãe se tomei um porre ou não; só quando eu sei que os outros vão contar, e eu tenho uma baita liberdade com os meus pais, sempre falo tudo. (Mariana)

Aproveitei, então, esse momento para fazer uma reflexão com o grupo, em relação a importância do diálogo com os pais, uma tarefa que não é fácil, pois, geralmente, os filhos não gostam de ser contrariados em suas atitudes. A adolescência é um período difícil, no qual o jovem passa a ter mais responsabilidades e compromissos e nem sempre está preparado. Muitas vezes, afasta-se de seus pais sem perceber que não está dando chance para que ocorra uma maior aproximação:

O diálogo com os pais é de grande importância para o nosso crescimento pessoal e não é tarefa fácil. Geralmente, não gostamos de ser contrariados em nossas atitudes, a adolescência é um período difícil, passamos a ter mais responsabilidades e compromissos e nem sempre nos sentimos preparados. As vezes, nos afastamos dos nossos pais sem perceber que não estamos dando chance para que ocorra uma maior aproximação. (Denise)

Nem sempre as dificuldades enfrentadas pelos adolescentes são trazidas para serem discutidas na família, para que possam ser melhor compreendidas; sendo assim, eles procuram, fora de casa, as respostas para seus questionamentos. Conversando com os amigos, podem receber informações distorcidas, contrárias e com malícia, medos e fantasias. Cabe, então, aos pais e educadores, orientações e esclarecimentos a respeito das dúvidas que são trazidas pelos adolescentes (Costa, 1986).

O grupo percebe a importância do diálogo com os pais e reconhece a necessidade de ter um bom relacionamento em casa. Referem que, as vezes, o diálogo com os pais é muito difícil. Quando pergunto se eles sentem vontade de conversar com os pais a respeito das dúvidas que têm em geral os assuntos que costumam conversar, Luciano faz o seguinte comentário:

*Quando eu tenho vontade de conversar alguma coisa com a minha mãe, eu sirvo para ela um bagulho de vinho e converso (...) Geralmente, tu gostarias de conversar com o teu pai essas coisas, mas eu só converso com o meu tio; só que eu mais escuto o meu tio do que falo.
(Luciano)*

Já, Mendonça (1993) acredita que as crianças, durante o seu processo de crescimento, buscam informações gradativamente de acordo com o seu nível de entendimento e os pais devem atender as expectativas de seus filhos, de acordo com a faixa etária em que se encontram. Para que ocorra essa comunicação, é importante que os filhos tenham um espaço para o diálogo honesto e franco; assim terão, no ambiente familiar, um lugar para trazer os seus problemas, suas dúvidas e ter a certeza de que vão obter uma resposta criando um ambiente de compreensão, segurança e confiança.

Apresento, a seguir, as considerações finais.

CAPÍTULO VII

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existirá nunca uma pessoa que possua algo mais que seus próprios pensamentos.

Nem as pessoas, nem os lugares, nem as coisas poderão ser possuídas por muito tempo.

Percorreremos um trecho do caminho com eles mas, cedo ou tarde, todos teremos que nos apoderar de nossas verdadeiras posses / o que aprendemos, o que pensamos / e seguir pelas curvas solitárias do caminho.

Richard Bach

A implementação deste processo educativo, junto a um grupo de adolescentes de uma escola pública, fundamentado em Paulo Freire, teve como tema central a Sexualidade na Adolescência. Sua realização foi um desafio. Confesso que, no primeiro momento, me senti insegura e com muitas expectativas em relação a como seria a aceitação da minha proposta e, também, quanto à realização, pela primeira vez, de um trabalho que, para mim, era inovador.

Atribuo, também, o interesse em desenvolver esse trabalho, não somente para buscar algumas respostas a tais questões e aplacar minha ansiedade em relação ao tema, mas também pela necessidade de resgatar e reconstruir, internamente, uma parte da minha história, pois por mais idade que tenhamos, resta sempre muito da adolescência em todos nós. Tudo o que nos facultar uma compreensão melhor do passado, pode nos dar uma compreensão melhor do ser humano que somos no presente.

Gostaria de salientar que sempre me senti responsável em atuar diante dos problemas enfrentados pelos jovens quanto a sua sexualidade. No entanto, percebia que existia algo de errado. Reconheço, hoje, que, a partir deste trabalho, foi possível entender o verdadeiro caminho da educação. Percebo que involuntariamente, decidia, de modo independente e vertical o que considerava necessário ser transmitido, acerca da sexualidade dos jovens, podendo ser caracterizado, a partir de Freire (1983) como um modelo de educação bancária, pois aparentemente não estava preocupada em conhecer a realidade e a necessidade de aprendizagem desses adolescentes.

Conhecer o método de Paulo Freire oportunizou-me a conhecer outra realidade de educação, a educação libertadora, problematizadora, que considera a criatividade do educando, permitindo, assim, uma ação crítica baseada numa reflexão sobre uma situação real. A educação problematizadora tem como objetivo a tomada de consciência, através do diálogo, deixando de ser um ato dirigido, e tornando-se uma troca de experiências entre educador e educando, no qual as duas partes ampliam o conhecimento (Freire, 1983).

A construção do marco conceitual foi de fundamental importância, também, para a sua realização, pois norteou a prática assistencial implementada.

No decorrer da prática assistencial, considerei necessário acrescentar o conceito de **família**. Essa decisão decorreu da constatação de que é na família que deve ser resgatado o diálogo, assim como a importância do enfrentamento dos conflitos, neste espaço. Focalizamos esse conceito à medida em que os conflitos enfrentados foram discutidos e repensados, sendo entendido este processo como expressão de amadurecimento e crescimento.

Com este trabalho, percebi que existe a possibilidade de favorecer uma maior instrumentalização dos adolescentes no atendimento de sua sexualidade, já que os sujeitos participantes foram ativos, numa proposta, crítica e criticadora. Foi possível, então, entender melhor a sua realidade, os problemas e necessidades que vêm enfrentando no seu cotidiano e, a partir dessa realidade, fazer uma reflexão, com o grupo, na tentativa de implementar outras ações, mais coerentes com a sua condição de cidadãos.

Foram muitas as discussões em grupo. Durante as nossas reflexões em grupo, constatamos que:

- a passagem da infância para a adolescência é complicada; que qualquer atitude sua, mais descontraída, é encarada, e criticada pelos adultos, como manifestação de criança;
- apesar de existirem dificuldades de enfrentamento na adolescência, consideram importante esse período de transformação;
- ao expressarem sua compreensão da adolescência, reconhecem que existem conflitos próprios deste período e referem enfrentar uma verdadeira crise de identidade, percebendo-se perdidos frente às situações do dia a dia;
- existe curiosidade em vivenciar novas experiências, expectativas em relação a sua sexualidade; então, vão em busca de informações, as quais julgam necessárias para compreender as novas mudanças;

- o uso do preservativo é visto como necessário. Se só vão ficar, reconhecem a sua importância, embora ainda seja muito grande o número de adolescentes que se recusam a usá-lo e, então, arriscam-se em uma relação desprotegida, uma "transa" como costumam dizer. Mesmo que apontem a necessidade do preservativo, à medida que passam a ter um relacionamento mais sério (compromisso/namoro), ainda existe o preconceito em relação ao seu uso;
- há, também, outros motivos para não usarem o preservativo como: dificuldade no seu uso, por achá-lo incômodo; diminuição do prazer sexual; falta de compreensão sobre a sua importância; o temor dos homens de que, na relação sexual, não consigam a ereção;
- o "ficar", também, distingue-se no entendimento de adolescentes, existindo diferentes percepções;
- sentem-se, algumas vezes, angustiados em relação ao ato masturbatório devido ao grande número de mitos quanto à masturbação;
- a virgindade é mais exigida das mulheres, e as meninas mostraram-se mais preocupadas do que os meninos;
- o comportamento sexual da mulher e do homem é diferenciado e a aceitação desse comportamento na sociedade, também é diferente; foi questionado o preconceito em relação ao comportamento das mulheres;
- o direito de exercer a cidadania é um valor que faz parte da vida cotidiana;
- de certa forma, os adolescentes relacionam o uso de álcool com hábitos familiares;
- os adolescentes percebem o mal que as drogas causam ao organismo;
- os adolescentes percebem a importância de serem estabelecidos os "limites";
- têm dificuldade de diálogo com os pais e na escola, mas percebem a sua importância. Preferem conversar entre si, sentem-se mais compreendidos pelo grupo do qual fazem parte;

- nem sempre as dificuldades são trazidas para serem discutidas na família, apesar de reconhecerem a importância de ter um bom relacionamento em casa.
- o diálogo com os pais, as vezes, é muito difícil.

Com a construção deste processo educativo, pretendi compreender as dificuldades e os caminhos construídos pelos adolescentes. Para os itens já mencionados anteriormente, construímos juntos estratégias de ação, de acordo com cada situação vivida. Quando foram constatadas dificuldades de relacionamento dos adolescentes, conflitos, crises de identidade próprias da adolescência, refletimos e analisamos, partindo, do grupo, possíveis alternativas. Ajudei-os a encontrar os caminhos, mas a escolha e a decisão pertenceu ao grupo. Para o não uso do preservativo, problematizamos o que poderia ser vivenciado, as conseqüências, como por exemplo, a gravidez não planejada, e a possibilidade de contrair DST/AIDS. A maioria dos jovens conhece e sabe a importância do uso do preservativo, mas não são todos que o usam, e então, arriscam-se a uma relação desprotegida. Foram, então, pensadas estratégias a serem utilizadas para assegurar o cuidado do próprio corpo no uso da sexualidade, o que se associou ao exercício da cidadania.

O significado para os adolescentes do "ficar" esteve presente nesses diálogos. Questões referentes à masturbação foram abordadas, como os "mitos" a respeito do ato masturbatório, sua associação com a erupção de espinhas, dentre outros; muitas destas dúvidas foram esclarecidas, vistas sem preconceitos e como um ato normal da sexualidade do adolescente. A virgindade, também, foi discutida no grupo, refletimos o seu conceito e importância em outras gerações, e o seu significado, hoje, na vida dos jovens. O comportamento sexual do homem e da mulher foi focalizado; resgatamos questões culturais e históricas. O grupo discutiu e refletiu questões ligadas à sexualidade do homem e da mulher e também os caminhos que os jovens vêm percorrendo para compreender a sua sexualidade.

Alguns referem ter adquirido conhecimentos acerca de sua sexualidade, em casa, com os pais irmãos e na escola, através de palestras. Admitem,

entretanto, que, com alguns professores, a informação é trazida "pronta" para o aluno, com o risco desse saber não ser de seu interesse naquele momento; em suas casas, nem sempre há espaço para que sejam esclarecidas as dúvidas. Pude perceber que, na maioria das vezes, os jovens preferem conversar com os amigos ou nos seus grupos, sobre as suas dúvidas em relação a sua sexualidade.

Discutimos, então, que nem sempre os seus amigos estão preparados para esclarecerem as dúvidas que podem surgir, reforçando que o melhor caminho para o enfrentamento e a explicitação de dúvidas poderia ser a família, já que as informações recebidas no grupo ou através de amigos podem ser transmitidas de forma distorcida, causando mais ansiedade no adolescente, devido aos mitos e preconceitos que ainda existem em relação à sexualidade.

Deste modo, a responsabilidade dos pais e sua participação na educação de seus filhos surgiram com intensidade nas discussões. Acreditam no diálogo como caminho e estratégia para uma nova educação. No grupo, tivemos espaço para o diálogo, os jovens expressaram suas questões e também ouviram as dos colegas e, como facilitadora, procurei expor a realidade, as possíveis conseqüências de muitas das situações expostas pelo grupo. O grupo percebe e reconhece o uso de drogas, como um ato de perigo e de ameaça à vida, mas nem sempre conseguem recusar e decide correr riscos. Refletimos as possíveis causas que levam o jovem a consumir drogas e as conseqüências desse ato.

Foram observados os fatores que podem levar o adolescente a consumir drogas. Podem ser individuais e sociais, podendo estar relacionados com a família e com o "grupo de iguais". Os fatores de risco para o uso de drogas podem ter um impacto diferente, dependendo da fase de desenvolvimento em que o indivíduo se encontra. No grupo, quando conversamos a respeito do uso do álcool, alguns acreditam que exista uma reprodução de práticas familiares e que o primeiro contato com o álcool acontece na família com os pais. Acreditam que, de certa forma, os pais são responsáveis pelo consumo de álcool de seus filhos. Os fatores sociais seriam na sociedade onde convivem, devido aos jovens enfrentarem desafios diariamente em nosso contexto social; vivencia situações de

risco, e concomitantemente existe curiosidade em descobrir sensações diferentes, em viver perigosamente e encarar desafios sendo fundamental o diálogo e o apoio da família.

Após reflexão das situações vividas, o adolescente parece entender e perceber o conceito de cidadania, como um direito fundamental do cotidiano, das relações tanto para com os outros, como para si próprio. Entendo que só após problematizarmos as situações, podemos construir novas estratégias de ação.

Para ocorrer uma transformação desse quadro, através do diálogo franco com os nossos adolescentes e dando a oportunidade de opção, ajudando-os também nessa escolha, considero que a prática que implementei constitui-se em um caminho a ser percorrido como opção de educação. Construímos juntos um processo educativo, em que os temas abordados partiram do interesse do grupo. No momento em que os adolescentes têm a oportunidade de abordar as suas expectativas e necessidades, sentem-se responsáveis pelo processo.

Parece-me que a sexualidade, e os demais temas nela envolvidos, como as práticas sexuais, a gravidez, o planejamento familiar, dentre outros, estão muito relacionados à cultura. Assim, torna-se difícil mudar essa realidade, os valores, as crenças, pois o modo de ser das pessoas vem sendo apresentado e transmitido de gerações passadas. Acredito, também, que nem sempre se teve espaço para a discussão destes temas.

Já que somos seres históricos, fazemos parte de uma história, somos também responsáveis pela transformação da realidade. Os diálogos que surgiram no grupo possibilitaram uma troca de saberes, no qual tivemos a oportunidade de ensinar e aprender. Acredito que dando oportunidade de escolha para o adolescente, identificando com eles as suas necessidades e auxiliando-os na busca de soluções, de modo que percebam o seu lugar e a sua importância dentro do contexto social, estaremos, então, educando.

Os encontros deram-me a oportunidade de compartilhar com o grupo o meu saber científico, contribuindo para a construção do processo de cidadania desses adolescentes no sentido de ajudá-los a conhecer a si, conhecer a

anatomia e fisiologia de seu corpo, entender melhor a sua sexualidade, e ter espaço para a discussão de questões do seu interesse.

Assim, percebi que, através da realização deste trabalho, o objetivo de construir um processo educativo, com um grupo de alunos adolescentes de uma escola pública, baseado em alguns conceitos de Freire, focalizando a sexualidade, tendo em vista o seu processo de cidadania, foi alcançado. Os alunos, durante as suas reflexões, consideraram válido esse momento.

Tivemos a possibilidade de compreender o diálogo como uma construção em que os atores podem divergir, precisando reconhecer, no entanto, o direito de falar e o dever de ouvir, apesar das idéias divergentes.

Gostaria de ilustrar esse momento através dos depoimentos de Aline e Jonas:

Para mim mudou algumas coisas, que antes eu fazia sem pensar, agora eu até penso antes de fazer. Reflito mais (...) antes não tinha muito assunto, no início mas... Vinha mais para escutar, mas agora já consigo conversar com o grupo sobre as minhas dúvidas (...) Nesses encontros foi tudo tão bom, a gente falava, dava às nossas opiniões, tu concordavas, de vez em quando tu discordavas, e falavas porque tu discordavas, eu acho que foi bem válido. (Aline)

Eu acho que, para mim, não mudou muita coisa porque eu acho que as minhas idéias vão de acordo, a maioria das minhas idéias mas foi bom, é legal a gente ter conversado sobre algo interessante. (Jonas)

A partir desse trabalho, pretendo continuar na busca de uma maior instrumentalização dos adolescentes no atendimento de sua sexualidade. Primeiramente, gostaria de retornar à escola onde realizei a prática educativa, na tentativa de resgatar o grupo para, juntos, encontrarmos um caminho para dar continuidade nesse processo na escola. Ainda, pretendo implementar, junto aos professores, um processo educativo focalizando a sexualidade, tendo em vista a percepção da sua desinstrumentalização para trabalhar este tema com seus alunos.

Atualmente, trabalho numa unidade de saúde da prefeitura, e também numa escola de ensino médio e pós médio, estando motivada em dar continuidade nesse trabalho em outros espaços e com outros sujeitos. Acredito ser um dos caminhos para que, futuramente, possamos ter adultos mais conscientes, responsáveis e preparados para vivenciar sua sexualidade, assim como de gerações futuras.

BIBLIOGRAFIA

Não existem erros. Os acontecimentos que atraímos para nós, por mais desagradáveis que sejam, são necessários para aprender.

O que necessitamos aprender; todos os passos que damos são necessários para chegar ao ponto que escolhemos.

Richard Bach

ADOLESCENTES: Salud de la reproducción. Network en español – *Family Health Internacional* (FHI), EE.UU, v.17, n.3, p. 9, 1997.

ALMEIDA, Maura Maria Guimarães de. O enfermeiro no planejamento familiar. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 38, n. 3/4, p. 215-230, 1985.

ALONSO, Ilca Lucikelle. **Buscando caminhos para viver saudável**: uma prática educativa da enfermagem, voltada às mulheres mães de primeira viagem, em seus enfrentamentos cotidianos. 1994. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

ANDRADE, Rosires Pereira de; MELLO, Claudete Regiani. *Temas de sexualidade humana*. São Paulo: Relisul, 1996.

AQUINO, Julio Groppa (Org). *Sexualidade na escola*: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

ARAÚJO, Ednaldo Cavalcante de. *Aspectos biopsicossociais na sexualidade dos adolescentes*: assistência de enfermagem. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1996. p. 90.

ÁVILA, Maria Tamara Porto de. A função educativa na prevenção do consumo abusivo de drogas. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (Org.). *Saúde e sexualidade na escola*. Porto Alegre: Meditação, 1998.

BACKER, Ângela Lângaro. "Aborrecência" de quem? In: JERUSALINSKY, Alfredo et al. *Adolescência*: entre o passado e o futuro. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

BÉRIA, Jorge (Org). *Ficar, transar... a sexualidade do adolescente em tempos de AIDS*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.

BILAC, Elisabete Dória. Família: algumas inquietações. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Cortez, 1997.

BOEHS, Astrid Eggert. **A prática do cuidado ao recém-nascido e sua família:** baseado na teoria transcultural de Leininger e na teoria do desenvolvimento da família. 1990. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

BOCARDI, Maria Inês Brandão. **Gravidez na Adolescência:** o parto enquanto espaço do medo. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

BOGASKI, Nara Terezinha. O exercício da sexualidade na adolescência: buscando caminhos para redução de riscos. **Programa – Livro de resumo.** Florianópolis, p. 86, 1999. (Resumo).

BRANDÃO, C. R. **O que é o método Paulo Freire.** 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde [e] Secretaria de Assistência à Saúde - Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente. **A saúde de adolescentes e jovens: uma metodologia de auto-aprendizagem para equipes de atenção básica de saúde,** Brasília, 2000. 122 p. módulo 1.

_____. Secretaria de Assistência à Saúde. **Normas de atenção à saúde integral do adolescente.** Brasília, DF, 1993.

BRITO, V. H. **Desvelando o processo ensino-aprendizagem da assistência de enfermagem:** ação e reflexão sobre a realidade com o corpo discente. 1997. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

BUCHABQUI, Jorge Alberto (Org). **Promovendo a saúde da mulher.** Porto Alegre: UFRGS, 1995.

BUSETTI, Gemma Rocco (Org); PENNA, Lucy Coelho *et al.* **Saúde e qualidade de vida.** São Paulo: Fundação Peirópolis, 1998.

CABRAL, Juçara Teresinha. **A sexualidade no mundo ocidental.** Rio de Janeiro: Papyrus, 1997.

CADETE, Matilde M. M. *Da adolescência ao processo de adolescer*. 1995. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

CAMARGO, Climene Laura de *et al.* Produção científica de enfermagem acerca da gravidez na adolescência publicados nos livros resumos dos Congressos Brasileiros de Enfermagem nos últimos 5 anos. *Programa – Livro resumo*. Florianópolis, p. 423, 1999. (Resumo).

CAMPANA, Arturo. *Mujer*. Trabajo y Salud. Canadá: CEAS, 1994.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi *et al.* Auto-imagem na adolescência. *Programa – Livro resumo*. Florianópolis, p. 425, 1999. (Resumo).

CAPRA, F. *A teia da vida*. uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARVALHO, Maria do Carmo de (Org). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 1997.

CASTRO, Diego; SPECHT, Patrícia. Mais jovens gestantes no Estado. *Zero Hora*, Porto Alegre, p. 38.

CATONNÉ, Jean-Philippe. *A sexualidade, ontem e hoje*. São Paulo: 1994. (Coleção questões da nossa época, v. 40).

COELHO, Paulo. *Palavras essenciais*. São Paulo: Vergara & Riba, 1998.

COSTA, Moacir. *Sexualidade na adolescência dilemas e crescimento*. Porto Alegre: L & M, 1986.

CURTY, Fernando Freitas *et al.* Adolescentes e Sexo: muitas pílulas e poucas camisinhas. *Programa – Livro. Resumo*. Florianópolis, p. 87, 1999. (Resumo).

DESSER, Nanete Ávila. *Adolescência, sexualidade e culpa*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

EDUCAÇÃO E REALIDADE. Porto Alegre: UFRGS, v.15, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

ERICKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Harper & Row, 1979.

FANTIN, Maristela. **Construindo cidadania e dignidade**: experiências populares de educação e organização no Morro do Horácio. Florianópolis: Insular, 1997.

FERIS, Elisabeth Schmidt. **A medicação pedagógica na prevenção ao uso de drogas psicotrópicas**. 2000. Tese (Doutorado) - Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2000.

_____. **Técnicas grupais**. Rio Grande, 2000.

FERREIRA, Silvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do; BESSA, Lucineide Frola; FERREIRA, Terezinha de Freitas. Opiniões de mulheres e homens a respeito da utilização dos métodos contraceptivos. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 246-259, 1997.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Ação cultural para a libertação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.42-64.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

- _____. **Extensão ou comunicação**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GADOTTI, Moacir. **Histórias das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993.
- GARCIA, Telma Ribeiro. Representações de gestantes adolescentes solteiras sobre de sua problemática psicossocial. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 38, n. 3/4, p. 281-288, 1985.
- GASPAR, Malu; LAMBERT, Priscila. Adolescente faz metade dos abortos legais. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 1, c. 3, 1998.
- GEORGE, Júlia B. **Teorias de enfermagem: os fundamentos para a prática profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GIORGI, M. D. M. **O idealizado e o realizado no ensino da assistência de enfermagem**. 1997. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- GONZAGA, Amaury Ângelo. **Educação popular em saúde: do permitido monólogo da doença às ações coletivas dialógicas em saúde**. PEN/UFSC, 1994.
- GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola mito e realidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- GUIMARÃES, Alzira Maria D'Ávila Nery. Métodos Anticoncepcionais e Adolescência: uma realidade em escolas públicas de Aracajú. **Programa - Livro resumo**. Florianópolis, p. 421, 1999. (Resumo).

HEIDMANN, Ivonete Terezinha Schuller Buss. *Participação popular na busca de uma melhor qualidade de vida*: uma alternativa. PEN/UFSC, 1994.

JERUSALINSKY, Alfredo *et al.* *Adolescência entre o passado e o futuro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

JUSILD, Arthur T. *Psicologia da adolescência*. São Paulo: Nacional, 1977.

LA educación retrasa el inicio de la vida sexual. Network en español – *Family Health Internacional* (FHI), EE.UU, v. 17, n. 3, p. 14-15. 1997.

LAS normas de género influyen en los adolescentes. Network en español – *Family Health Internacional* (FHI), EE.UU, v. 17, n. 3, p. 10-13. 1997.

LEININGER, Madeleine. Teoria do cuidado transcultural: diversidade e universalidade. In: 1º SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 1985, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis, 1985.

_____. *Culture care diversity and universality*: a theory of nursing. Nova Iorque: National League for Nursing Press, 1991.

LIMA, Camila. Por que não eu? Na maioria das famílias, os meninos ainda podem mais. *Carícia*, São Paulo, n. 356, p.16-18, jul. 2000.

LINS, Lenes Clécia Saraiva; PEREIRA, Eduardo Maria D. R.; LIRA, Ida Vieira de. Como anda a educação sexual dos jovens. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 41, n. 2, p. 123-131, abr./jun. 1988.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar R. Estermann (Org). *Saúde e sexualidade na escola*. Porto Alegre: Meditação, 1998.

LUDKE, M. ; ANDRÉ, M.E.D. *Pesquisa em educação*: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.V., 1986.

LUZ, Anna Maria Hecker; CASTRO, Marta L. Sisson de. Mães adolescentes na sociedade riograndense: saúde e pressões sociais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 48, n. 4, p. 379-400, out/dez. 1995.

MADUREIRA, V. *Eu, você-nós: co-participes no educar*. 1994. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

MARTINS, Júlio de Oliveira. O menor infrator: aspectos teóricos e práticos. In: JERUSALINSKY, Alfredo *et al. Adolescência: entre o passado e o futuro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

MENDES, Fernanda Cardeal. Percebendo o relacionamento sexual: sentimentos e vivências de adolescentes. *Programa - Livro resumo*. São Paulo, p.120, 1996. (Resumo).

MENDONÇA, Angela Maria G. de. Uma responsabilidade dos pais? In: RIBEIRO, Marcos (Org). *Educação sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

MEYER, Dagmar E. Estermann (Org). *Saúde e sexualidade na escola*. Porto Alegre: Meditação, 1998.

MINAYO, Maria Cecília S. *et al. Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORIYA, Tokico Murakawa; TAVARES, Maria Solange Guarino; OLIVEIRA, Maria Helena Pessini de; GIR, Elucir. O que os jovens sabem sobre doenças sexualmente transmitidas? *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 38, n. 3/4, p. 300-305, jul/dez. 1985.

MUELLER, Maria Helena Henriques; Y. YUNES, João. Adolescência: Equivocaciones y Esperanzas. In: GÓMEZ, Elsa. *Género, mujer salud en las Américas* - Washington, D.C.: Organización Panamericana de la salud, 1993.

MUUS, Rolf. *Teorias da adolescência*. Belo Horizonte: Andrade, 1979.

NEVES, E. P.; GONÇALVES, L. H. T. As questões do marco teórico nas pesquisas de enfermagem. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 3, 1984, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: UFSC, 1984, p. 210-229.

NEVES, Eliane Tatsch; SOCAL, Eliane S. Gravidez na Adolescência: um perfil de puérperas adolescentes na Rede Pública de Santa Maria – RS. **Programa – Livro de resumo**. Florianópolis, p. 422, 1999. (Resumo).

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. São Paulo: Papirus, 1997.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **La salud de los jóvenes o un reto y una esperanza**. Genebra, 1995.

OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer: estudos sobre a adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

PAIVA, Vera. Sexualidade adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (Orgs.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: IMS/UERJ, 1996. p. 213-234.

PATRÍCIO, Zuleica Maria. **A prática de cuidar/cuidado à família da adolescente solteira e seu recém-nascido através de um marco conceitual de enfermagem de enfoque sócio-cultural**. 1990. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1990.

PATRÍCIO, Zuleica Maria; LOEFFLER, Carin Iára; ANDRADE, Terezinha. Nas representações de meninas sobre sexualidade-reprodução a construção do ser mulher e do ser homem. **Texto Contexto Enfermagem**. São Paulo, v. 3, n. 1, p. 198-218, jan./abr. 1997.

PENNA, Lucy Coelho. Toque sem medo: Sexualidade em educação. In: BUSETTI, Gemma Rocco; PENNA, Lucy Coelho; FRANÇA, Luiz F. da C. *et al.* **Saúde e qualidade de vida**. São Paulo: Petrópolis, 1998. (Temas Transversais, v. 3, p. 55-74).

PEREIRA, Lucia Serrano. *Essa Metamorfose Ambulante*. In: JERUSALINSKY, Alfredo *et al. Adolescência: entre o passado e o futuro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

PIKUNAS, Justin. *Desenvolvimento humano uma ciência emergente*. São Paulo: Mc. Graw-Hill do Brasil, 1979.

RIBEIRO, Cláudia. *A fala da criança sobre sexualidade humana, o dito, o explícito e o oculto*. Campinas: Universidade Federal de Lavras, 1996. (Dimensões da Sexualidade).

RIBEIRO, Marcos (Org); ALMEIDA, Delfina de *et al. Educação sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

RICHARD, Bach. *Mensagens para sempre*. São Paulo: Vergara & Riba, 2000.

RIETH, Flávia; LEQL, Ondina Fachel. Amor e Sexualidade / Ficar, namorar: desvendando práticas e representações adolescentes sobre sexualidade / Análise qualitativa: avaliação parcial do impacto logo após a intervenção / "Está sempre aparecendo na TV": avaliação do impacto dois anos após a intervenção. In: BÉRIA, Jorge (Org). *Ficar, transar ... a sexualidade do adolescente em tempos de AIDS*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.

RODRIGUES, Maria da Graça Soler. *Um processo de educação em saúde desenvolvido com um grupo de mães de crianças com algum grau de desnutrição*. 2000. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

RODRIGUES JÚNIOR, Osvaldo Martins. Os conflitos sexuais na adolescência. In: RIBEIRO, Marcos (Org). *Educação sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

SANTOS, Cláudia. Sexualidade: visão e vivência de adolescentes. *Programa – Livro resumo*. São Paulo, p. 66, 1996. (Resumo).

SARTI, Cynthia A. Família e individualidade: Um problema moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: [s.n.], 1997.

SAUPE, Rosita. **Educação em enfermagem**: da realidade construída à possibilidade em construção. Florianópolis: UFSC, 1998.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (Org) **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

SCAVONE, Lucila (Org). **Tecnologias reprodutivas**: gênero e ciência. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996.

SCHMITT, Márcia. **Percepção do trabalho como componente da saúde de um grupo de trabalhadores em uma empresa frigorífica**. 1997. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1990.

SECRETARIA DA JUSTIÇA E DA SEGURANÇA DO RIO GRANDE DO SUL - CONEN/RS, Conselho Estadual de Entorpecentes. **Prevenção do uso de drogas entre crianças e adolescentes**: um manual baseado em pesquisas. Porto Alegre: [s.n], 1997.

SILVA, Carmem Duarte da. Escola e sexualidade do adolescente. In: BÉRIA, Jorge (Org). **Ficar, transar ... a sexualidade do adolescente em tempos de AIDS**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.

SILVA, Maria Cristina Szezech Cerqueira e. Sexualidade do Adolescente. In: ANDRADE, Rosires Pereira de; MELLO, Claudete Regiani. **Temas de sexualidade humana**. São Paulo: Relisul, 1996.

SIQUEIRA, Marluce Miguel de. Seguimento de enfermagem a adolescentes e mães de adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 42, n. 1, 2, 3/4, p. 141-145, jan/dez. 1989.

SIQUEIRA, H. C. H. **Construção de um processo educativo, através do exercício da reflexão crítica sobre a prática assistencial integrativa, com um grupo de enfermeiros de um hospital universitário**. 1998. Dissertação

(Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

SOUZA, Neila Santini de; COSTENARO, Regina G. Santini (RE). Pensando a Sexualidade na Adolescência. **Programa – Livro resumo**. Florianópolis, p. 81, 1999. (Resumo).

SUDBRACK, Maria Auxiliadora Pastor. Escrevendo o Adolescer. In: JERUSALINSKY, Alfredo *et al.* **Adolescência**: entre o passado e o futuro. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

SUPLICY, Marta. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

TRENTINI, Mercedes. Relação entre teoria, pesquisa e prática. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 135-144, ago. 1987.

VARELA, Zulene Maria de Vasconcelos; SILVA, Raimunda Magalhães da; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. **Dimensões do cotidiano**: Violência doméstica, saúde da mulher e desempenho no trabalho. Fortaleza: Pós-graduação/DENF/UFG, 1998.

VITIELLO, Nelson. Gravidez na Adolescência. In: RIBEIRO, Marcos (Org). **Educação sexual**: novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

WEIL, Pierre; TOMPAKON, Roland. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. Petrópolis: Vozes, 1986.

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, política e educação**. São Paulo: A. Associados, 1998.

WOSNY, A. M. **Nasce o sol nascente**: organização popular numa perspectiva problematizadora de educação e saúde. 1994. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

ANEXOS

Anexo A – Autorização para desenvolver o trabalho na escola

Pelotas, ____ de _____ de 1999.

Ilm^o.(a.) Sr.(a.) Diretora da Escola I. E. Juvenal Müller

Senhor (a) Diretora:

Ao cumprimentá-la cordialmente, venho por meio deste solicitar sua autorização para desenvolver um Processo Educativo, com um grupo de adolescentes, com vistas à realização da prática Assistencial para a minha Dissertação de Mestrado. Sou aluna regular do Curso de Mestrado em Assistência de Enfermagem – UFSC/UFPEL/FURG/URCAMP, e minha orientadora é a professora Doutora Enfermeira Valéria Lerch Lunardi.

O grupo junto ao qual pretendo trabalhar, será composto de no máximo 15 adolescentes. O tema a ser desenvolvido na Prática Assistencial é sexualidade na adolescência e os demais temas nela envolvidos, que forem de interesse e necessidade dos participantes.

Terei presente o compromisso ético em resguardar todos os sujeitos envolvidos no trabalho, assim como a Escola.

Na certeza de contar com vosso apoio, desde já, agradeço pela oportunidade, ao mesmo tempo em que me coloco ao inteiro dispor para outros esclarecimentos.

Atenciosamente

Ciente. De acordo

Denise Duarte Grafulha da Costa

Data: _____

Mestranda

Assinatura da diretora da Escola: _____

Anexo B – Convite para reunião na escolaIlm^o.(a.) Sr.(a.)

Prezados pais

Venho respeitosamente através do presente, convidar os senhores a participarem de uma reunião que será realizada na escola para esclarecimento da proposta a ser desenvolvida como um Processo Educativo, focalizando a sexualidade na adolescência e os temas nela envolvidos, através de discussões e reflexões com um grupo de alunos.

Na certeza de contar com vosso apoio desde já agradeço.

Atenciosamente

Data: _____

Denise Duarte Grafulha da Costa
Mestranda

Local: _____

Assinatura dos pais ou responsável: _____

Anexo C – Consentimento livre e esclarecido dos pais ou responsáveis dos alunos participantes

Ilm^o.(a.) Sr.(a.)

Prezado(a) _____

Venho respeitosamente através do presente, solicitar sua colaboração no sentido de autorizar seu filho(a) a participar do trabalho de Prática Assistencial que será por mim desenvolvido na escola para a construção da minha Dissertação de Mestrado.

O objetivo do trabalho é construir um Processo Educativo (PE) em grupos, focalizando a sexualidade na adolescência e os temas nela envolvidos, através de discussões e reflexões em grupo.

A orientadora do trabalho é a professora Doutora Enfermeira Valéria Lerch Lunardi.

Asseguro o compromisso com o sigilo e a ética neste trabalho, respeitando a privacidade de cada participante.

Pelo presente consentimento livre e esclarecido, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, dos objetivos, da justificativa e da forma de trabalho. Fui igualmente informado(a):

- Da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos temas geradores;
- Da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e desautorizar meu filho de participar do trabalho, sem que nos traga qualquer prejuízo;
- Da segurança de que não seremos identificado(a) e que se manterá o caráter confidencial das informações relacionadas a nossa privacidade;
- De que serão mantidos todos os preceitos ético-legais durante e após o término do trabalho;
- Do compromisso de acesso às informações em todas as etapas do trabalho bem como dos resultados, ainda que isso possa afetar minha autorização para meu filho(a) de continuar participando.

Responsáveis pelo trabalho: Mestranda Denise Duarte Grafulha da Costa – Fone:

(053) 231-7074

Faculdade de Enfermagem/UFPEL

Fones/FAX: (053) 271-3031 - Pelotas/RS.

Orientadora Valéria Lerch Lunardi

Fone: (053) 235-1448

Local e Data: _____

Assinatura do responsável pelo aluno participante do projeto:

Anexo D – Consentimento livre e esclarecido do participanteIlm^o.(a) Aluno(a)

Prezado(a) _____

Venho respeitosamente, através do presente, solicitar sua colaboração no sentido de participar do grupo de adolescentes tendo como tema a sexualidade na adolescência, em uma Prática Assistencial que será, por mim desenvolvida para a construção de minha Dissertação de Mestrado.

O objetivo do trabalho é construir um Processo Educativo em grupo, focalizando a sexualidade na adolescência e os temas nela envolvidos, através de discussões e reflexões em grupo.

A orientadora do trabalho é a professora Doutora Enfermeira Valéria Lerch Lunardi.

Asseguro o compromisso com o sigilo e a ética neste trabalho, respeitando a privacidade de cada participante.

Pelo presente consentimento livre e esclarecido, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, dos objetivos, da justificativa, da forma de trabalho,. Fui igualmente informado(a) quanto:

- a garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos temas geradores;
- a liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do trabalho, sem que me traga qualquer prejuízo;
- a segurança de que não serei identificado(a) e que se manterá o caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade;
- a que serão mantidos todos os preceitos ético-legais durante e após o término do trabalho;
- ao compromisso de acesso às informações em todas as etapas do trabalho bem como dos resultados, ainda que isso possa afetar minha vontade de continuar participando.

Responsáveis pelo trabalho: Mestranda Denise Duarte Grafulha da Costa – Fone:

(053) 231-7074

Faculdade de Enfermagem/UFPEL

Fones/FAX: (053) 271-3031 - Pelotas/RS.

Orientadora Valéria Lerch Lunardi

Fone: (053) 235-1448

Local e Data: _____

Assinatura do Participante: _____